

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO – MAPSI

PÁDUA CUSTÓDIO BEZERRA DA SILVA

NARRATIVAS DE UM GAY SOBRE O PROCESSO DE “SAÍDA DO ARMÁRIO”

PORTO VELHO – RO

2017

PÁDUA CUSTÓDIO BEZERRA DA SILVA

NARRATIVAS DE UM GAY SOBRE O PROCESSO DE “SAÍDA DO ARMÁRIO”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Psicologia Escolar e Processos Educativos

Orientadora: Dra. Lílian Caroline Urnau.

PORTO VELHO – RO

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

S586n **Silva, Pádua Custódio Bezerra da.**

Narrativas de um gay sobre o processo de "saída do armário" / Pádua Custódio Bezerra da Silva. -- Porto Velho, RO, 2017.

112 f.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Lilian Caroline Urnau

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Coming out. 2.Expressão sexual. 3.Processos subjetivos. 4.Psicologia.
I. Urnau, Lilian Caroline. II. Título.

CDU 159.98

DEDICATÓRIA

Dedico esta produção a todxs aquelxs que, dia após dia, enfrentam a dura batalha interna e externa em relação à saída definitiva do armário, mas que por vezes são empurrados novamente para dentro dele, devido a inúmeras pressões sociais e familiares.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que permitiu que eu fosse este ser que sou hoje, gay, com orgulho em dizer, e assumindo todo o peso que esta condição acarreta em minha vida e relações; que me segurou e fortaleceu para o enfrentamento de uma sociedade heterossexista e, ainda, preconceituosa.

À minha doce e querida orientadora, Dra. Lilian Caroline Urnau, por estar sempre atenta e preocupada com minhas angústias e inseguranças; por aceitar a árdua missão de orientar um trabalho que lhe tirou de sua zona de conforto e lhe exigiu muito enquanto orientadora. Obrigado por me permitir compartilhar minha história, e por me apresentar mais profundamente a ciência e a pesquisa, de forma sutil e prazerosa.

Ao meu esposo, Adailton, por ter sido compreensível em meus deslocamentos a Porto Velho e, conseqüentemente, minhas ausências semanais durante quase um ano, e que se estenderam durante mais um ano e meio, em ausências mesmo presente, em momentos infundáveis nos quais precisei me dedicar a esta dissertação. Sou grato por estar sempre ao meu lado e por muitas vezes me dar forças e confiar em mim, em momentos nos quais nem eu mesmo confiava.

Aos meus pais, Maria e Antônio, e meu irmão, Pablo, que me ensinaram, na rigidez das suas crenças sociais e religiosas, que eu posso lutar e ser feliz, independentemente das resistências e rejeições. Obrigado pela dureza de vossas palavras e ações, e por me fazerem aprender a caminhar, muitas vezes sem olhar para trás.

Às minhas primas que me acolheram em sua casa e me auxiliaram durante todo o processo de idas e vindas para a realização do mestrado. Sem negligenciar as demais, gostaria de agradecer a todas em nome de Kátia Maria, que apesar de prima, me tratou como filho, torceu, orou e esteve sempre solícita às minhas mínimas necessidades.

À minha amada tia Alda (*in memoriam*), uma mulher que me ensinou que o amor verdadeiro não tem preconceitos nem discriminação. Uma mulher simples, mas cheia de sabedoria, e que tinha o dom de fazer-me sentir bem e feliz, não importando como eu estivesse. Onde estiver, saiba que a amo muito.

À minha coordenadora, Vera Alice, que além de coordenadora é uma grande amiga, que me liberou em situações nas quais as obrigações do mestrado me pediam para me ausentar da instituição em que sou docente e me deu forças para prosseguir, sempre acreditando em meu potencial. Obrigado também por ter sido um apoio, mesmo sem ter se dado conta, durante o processo de *coming out*.

Ao psicólogo e amigo, Marck Torres, que foi meu orientador durante a graduação, e hoje é meu colega de trabalho! Sem você, meu amigo, não teria chegado até aqui, pois você esteve ao meu lado, direcionando-me e orientando-me desde o momento inicial de proposta para ingresso na Pós-Graduação, pensando comigo e indicando os melhores caminhos.

À minha diretora acadêmica, Vanessa Igami, por permitir e compreender minhas ausências e por, mesmo à distância, torcer pelo meu sucesso. Ainda me lembro do bilhete, que com carinho me deixaste junto ao diploma de graduação, com palavras de afeto e incentivo. Obrigado por gostar de mim gratuitamente, e saiba que o carinho é recíproco.

Aos meus alunos, que foram compreensivos sempre que tive que me ausentar e precisei realizar reposições de aula. Obrigado por me acolherem em sala de aula, sempre com doces sorrisos, revigorando minhas forças, mesmo quando chegava à sala cansado da viagem que fazia, semanalmente, de ida e vinda entre Rio Branco e Porto Velho. Obrigado por me aceitarem com minhas diferenças, por me fazerem sentir importante nas minhas particularidades e por me olharem enquanto pessoa, e não enquanto rótulo.

Aos professores do programa de mestrado em psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR: Luís Alberto Matos, Iracema Tada, Elizabeth Martines, Ana Maria Sousa e Juracy Pacífico, por me fazerem sentir parte do programa e por caminharem ao meu lado, me dando orientações preciosas no momento inicial do mestrado. Obrigado por me mostrarem que ser professor é também despendar afeto e sutileza.

Aos amigos do mestrado, com quem dividi infindáveis momentos de angústia, mas que serviram como um verdadeiro grupo de ajuda mútua nesses momentos. Também aprendi muito com cada um de vocês.

À profa. Marli Lúcia Zibetti, que me auxiliou durante todo o percurso do mestrado. A primeira professora que conheci, ainda no dia da entrevista para ingresso no programa. Aquela que, com sua postura acolhedora (ainda que metodologicamente rigorosa), me fez sentir que este era o lugar onde eu deveria ficar.

Aos professores Leonardo Lemos e Angelo Brandelli, por aceitarem meu convite e apresentarem preciosas contribuições para a evolução da minha pesquisa. Obrigado por serem farol a iluminar os caminhos da minha pesquisa.

Por fim, agradeço a você, que se propôs a ler minha história e por me permitir partilhá-la com você.

*Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui!
Percorri milhas e milhas antes de dormir. Eu não cochilei...*
(A Estrada – Cidade Negra)

RESUMO

SILVA, P. C. B. **Narrativas de um gay sobre o processo de “saída do armário”**. Porto Velho, 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

Esta pesquisa se insere no campo dos estudos sobre expressões da sexualidade, mais especificamente, sobre o processo de *coming out*. Esta expressão de origem inglesa, sintetizada do termo *coming out of the closet*, significa “saindo do armário” e diz respeito ao processo de revelação, seja para pessoas específicas ou para a sociedade mais ampla, da sexualidade do público LGBTQ. O estudo teve como objetivo geral investigar o processo de *coming out* de um gay, por meio de narrativas do autor/pesquisador, e como objetivos específicos: a) analisar a regulação de instituições sociais como família, escola e religião, na expressão da sexualidade do autor/pesquisador; b) compreender os processos subjetivos implicados no *coming out*. Para tanto, optou-se por uma abordagem metodológica de aproximação ao método narrativo autobiográfico, que assume um espaço de relevância pois permite, de certo modo, relacionar algumas experiências vivenciadas pelo participante e por outros sujeitos que se encontram em situações e contextos semelhantes, bem como compreender de que forma os eventos culturais e históricos atuam nas vivências de indivíduos em determinado contexto social. Neste estudo, o pesquisador se colocou também como participante, de modo a apresentar suas vivências relativas ao processo de *coming out*. Nessa perspectiva, os dados são apresentados a partir de cenas que foram consideradas marcantes para o pesquisador/participante durante o processo de autoaceitação e de assunção de um posicionamento social e político enquanto gay. A pesquisa evidencia a prevalência do discurso religioso enquanto regulador das expressões de sexualidade, bem como a função do espaço educativo, ora compreendido como opressor e reforçador de políticas normativas, ora visto como produtor de políticas de resistência a este modelo socialmente imposto. Apresenta-se ainda a necessidade de busca por pessoas de identificação, para atuarem como suporte para a afirmação do posicionamento político. Por fim, conclui-se que o *coming out* trata-se de um processo significativo no percurso de autoaceitação, que gera profundos impactos no indivíduo, desconstruindo vínculos e (re) estruturando relações a partir dos posicionamentos adotados por este que busca “sair do armário”.

Palavras-chave: *Coming out*. Expressão Sexual. Processos Subjetivos. Psicologia

ABSTRACT

SILVA, P.C.B. **Narratives of a gay man about the process of "coming out of the closet"**. Porto Velho, 2017. 110. f. Thesis (Master's Degree in Psychology) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

This research is inserted in the realm of studies about expressions of the sexuality, more specifically on the process of “coming out”. This term of English origin shorts the term “coming out of the closet”, which concerns the process of assuming, either to specific persons, or to broad society, the LGBTQ public’s sexuality. The study had as main objective to investigate the process of coming out of a gay man by the narratives of the author/researcher; and as specific objectives: a) to analyse the regulations of the sexual expression of the author/researcher by social institutions, such as family, school and religion; b) to comprehend the subjective processes implied by coming out. To do it so, one’s opted to use the methodological approach closer to the self-biographic narrative method, which takes a relevant spot as it in a way allows to universalize some experiences lived by the participant, and other people who found themselves in similar contexts and situations, as well as to understand in which way the historical and cultural events affect the individuals’ experiences in given cultural context. In this work, the researcher has put himself in the position of a participant, presenting his experiences related to the process of coming out. In this perspective, the data is introduced from scenes that have been considered remarkable by the author/researcher throughout his process of self-acceptance and assumption of a social and political position as a gay man. The research brings evidence to the religious discourse as a regulator of the sexual expressions, as well as the role of the educational environment, at times understood as oppressive and reinforcing of the normative policies, and at times seen as a provider of resistance policies against this social-imposed model. It also introduces the necessity of people to identify with, as an actor of support to the affirmation of this political position. At last, it can be concluded that “coming out” is a meaningful process in the pursuit for self-acceptance, which generates deep impacts on the individual, deconstructing bonds and restructuring relations as up from the positions adopted by the one willing to “get out of the closet”.

Key words: Coming out. Sexual Expression. Subjective Processes. Psychology

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 OS PRIMEIROS PASSOS | 12 |
| 2 O PROCESSO HISTÓRICO DE ESTIGMATIZAÇÃO DO GAY | 19 |
| 2.1 A CONSTRUÇÃO DA OPOSIÇÃO RELIGIOSA E CIENTÍFICA À HOMOSSEXUALIDADE | 21 |
| 2.2 TEORIZAÇÕES E POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA: QUESTIONANDO A HETERONORMATIVIDADE | 30 |
| 3 COMING OUT: UMA EXPRESSÃO E ESCOLHA POLÍTICA | 38 |
| 3.1 HOMOSSEXUALIDADE: UMA QUESTÃO DE ESCOLHA, ORIENTAÇÃO OU EXPRESSÃO? | 38 |
| 3.2 <i>COMING OUT</i> | 42 |
| 3.2.1 Conceito e alguns aspectos históricos | 42 |
| 3.2.2 Construção de uma identidade gay | 47 |
| 3.2.3 Desafios e implicações em “sair do armário” | 48 |
| 4 ... É CAMINHANDO QUE SE FAZ O CAMINHO | 51 |
| 4.1 A PRIMEIRA DENTRE MUITAS ESCOLHAS: DELINEAMENTO DO MÉTODO | 51 |
| 4.2 A PRODUÇÃO DA NARRATIVA: DOS REGISTROS INICIAIS À APRESENTAÇÃO FINAL DAS CENAS | 54 |
| 4.3 DE FRENTE PARA O ESPELHO: DESCREVENDO O PROTAGONISTA..... | 57 |
| 5 EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS DE UM GAY E SEU PROCESSO DE <i>COMING OUT</i> | 62 |
| Cena 1 – A primeira vez para muitas coisas: experiência com meninas, meninos e o sentimento iminente de culpa | 63 |
| Cena 2 – A culpa permeada pelo discurso religioso | 66 |
| 5.1 INICIO DO PROCESSO DE <i>COMING OUT</i> : INTENCIONAL, NÃO INTENCIONAL | 70 |
| Cena 3 – Heteronormatividade, <i>coming out</i> involuntário e a negação | 70 |
| Cena 4 – Primeira tentativa: a falha, o abandono e o “retorno ao armário” | 73 |
| 5.2 OLHANDO PARA DENTRO: CONFLITOS INTERNOS..... | 75 |
| Cena 5 – A necessidade de compensação | 75 |
| Cena 6 – O sentimento de abandono e a tentativa de suicídio | 76 |
| 5.3 O <i>COMING OUT</i> NECESSÁRIO | 80 |
| Cena 7 – Mãe | 81 |

| | |
|---|------------|
| Cena 8 – Irmão: um <i>coming out</i> dividido em duas etapas | 83 |
| Cena 9 – O <i>coming out</i> nunca realizado: O pai..... | 86 |
| 5.4 NEM TUDO É TÃO DIFÍCIL: O (RE) ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS..... | 89 |
| Cena 10 – O ingresso na faculdade e a necessidade do <i>coming out</i>..... | 89 |
| Cena 11 – A construção de novos vínculos de apoio..... | 92 |
| Cena 12 – (Re) estruturando a relação familiar | 93 |
| Cena 13 – O amor marcado na pele..... | 96 |
| Cena 14 – Quando uma “minoría” se torna maioria – os vínculos no mestrado..... | 97 |
| 5.5 OUTROS <i>COMING OUTS</i> E OS PROCESSOS DE IDAS E VINDAS “AO ARMÁRIO” | 98 |
| 6 “ÚLTIMAS” REFLEXÕES | 100 |
| REFERÊNCIAS | 106 |

1 OS PRIMEIROS PASSOS

Um estudo marcado por tantas idas e vindas, encontros e desencontros... de certa forma, bem parecido com minha história de vida, também tão marcada por pessoas que vieram e que foram, por sentimentos e emoções que fluíram e, por vezes, se transformaram em turbilhões que me arrebatavam e quase me consumiram.

Para a definição do tema desta dissertação, foram necessários inúmeros momentos, reflexões, mudanças e adaptações. Iniciando no ímpeto de estudar sobre a sexualidade de adolescentes de escolas públicas, passando pela possibilidade de estudar o caso de um sujeito gay¹ com história de sucesso escolar, para enfim ser intimado a apresentar minha própria história e as vivências a partir de minha orientação sexual e o processo de “saída do armário”.

A escolha primária surgiu advinda da minha experiência ainda enquanto aluno de graduação. Neste período, tive a oportunidade de integrar como estagiário, durante um período de três anos, a Coordenação de Apoio Psicopedagógico da Secretaria de Estado de Educação e Esporte de Rio Branco (SEE), na qual desenvolvi, dentre outras atividades, a estruturação e aplicação de oficinas sobre sexualidade para alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

A vivência nesse campo de estágio despertou em mim uma identificação que até então não imaginava, porém, ao longo desses três anos, pude notar a fragilidade com que a temática é abordada e discutida nas escolas estaduais do Município de Rio Branco, além do direcionamento específico para questões unicamente biológicas ligadas à sexualidade. Em muito, tal como apresentavam integrantes da coordenação escolar, esse direcionamento estava ligado à resistência do corpo docente e de mães/pais dos alunos em permitir que fossem trabalhados estes temas, devido ao medo do que poderia acontecer ao se abrirem portas para diálogos sobre sexualidade.

Nos primeiros meses de ingresso no programa de mestrado, entre os inúmeros momentos para repensar o projeto inicial de pesquisa, uma das docentes do programa, a professora Iracema Neno Cecilio Tada (a quem tenho muito a agradecer), me apresentou uma dissertação intitulada “Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo”,

¹ Utilizarei na dissertação esta terminologia, por compreender que o termo homossexual, ainda que pareça ser o termo politicamente correto, carrega em seu constructo a base do conceito de homossexualismo, ainda fazendo recair sobre o indivíduo a vinculação com o termo patológico. A palavra gay, portanto, trata-se de uma das mais utilizadas dentro do próprio grupo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queers (LGBTQ) para referir-se àquels que têm interesse afetivo-sexual por outro do mesmo sexo.

escrita pela professora Lígia Assumpção Amaral, na qual a autora apresenta recortes de suas memórias relacionadas à sua deficiência física, que por vezes foi figura para os outros, deixando sua vida, enquanto criança/menina/mulher, como fundo.

Ao discutirmos a ideia desta dissertação, refletimos juntos (a professora e eu) sobre a minha condição enquanto gay, que, apesar de não ser caracterizada como uma deficiência, é compreendida por muitos como tal. Eis que a professora me indaga por que não escrever sobre mim, a exemplo de Lígia.

Admito que foi um momento em que experimentei duas distintas sensações: a euforia da ideia, que me pareceu brilhante e empolgante, e o medo de me desnudar e me colocar em lugar de pesquisado e pesquisador, concomitantemente.

Após conversas com minha orientadora, decidimos encarar o desafio, desafio este assumido em parceria. E lá fomos de mãos dadas, minha orientadora e eu, como costume dizer, tomando “passos de fé”. Nesse caso, não uma fé religiosa, mas a fé em mim, nela, em nossos conhecimentos e na ciência que nos aporta.

Escrever sobre mim mesmo não foi uma missão fácil de enfrentar, mas levando em consideração que o fato de viver a cada dia também não é, e ainda assim precisamos fazê-lo, por que não assumir esse desafio? Felizmente, nesse trajeto e ato de coragem, foi colocada em meu caminho uma corajosa orientadora que pôde me ajudar a compreender e ressignificar as memórias registradas/transcritas nas infindáveis páginas de um documento.

A partir dessas decisões e reflexões, surgiu a inquietação de compreender o processo de *coming out* (sair do armário), enquanto inerente a todos os gays que decidem revelar sua sexualidade, e que ocorre diferentemente em diversos contextos (familiar, escolar, religioso, etc.), além das angústias advindas desse processo.

Era necessário que minha história fosse contada, precisava expor minhas vivências, há tanto tempo guardadas, a maioria somente para mim, outras divididas com uma meia dúzia de pessoas que me são mais próximas. Não só para mim, mas para que outros gays possam, a partir da minha história, se identificar, se (re) encontrar e, quem sabe, refletir e trilhar novos caminhos.

O sujeito que me propôs a estudar, assim, não foi escolhido aleatoriamente dentre o universo do público homossexual de Rio Branco - AC, mas intencionalmente. Mediante isso, me coloquei, no decurso dessa pesquisa, em dois lugares distintos: o de narrador/pesquisador, mas também de protagonista/participante dela.

Ao tomar este caminho, lembrei-me que inquietações e questionamentos relativos à homossexualidade me acompanham desde o período da graduação em psicologia, quando buscava incessantemente descobrir o que as teorias apresentavam como causa para a

homossexualidade e as implicações da revelação sexual dos filhos em suas relações familiares. Apesar de muitas explicações distintas, sejam de teorias vinculadas à psicologia ou à biologia, ou mesmo à antropologia, a integralidade do ser humano era posta muitas vezes de lado, ao se olhar apenas uma face da constituição do sujeito enquanto homem, enfatizando um ponto de vista (seja ele biológico, psíquico ou ambiental), desmerecendo ou mesmo ignorando os demais.

A partir disso, delineei como objetivos a serem alcançados por esta dissertação, os seguintes:

Objetivo geral

Investigar o processo de *coming out* de um gay, por meio de narrativas do autor/pesquisador.

Objetivos específicos

- Analisar a regulação de instituições sociais como família, escola e religião, na expressão da sexualidade do autor/pesquisador;
- Compreender os processos subjetivos implicados no *coming out*.

Em relação ao tema desta pesquisa, considero que discutir assuntos relativos à sexualidade nestes tempos ditos “modernos” e de “aceitação às diferenças” deveria ser algo corriqueiro, mesmo porque a homossexualidade existe desde a antiguidade, sendo reconhecida nas mais diversas culturas e, em algumas delas, concebida com naturalidade.

Em outras culturas, por sua vez, o gay era e é, ainda hoje, rechaçado e vítima das mais diversas atrocidades, inclusive da pena de morte. Hoje mesmo, ao ler as notícias de jornal ou mesmo passar poucos momentos em frente à televisão, percebo que a intolerância e discriminação encontram-se ainda vigentes e talvez até mais presentes do que antigamente, porém agora de forma mais velada.

Muitos justificam as barbáries cometidas contra homossexuais como uma forma de “colocar o sujeito no eixo” ou da necessidade de “ensinar a ser homem/mulher”, porém, acredito que encarar este papel social e sexual (de um indivíduo gay) frente aos demais pode ser considerado um ato, por que não dizer, de amor, respeito e coerência para consigo mesmo, mas também um ato de coragem, tendo em vista as inúmeras implicações da saída do armário.

Para escrever sobre este tema, no entanto, realizei uma pesquisa inicial, no mês de janeiro de 2017, na base de metadados BVS-Psi, no intuito de descobrir a existência de outras produções científicas relacionadas ao meu tema de pesquisa.

Utilizei, para tal, as palavras-chave: gay, homossexualidade, narrativa, história de vida, autobiografia e (auto) biografia. Utilizei ainda o operador booleano AND, conforme segue: gay AND narrativa; gay AND autobiografia; gay AND (auto) biografia;

homossexualidade AND narrativa; homossexualidade AND autobiografia; homossexualidade AND (auto) biografia; homossexualidade AND narrativa AND autobiografia. Essas combinações foram utilizadas para as buscas na base de metadados supracitada.

Como resultado, foram encontradas 64 produções², porém destas, 26 se repetiram durante as pesquisas, sendo excluídas, e as demais (38 produções) tiveram seus resumos lidos na íntegra. Dessas 38 produções, 26 foram excluídas por não apresentarem nenhuma similaridade com minha proposta de pesquisa e apenas 12 relacionavam-se com o tema proposto (pesquisa realizada com sujeitos homossexuais, utilizando método narrativo, com proposta de análise de história de vida).

Dessas 12 pesquisas, duas pesquisavam histórias de vida de travestis (GARCIA, 2009; JIMENEZ; ADORNO, 2009). Dentre as outras dez, uma apresentava a inter-relação entre homossexualidade e práticas religiosas (NATIVIDADE, 2003), outra tratava de questões relativas à conjugalidade e homoparentalidade (MELETTI; SCORSOLINI-COMIN, 2015), outra pesquisava o processo de aceitação das mães à orientação sexual de filhos homossexuais (HAUER; GUIMARAES, 2015), duas outras estavam relacionadas à vivência e aceitação de homossexuais soropositivos (FERNANDES, 2005; SIMPSON *et al.*, 2007) e outra propunha a discussão sobre os jogos afetivos entre treinadores e jogadores adolescentes homossexuais (MOIOLI *et al.*, 2014).

Dentre as que mais se aproximam do que desejo abordar nesta dissertação, há a pesquisa intitulada “‘Velha Canção sertaneja’: narrando história de vida interiorana sobre o processo de envelhecimento nas homossexualidades”, publicada tanto na língua portuguesa quanto inglesa. Neste artigo, o autor se debruça sobre a história de um homossexual idoso (acima de 60 anos) residente no interior do Paraná. Não obstante a dificuldade em encontrar alguém que aceitasse contar sua história, o pesquisador encontra alguns poucos e constrói o estudo a partir do relato de um, porém sua escrita, em dados momentos, foi permeada por relatos

² Com as expressões **homossexualidade AND história de vida** foram encontradas 24 produções, sendo duas teses, uma dissertação, uma referência a livro, 11 artigos escritos em língua portuguesa, três artigos escritos em língua inglesa, cinco artigos escritos em língua espanhola e uma monografia também em língua espanhola. Com as palavras-chave **homossexualidade AND narrativa**, surgiram nove publicações (seis artigos em português, um artigo em inglês e dois em espanhol), sendo que destas três se repetiram à pesquisa anterior. Com as expressões **gay AND narrativa**, apareceram nove artigos, sendo que destes sete eram repetidos, restando apenas um artigo publicado em língua portuguesa e um em língua inglesa. Com as palavras **gay AND história de vida** surgiram 22 publicações, sendo que 15 eram repetidas, restando apenas uma dissertação, três artigos em português e três em espanhol. Com as palavras-chave: **homossexualidade AND autobiografia; homossexualidade AND (auto) biografia; gay AND autobiografia; gay AND (auto) biografia e homossexualidade AND narrativa AND autobiografia**, porém, não foi encontrado nenhum resultado.

particulares de alguns outros. Como conclusão, o autor aponta a tentativa insistente de Marcelo (nome fictício do participante) em encaixar-se no imaginário social de idoso, ainda que, internamente, não se sentisse dessa forma (NASCIMENTO, 2011). O mesmo que ocorre com Marcelo ocorreu comigo durante muitos anos, ao procurar me enquadrar no padrão social exigido. Ainda que hoje saiba lidar mais adequadamente com minha orientação, os padrões sociais ainda se fazem esmagadoramente presentes.

Além deste, outro que muito me chamou a atenção foi um artigo que teve como objetivo principal descobrir a existência ou não de discriminação contra homossexuais no âmbito de trabalho, praticada por outros homossexuais. Porém, para que isto fosse possível, os pesquisadores construíram um roteiro de entrevista semiestruturada, aplicado com oito homossexuais. Nesta entrevista, porém, não buscaram elucidar apenas suas relações de trabalho, mas ainda suas histórias de vida e como os homossexuais lidam com sua sexualidade nos mais diversos âmbitos sociais. De forma expressiva, o artigo tornou ainda mais evidente uma realidade que necessita ser combatida entre os LGBT's³, a saber, o caráter heterossexista que envolve mesmo essa comunidade, ao excluir e minimizar os gays ditos afeminados (SOUZA; PEREIRA, 2013).

Ainda que voltado para o campo organizacional, bastante distinto do percurso de minha pesquisa, a proposta da escuta da história de vida e a forma como lidam com sua orientação sexual em muito se assemelham com um dos vieses desta dissertação.

Em consideração às produções científicas encontradas, conforme apresentei acima, posso afirmar que a pesquisa denominada autobiográfica pode ser considerada mais restrita na área de gênero e sexualidade, visto a diminuta quantidade de material disponível. Contudo, ainda que pesquisas sejam desenvolvidas nesta modalidade, não encontrei estudos no campo da homossexualidade nos quais o autor se colocasse também no lugar de participante da pesquisa, devendo se debruçar de forma analítica sobre sua própria história, suas vivências e memórias.

Devo salientar, todavia, que nesta dissertação não enveredo pelos caminhos que buscam explicar o que leva o indivíduo a ser gay, mas buscarei apresentar os aspectos envolvidos com o “*coming out*”, popularmente nomeado como saída do armário, assim como os conflitos familiares e intrínsecos vinculados a esse momento. Desta forma, será possível promover uma reflexão daqueles que tiverem acesso a este escrito, ainda que de forma mínima,

³ Sigla referente ao movimento de cidadãos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. O utilizo conforme apresentado na pesquisa em questão, contudo nesta pesquisa adotarei a sigla LGBTQ, adicionando à sigla, a representatividade do Queer, enquanto perspectiva teórica e política.

sobre as vivências, estigmas, encontros e desencontros promovidos no decurso da história de um gay.

No decorrer desta dissertação, optei por escrever em primeira pessoa, na tentativa de tecer um diálogo com o leitor (que buscarei também tratar na segunda pessoa), para que juntos possamos trilhar um caminho que perpassará desde os fundamentos teórico-metodológicos que utilizei para o embasamento deste trabalho, até a narrativa da minha história de vida. Neste momento voltarei ao passado, e o trarei ao presente, de forma a buscar analisá-lo e compreendê-lo.

Assim, apresento o escopo deste manuscrito e como ele foi construído. Didaticamente, será desenvolvido a partir de uma divisão em quatro partes ou momentos.

No **primeiro momento**, iniciarei com a apresentação do processo histórico de estigmatização do gay, quando discorrerei sobre imposições religiosas, científicas e políticas, em busca de tecer questionamentos contra a proposta heteronormativa.

Posteriormente, no **segundo momento**, seguiremos para discussões relativas à orientação sexual, compreendida por muitos como uma **escolha**, seguindo então para teorizações e estudos científicos sobre o processo de *coming out*, vinculado aos diferentes contextos no qual o gay está inserido, bem como os impasses vinculados a este processo e à necessidade de assunção de uma identidade gay, de modo a oferecer aportes para a análise e discussão dos dados.

No **terceiro**, apresentarei o percurso metodológico que utilizei para a realização da pesquisa, desde a escolha do tipo de pesquisa, à definição do método e técnica de coleta e análise de dados.

Seguindo então para a parte final desta dissertação, no **quarto** e último momento narrarei cenas vivenciadas por mim no decurso de minha vida, e que se tornaram significativas para o processo de *coming out*. Apresentarei ainda cenas relativas a conflitos internos, desencadeadores de sentimentos contraditórios em relação à minha sexualidade e relatos do *coming out*, realizado em diferentes contextos.

Buscarei, nesse momento, traçar algumas relações com outras duas histórias de vida, relatadas na dissertação de Nascimento (2007), intitulada “**Homossexualidades e homossociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades LGBTTT⁴**”.

⁴ Terminologia utilizada pelo autor, para se reportar ao grupo de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

Ainda que não seja proposta desta dissertação, o estudo sobre o *coming out* dos participantes da pesquisa de Nascimento (2007), o relato de suas vivências, transcritos na íntegra a partir das entrevistas e anexados ao trabalho, me permitiram identificar pontos de convergência com minha história, e que se referiam à revelação e compreensão da implicação das instituições sociais em sua sexualidade.

Por fim, apresento minhas “últimas” reflexões sobre o tema, relacionando ainda alguns aspectos teóricos importantes para a compreensão da história relatada, visto que, em alguns casos, não coube a inserção das discussões no campo de relato.

Coloco aspas no termo últimas, por acreditar que serão reflexões finais apresentadas neste manuscrito, que certamente favorecerão inúmeras outras reflexões posteriores, que poderão nortear outras pesquisas, outras compreensões, e outras perspectivas.

2 O PROCESSO HISTÓRICO DE ESTIGMATIZAÇÃO DO GAY

*“[...] Que nada, minha porção mulher que até então se resguardava
É a porção melhor que trago em mim agora, é a que me faz viver”
(Super homem – Gilberto Gil)*

“Qual a sua opção sexual?”, “Por que você escolheu ser gay?”, “Vou rezar para que Deus te cure disso!”. Estas são algumas das perguntas e afirmações comumente ouvidas por gays durante toda a sua vida, tendo em vista os diversos entraves enfrentados por estes ao expressarem sua sexualidade. Estas falas são reveladoras dos discursos predominantes sobre a homossexualidade, que caminham entre a responsabilização individual, a proibição/culpabilização religiosa e a patologização científica, constituidoras dos estigmas, preconceitos e discriminações aos sujeitos que não seguem o padrão normativo de sexualidade na sociedade ocidental, especificamente, o heterossexual.

As relações sociais humanas implicam um processo de categorização social, com o qual determinadas características do corpo, da aparência física, da expressão verbal, corporal, gestual, cultural, entre outros, configuram marcadores de grupos sociais específicos, identificados em torno de tais características.

Como reflexo desta categorização, surge a noção de estigma: um conceito surgido na Grécia Antiga, para referir-se a sinais marcados (geralmente com fogo ou cortes) no corpo de sujeitos que deveriam ser evidenciados por alguma falha moral, a ser evitada pelos demais, o que acontecia geralmente com escravos, criminosos ou traidores (GOFFMAN, 1981).

Atualmente, ainda que os corpos não sejam marcados por tais sinais, o termo estigma é utilizado de maneira semelhante ao original, para evidenciar características de determinados sujeitos, socialmente demarcados com conotação pejorativa. Tal como afirma Goffman (1981), a sociedade estabelece meios que buscam categorizar os indivíduos, propondo atributos que sejam considerados adequados e naturais. No decorrer de nossas relações, ainda que de forma não intencional, passamos a categorizar também aqueles com quem convivemos, buscando as características consideradas naturais, e afastando de nós os que apresentam traços considerados indesejáveis (GOFFMAN, 1981).

Estes últimos são, então, geralmente diminuídos à condição de “estragados” ou de pessoas inferiores, sendo estas características consideradas, no mundo contemporâneo, estigmas.

Apresenta ainda três tipos de estigmas: o estigma físico, vinculado aos corpos e deformidades físicas; o estigma tribal, dirigido a pessoas de raça, nação ou religiões consideradas inferiores e, ainda, o estigma moral, direcionado a pessoas consideradas desonestas, que apresentam algum tipo de vício ou algum problema ou culpa de caráter, ou que apresentam paixões tirânicas/não naturais, nas quais se enquadram gays, lésbicas, trans, dentre outros (GOFFMAN, 1981).

Goffman postula que a homossexualidade está inserida nas formas de estigma dirigidos também a pessoas de conduta desonesta, evidenciando a compreensão social de inadequação e culpa impostas sobre esse grupo. Vale ressaltar ainda o peso das exigências advindas da moralidade direcionada aos indivíduos da população LGBTQ, enquanto minoria subversiva aos padrões e regras sociais, e o combate religioso travado contra eles, percebidos também como pecadores e indignos.

O estigma configura a base para outra noção importante para este estudo, a saber, o preconceito. Definido como “[...] ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial”, ou ainda, “[...] sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância” (DICIONÁRIO..., *online*, 2017).

Referente ao preconceito dirigido aos gays, o conceito mais comumente utilizado é o de homofobia, compreendida, inicialmente, como um medo irracional experienciado por pessoas não homossexuais contra esse grupo, bem como sentimentos pessoais de aversão sentidas por gays contra si mesmos ou contra seus pares. Gradualmente, o conceito passou a receber críticas, advindas, principalmente, do fato de que atitudes cometidas contra gays estavam mais voltadas para hostilidade do que mesmo pelo medo, bem como pela possibilidade de inversão da perspectiva médica, anteriormente dirigida aos gays, para homofóbicos, devido ao sufixo *fóbico*, remetendo ao caráter de adoecimento (GATO; CARNEIRO; FONTAINE, 2011).

Posteriormente, o termo deu espaço para o constructo homossexismo, conceito que “traduz uma reação à violação dos papéis sexuais tradicionais, uma vez que as lésbicas são estereotipadamente vistas como mais masculinas do que as mulheres heterossexuais e os gays como mais femininos do que os homens heterossexuais.” (GATO; CARNEIRO; FONTAINE, 2011, p. 141).

Nesta perspectiva, podemos notar que o preconceito surge mais como resposta, indiretamente, aos papéis de gênero instituídos, e com as percepções normatizadoras de expressão destes gêneros, do que em razão do desejo afetivo-sexual expresso pelo indivíduo.

Do preconceito emerge a noção de discriminação, muitas vezes utilizada como seu sinônimo, mas que detém distinções. Pode ser definida como um ato de “[...] separar, distinguir, fazer distinção, estabelecer diferença; não se misturar; tratamento desigual de um indivíduo ou grupo de indivíduos, em razão de alguma característica pessoal, cultural, classe social ou convicção religiosa” (COUTINHO, 2003, p. 18). Trata-se, então, de uma ação de segregação, advinda do preconceito previamente dirigido a um sujeito ou um grupo, diminuindo sua possibilidade de acesso a espaços, direitos, etc.

Gays sofrem constantemente com ambas as expressões de categorização e rebaixamento social, sendo estigmatizados por seu desejo, por seu comportamento e por suas ações. Diariamente, de forma velada ou expressa, precisam lidar com situações de preconceito e/ou discriminação, sendo segregados, como se fossem pessoas inferiores aos demais.

Constituirá objetivo desta seção teórica apresentar, ainda que brevemente, este processo historicamente construído de estigmatização das sexualidades não heterossexuais, que culmina em preconceitos e discriminações contra gays, na dificuldade de autoaceitação e de *coming out*, como procurarei evidenciar também ao longo da seção subsequente.

2.1 A CONSTRUÇÃO DA OPOSIÇÃO RELIGIOSA E CIENTÍFICA À HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade, mesmo sendo, ainda hoje, considerada um tabu, acompanha a história da humanidade, sendo vivida e compreendida entre diferentes nações ao longo dos tempos, de maneiras distintas, a partir dos costumes e cultura de cada população.

Etimologicamente a palavra deriva da junção do grego “*homo*”, que significa “semelhante” ou “igual”, com a palavra latina “*sexus*”, que significa “sexo”, assim, podendo ser traduzida literalmente como “sexualidade semelhante” (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008b). Desta forma, a homossexualidade é compreendida como a atração afetivo-sexual entre sujeitos do mesmo sexo, sejam masculinos ou femininos.

Alguns estudiosos se lançaram no imenso mar da história, em busca de desbravar o surgimento da homossexualidade. Para poder discutir suas implicações atuais, acredito que seja necessário fazer um resgate desta história, que, diretamente, repercute nos limites e possibilidades de outras compreensões e nas vivências subjetivas (como as minhas, por exemplo, enquanto sujeito desta pesquisa).

Os primeiros registros de práticas homossexuais datam do ano de 4.500 A.C., ocorrendo na sociedade egípcia entre Oros e Seti (GUIMARÃES, 2009). Dado o fato de que os

primeiros registros da história da humanidade são datados por volta de 5.000 A.C, é possível afirmar que a homossexualidade sempre existiu, independentemente da sociedade ou da classe social. Não é difícil encontrar na história dados que comprovem essa afirmação, por exemplo, o “Batalhão dos Amantes”, um exército formado unicamente por homens homossexuais na Grécia, mesmo local que foi berço de Alexandre “O Grande” e de filósofos de grande destaque na história, como Platão e Sócrates, todos homossexuais (GUIMARÃES, 2009).

Os gregos não se contrapunham à homossexualidade, sendo para eles, portanto, indiferente o prazer obtido através do sexo com homens, mulheres ou ambos. A reprovação e o controle eram direcionados não àqueles que se sentiam atraídos afetivo-sexualmente por pessoas do mesmo sexo, mas sim aos que apresentavam “comportamento frouxo”, caracterizado por uma passividade em relação ao prazer que sentiam, ou seja, comportamento usual dos que não conseguiam resistir nem às mulheres nem aos homens, deixando-se levar pelos impulsos sexuais e pelo prazer (FOUCAULT, 1998).

Ainda na Grécia Antiga, a homossexualidade não se atinha ao discurso de pensamentos filosóficos e culto ao belo. Existiam manifestações homoafetivas nas representações teatrais, nas quais os papéis femininos eram representados por homens travestidos de mulheres ou usando máscaras com feições femininas (DIAS, 2000).

Considerando que as mulheres não ocupavam nenhum papel socialmente destacado, com exceção das cortesãs, que se relacionavam igualmente com os homens, a sociedade acreditava que elas não tinham nenhuma base para educar seus filhos do sexo masculino. Assim, quando o menino entrava na adolescência, era costumeiro que a família desse adolescente o entregasse aos cuidados de um homem mais velho, a quem era atribuída a responsabilidade de educá-lo. A pederastia, então, surge em razão desta relação entre o educador e o educando, sendo esta prática posteriormente difundida entre as demais ilhas gregas (DIAS, 2000).

Esta relação pederástica era aprovada pela família, porém, a função de *Erastes* (homem mais velho) não era atribuída a qualquer um, já que o candidato passava pelo crivo de aprovação da família e também pela aceitação do *Eromenos* (adolescente). Somente a partir disso, o *Erastes* viria a servir como amigo e educador deste adolescente. O processo de aprendizado, iniciado com a sedução do *Eromenos*, acontecia por volta dos 12 anos de idade, permanecendo na condição de parceiro passivo até os 18 anos, e tornando-se um homem adulto aos 25 anos de idade. A partir desta idade ele já poderia assumir o papel ativo de uma futura relação pederástica, o que não implicaria em restrição alguma quando o mesmo viesse a se casar. Assim se perfazia o ciclo de que aquele que um dia foi o *Eromenos* se tornaria *Erastes* (CORINO, 2006; DIAS, 2000; FOUCAULT, 1998).

Mediante o exposto, Corino apresenta a sociedade grega como bissexual, porém, com limites para os comportamentos sexuais adotados pelas pessoas. Os gregos não eram contrários à prostituição, no entanto, os participantes eram proibidos de ocupar cargos públicos; aceitavam a relação sexual entre um homem mais velho e um mais jovem, mas em hipótese alguma, entre homens da mesma idade, rejeitando, contudo, homens que apresentassem comportamentos femininos. Isso indica que a maior preocupação social da época, e que não difere tanto da realidade atual, estava relacionada à masculinidade, ou seja, ao homem grego era inaceitável perder seu *status* de “macho”, para não ser igualado às mulheres (símbolo de fragilidade), escravos ou jovens, figuras submissas inseridas na sociedade grega, extremamente machista (CORINO, 2006).

As sociedades egípcia e mesopotâmica antigas, importantes antecessoras da cultura ocidental, não apenas consentiam as relações homossexuais como também as reconheciam em sua mitologia e literatura, bem como na própria cultura. Uma das evidências que comprovam essa existência foi encontrada na tumba do faraó Akhenaton, que continha registros gravados nas paredes e que faziam representações do faraó em posições sexuais com o companheiro. Este é um fato significativo, visto que as representações das interações entre homens e mulheres eram feitas de modo formal (ESKRIDGE, 1993 *apud* FARO, 2015).

Tanto na China quanto na Índia, o alcance do prazer sexual também era celebrado e visto com naturalidade, tanto no campo da heterossexualidade quanto da homossexualidade. Os indianos criaram o “Kamasutra”, o qual descreve uma infinidade de posições sexuais a serem experienciadas no ato, algumas poucas situações de oposição à homossexualidade não apresentaram expressividade. Na China, por sua vez, as práticas homoeróticas chegavam ao império, visto que cada imperador tinha vários “favoritos”, sendo esta uma posição de destaque e de disputa na corte (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008a).

Profundos estudos na cultura árabe na Época Medieval, indicam que, ainda que a religião e lei reprovasses as práticas homoeróticas, a sociedade apresentava certa tolerância aos sentimentos homoafetivos expressos entre homens. Fato semelhante ocorria com nobres e governantes que, mesmo casados, mantinham relações homoafetivas com seus “preferidos” (nome dado na época), rompendo, não raro, suas relações familiares. Àqueles só eram aplicadas punições quando os casos assumiam dimensões públicas, causando escândalos (GRASSI; MARCOCCO, 2015).

Contudo, as maiores restrições e resistências à homossexualidade surgem com o advento do cristianismo, que passa a condenar qualquer prática sexual que não tenha como finalidade a possibilidade de reprodução. Na Idade Média, com o poder nas mãos da Igreja, a

sociedade era regida pelas doutrinas religiosas, sendo considerados pecadores, impuros e direcionados à receberem a ira divina, aplicada aos homens por seus representantes (o clero), todos aqueles que descumpriam os ensinamentos (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008a).

Nos próprios escritos da Bíblia, no livro do Gênesis, a homossexualidade havia sido imposta e apresentada, ao indicar a criação da mulher como um ser complementar ao homem:

⁷E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. [...] ²⁰E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea. ²¹Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; ²²E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. ²³E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. ²⁴Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. (BÍBLIA, 1990, p. 15-16)

Nesse breve trecho, foi decretado, desde os tempos mais remotos, que o homem nasceu destinado à mulher e ela ao homem, não havendo possibilidade de outros moldes de relacionamento, afinal, “Deus criou Adão e Eva, e não Adão e Ivo” (discurso propagado cotidianamente como forma de reprimenda à homo/bi/transsexualidade).

A Bíblia, enquanto livro classificador de condutas consideradas corretas e incorretas, no decurso de suas passagens, determina outras relações de poder, tal como a do homem sobre a mulher, quando apresenta no Livro de Efésios:

²²As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, ²³pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador. ²⁴Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos. (BÍBLIA, 1990, p. 1437)

Quanto aos “desvios” sexuais, as escrituras são claras e enfáticas ao rechaçar todas as demais formas de expressão de sexualidade e realização de desejo que não a do homem com a mulher e dentro dos moldes estipulados (nos preceitos da santidade, e no seio conjugal). Sobre estes desvios, apresenta passagens como: “¹³Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles.” (BÍBLIA, 1990, p. 130).

Apresenta ainda,

²¹[...] porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. ²²Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e ²³trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. ²⁴Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. ²⁵Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. ²⁶Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. ²⁷Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. (BÍBLIA, 1990, p. 1376)

Na Idade Média, o corpo passou por um processo de desqualificação, em que os homens não poderiam, de forma alguma, sucumbir aos ditos “desejos da carne” e deviam direcionar seus anseios às atividades religiosas. Assim, a sexualidade passa a ser rigidamente controlada e a homossexualidade condenada e banida (SIQUEIRA, 2011).

O sexo passa então a ser colocado no confessionário, onde, para fazer a análise minuciosa do ato pecaminoso, o fiel deveria descrever em detalhes o ato sexual, desde a posição assumida pelos amantes, até os gestos, toques e o momento exato do orgasmo (FOUCAULT, 1998). Este era restrito ainda aos casais, pois o sexo não deveria voltar-se para a obtenção do prazer, mas apenas para a procriação.

Àqueles que sucumbiam aos pensamentos pecaminosos, ou aos desejos terrenos, cabia a flagelação, degradação e humilhação do corpo como forma de expiação do pecado, pois, como acreditavam, a penitência no corpo o glorificaria (SIQUEIRA, 2011). Assim, homossexuais eram reprimidos em sua sexualidade e seus corpos padeciam e, em alguns casos, inclusive, eram punidos com a castração ou a morte na fogueira, ao conceberem seu pecado como imperdoável e digno da mais extrema condenação (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008a).

Na Idade Moderna, período conhecido como Idade da Repressão (do sexo), o desejo sexual era condenado, porém apenas teoricamente, visto que os grandes homens “de família” costumeiramente frequentavam os bordéis na busca de satisfazer seus desejos e obterem prazer (FOUCAULT, 1998). A homossexualidade, então, tal como na Idade Média, permanece reprimida, sem um lugar social para se expressar.

Posteriormente, tal como Foucault enfatiza, a sexualidade assume outro lugar, a partir da apropriação científica, estando, no século XIX, inserida em dois lugares distintos de saber: o saber biológico – vinculado especificamente ao aspecto biológico e reprodutor, segundo a

normatividade científica; e o saber médico – vinculado à busca de controle das sexualidades não-normativas (FOUCAULT, 1998).

Não distante do que ocorria na Idade Média, a partir do surgimento do que Foucault nomeou como *scientia sexualis*, a sexualidade, antes restrita à confissão religiosa, agora passaria para uma confissão científica, dirigida ao médico que, por sua vez, seria o responsável por reproduzir verdades sobre o sexo.

Mas, além disso, a pedagogia se apropriou do corpo humano, enquanto objeto de estudo, trazendo a sexualidade para o âmbito acadêmico, restrito a aspectos biológicos, na busca das ditas verdades (FOUCAULT, 1998), contudo, deixando de lado outros aspectos vinculados ao sexo, pela proibição de serem discutidos.

Mediante isso, a partir do século XIX, o homossexualismo (como era nomeado), passa a ser compreendido por um viés patologizador, ou como uma anomalia a ser tratada. Nesta concepção, os teóricos procuram incessantemente encontrar umnexo causal para o surgimento deste “desvio”, focando-se, basicamente, em três explicações: biológica, genética e social (FOUCAULT, 1998; FRY; MACRAE, 1985)

Acreditando que a homossexualidade era proveniente da produção exacerbada de hormônio testosterona (em mulheres) e de progesterona (em homens), na década de 1930, “[...] psiquiatras e endocrinologistas buscaram corrigir experimentalmente o até então conhecido como desvio homossexual humano.” (DIAS, 2007, p. 12, grifo meu).

Mas, se o ser homossexual está vinculado a uma predestinação biológica, o indivíduo estaria destinado a duas únicas orientações: hétero ou homossexual, sendo excluída a possibilidade de outras expressões de sexualidade (bissexualidade, transexualidade, etc.).

A expressão da homossexualidade, até então nomeada como homossexualismo, foi classificada e situada nos manuais de saúde - Código Internacional de Doenças (CID) e Manual Diagnóstico de Saúde Mental (DSM) - como uma doença, passível de tratamento e cura, criando estigmas que marcaram e marcam gays até hoje.

As polêmicas que giram em torno da homossexualidade podem ser apresentadas a partir das seguintes concepções: 1) doença – tendo como principal sintoma o desvio de comportamento do sujeito adoecido; 2) biogenética – baseada na crença de que o homem e/ou a mulher se torna homossexual ainda em seu desenvolvimento intrauterino (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008a).

Nesta última concepção, alguns pesquisadores defendem que a quantidade de testosterona (hormônio masculino) recebido pelo feto pode determinar se este, em uma fase

posterior, apresentará interesse afetivo-sexual por sujeitos do mesmo sexo ou do sexo oposto (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008a; FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008).

Acerca do sexo, tal como apresenta Foucault, desde os séculos XVIII e XIX, muitos discursos se expressavam a respeito da temática, no intuito de renegá-la enquanto tema de discussão. Os discursos médico e psiquiátrico, por exemplo, sugeriam os “desvios” sexuais como “doenças dos nervos” ou como perversões, mesmo porque outras expressões de gênero desviavam o fluxo “natural” da humanidade procriadora. O direito penal, por sua vez, passou a considerar tais desviantes como criminosos, por apresentarem desejos não compatíveis ao socialmente aceito, punindo-os com penas de reclusão em hospitais psiquiátricos ou em presídios (FOUCAULT, 1998).

No Brasil, com base nos estudos de Fry e Macrae (1985) e Trevisan (2003), a história, desde a chegada dos portugueses, segue os mesmos caminhos na consolidação de estigmas desqualificadores de homossexuais. Durante o período do Brasil Colônia, atos homossexuais eram vistos como hediondos e provocadores da ira de Deus, podendo ser punidos com a morte na fogueira por tamanho pecado. Assim, a homossexualidade era compreendida como atos de pecado, crime e/ou “sem-vergonhice” (FRY; MACRAE, 1985). Ainda punia-se com a confiscação dos bens do dito sodomita e infâmia dos seus descendentes até a terceira geração (TREVISAN, 2004). Observa-se aqui a forte presença do discurso normativo cristão, característico do catolicismo da Coroa Portuguesa.

Apenas em 1906, com a publicação do livro “Homossexualismo: A Libertinagem no Rio de Janeiro”, escrito por Pires de Almeida, o olhar para o gay sai do discurso religioso para entrar no discurso médico. Os gays não mais mereciam ser punidos, tal como pregava a igreja, mas deveriam ser “curados” e “corrigidos” (FRY; MACRAE, 1985). Ocorre então a mudança do termo sodomita para homossexual, termo com conotação patológica, criado por Karl Maria Kartbeny em 1869 (TREVISAN, 2004).

Ainda que o Código Penal Brasileiro não admitisse a homossexualidade como crime, por volta de 1930, os policiais que apreendiam delinquentes “homossexuais” encaminhavam-nos para o Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações de São Paulo, no qual serviam como objetos de estudos, visando traçar seus biótipos e determinar as causas do “desvio”.

Contudo, dentre os marcos da mudança de concepção e compreensão da homossexualidade, em 1948, foi publicado, nos Estados Unidos, o livro “O Comportamento Sexual do Homem”, escrito por Alfred Kinsey e que ficou conhecido como o Relatório Kinsey. Esse estudo se tornou um marco. Indicou que a população americana não poderia ser

categorizada unicamente entre homossexuais ou heterossexuais. A pesquisa desvelou que parte dos americanos (37% dos pesquisados) já haviam tido pelo menos uma experiência homoerótica com orgasmo, enquanto que 18% haviam experienciado tanto relações homoafetivas quanto heteroafetivas. Desta forma, considerou que a população deveria ser compreendida num *continuum* que iria desde o comportamento exclusivamente homossexual ao exclusivamente heterossexual (FRY; MACRAE, 1985).

Em consonância com as mudanças ocorridas nos Estados Unidos, surgem, em 1960, novos termos para nomear pessoas atraídas por outras do mesmo sexo: “entendido (a)” e gay, enquanto nomenclaturas atribuídas aos que sentem desejo, mas não tem traços efeminados (para os homens) ou masculinizados (para as mulheres); traços estes que acabariam por rotulá-los em “bicha” ou “sapatão”.

A partir de 1970, com o retorno de Caetano Veloso ao Brasil e sua apresentação artística que rompia com o discurso heterossexista, ao vestir-se de baiana e apresentar traços similares aos de Carmem Miranda, questionamentos e resistências à heteronormatividade emergem. Neste mesmo período surgem as “tietes”: homens que apresentaram espetáculo de dança e humor, combinando barbas com cílios postiços, meias de futebol e salto alto. Cria-se o jargão: “não somos mulheres, não somos homens, somos gente, computada igual você” (p. 19)

Neste momento, no cenário mundial, a homossexualidade deixa de ser classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria, em 1973, o que causa grande impacto no Brasil, sensibilizando médicos e psicoterapeutas a, gradativamente, pararem de buscar curar sujeitos gays de sua sexualidade.

Ainda sobre outros marcos históricos em relação aos movimentos ocorridos no Brasil, referente ao grupo LGBT⁵, Fry e MacRae (1985) apresentam que, em 1978, há um abrandamento da censura contra gays e suas expressões⁶, e surge o Jornal Lampião, no Rio de Janeiro, editado por profissionais gays, tendo como objetivo estabelecer alianças com outras minorias. As alianças não ocorreram tal como esperado, contudo, o Jornal possibilitou tratar temas relativos à homossexualidade, no âmbito político, social e ecológico, de maneira positiva, buscando romper com o discurso taxativo e pejorativo. Ainda naquele ano se instaurou um

⁵ Terminologia utilizada pelo autor.

⁶ Intensificada no ano de 1968, quando Caetano Veloso apresenta-se causando um impacto, por utilizar-se de roupas de plástico, com uma canção intitulada “é proibido proibir” que, em consonância com o movimento operário-estudantil de Paris, propagava uma ideia anarquista, não aceita nem pelos movimentos políticos de esquerda, nem pelos de direita. O impacto de sua apresentação e de sua ideologia foi tamanho que, pouco tempo depois, foi confinado pelas autoridades militares em Salvador e, posteriormente, exilado do país, o que durou até a década de 1970 (FRY; MACRAE, 1985).

inquérito policial contra os editores, alegando que estes infringiram a lei da imprensa, por contrariar a moral e os bons costumes.

Em 1979, surge o grupo SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual -, que participa do debate público sobre as minorias promovido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Esse foi um movimento de grande importância, pois serviu como propulsor para outros movimentos similares e criação de outros grupos pelo país.

No ano de 1980, com o surgimento de novos grupos gays e o início da tentativa de organizar-se, rejeitam-se os termos “entendido” e gay, para adotar o termo bicha, de modo a buscar desconstruir as conotações negativas dirigidas ao grupo (movimento este similar ao advento da Teoria *Queer*). Nessa mesma época, o delegado José Wilson Richetti inicia um movimento para “limpar” as ruas paulistas de gays e prostitutas. Mediante prisão ilegal e brutalidade extrema, buscou coagir os grupos, que, em contrapartida, reuniram-se com grupos dos movimentos feminista, estudantil e negro para fazer uma passeata, que resultou num quantitativo de 1000 pessoas que foram às ruas protestar contra as repressões sofridas. Como punição, houve a extinção do Jornal Lampião e a criação de um clima de desânimo e desconfiança.

Mesmo mediante esses marcos, no Brasil, desde os tempos mais antigos, criou-se a ideia do gay efeminado (bicha) como desprestigiado, enquanto os considerados “machões”, que assumiam o papel ativo no ato sexual, permaneciam com o *status* de homem, corroborando com o que era vivido em tantas outras culturas, isto é, o “problema” consistia no papel de submissão e na expressão de gênero feminilizada. Dessa forma, enquanto o homem permanecia apresentando comportamentos masculinos a ele se resguardava o prestígio e a posição adequada que lhe cabia (FRY; MACRAE, 1985).

O mesmo se compreendia pelo mundo, de tal forma que a Teoria *Queer* surge para romper com esta compreensão de estratificação de gays feminilizados e não feminilizados, na busca de retirá-los dos guetos a eles impostos pela sociedade heterossexista (BUTLER, 2014).

Cabe levar em consideração, contudo, que a compreensão de homossexualidade, apesar de atravessada pela cultura e com o movimento histórico da época, é também definida por como os sujeitos, individualmente, lidam com ela.

Um homem de Belém, por exemplo, pode tranquilamente manter relações sexuais com uma pessoa que considere uma bicha. Para ele, não tem nada de diferente nesta atividade. Nem por isso ele é menos homem. Até poderia se considerar mais macho que nunca. Da mesma forma, um jovem rapaz na cidade de São Paulo poderia manter uma relação sexual com um senhor mais velho em troca de alguns cruzeiros. Como o nosso amigo paraense não é

menos homem por isso, jamais se pensaria como homossexual. Na mesma cidade de São Paulo, um homem universitário, militante do movimento homossexual, pode discordar do jovem prostituto e afirmar que ele é um homossexual só que não sabe, não tem consciência. (FRY; MACRAE, 1985, p. 07-08)

Mediante o exposto, é possível perceber que, ainda que construídos em contextos históricos antigos, discursos como os apresentados por Fry e MacRae são ainda hoje (re) produzidos, de modo a construir estigmas que homogenizam os grupos LGBTQs a partir de uma identidade sexual. Todos os que sentem desejos ou expressam afetos de modo dissonante com o padrão hegemônico são então considerados gays, sendo ignoradas suas individualidades e diferenças, que se expressam indistintamente de sua sexualidade.

2.2 TEORIZAÇÕES E POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA: QUESTIONANDO A HETERONORMATIVIDADE

Em contraposição aos discursos estigmatizadores apresentados na subseção anterior, os estudos feministas e pós-estruturalistas, assim como as resistências e lutas dos movimentos identitários por igualdade e garantia de direitos, mobilizaram, e continuam mobilizando, incessantemente, novos entendimentos e políticas para o enfrentamento da distinção/inferiorização/extermínio social de sujeitos que expressam outras formas de relacionar-se sexual/afetivamente.

A retirada da homossexualidade da lista de classificação de doenças do CID-10, em 1993 é, necessariamente, uma conquista dessas resistências, que serviu para esclarecer ao mundo que a homossexualidade, enquanto expressão sexual dissonante da norma, não deve ser considerada doença nem perversão da natureza, mas uma variante natural inerente a uma minoria de homens e mulheres (VIEIRA; OLIVEIRA, 2010).

Portanto, mesmo com os avanços obtidos, há ainda uma grande luta política na busca de alcançar também a despatologização das expressões trans, encontradas, ainda hoje, nos manuais de adoecimentos. Nestes, essas expressões são descritas como transtornos de identidade sexual, conforme o Manual de Classificação Internacional de Doença – CID-10 (F64), ou como transtorno de disforia de gênero (302.6 ou 302.85), segundo o Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais – DSM-V (OMS, 1997; APA, 2014).

Diante do que é defendido pelos autores pós-estruturalistas, é possível o estabelecimento de diversas formas de expressão sexual, como a heterossexual, homossexual

(gays e lésbicas), bissexual, transexual, *queer*, dentre outros (ALMEIDA; CARVALHEIRA, 2007).

Antes de retomar a discussão sobre a homossexualidade (enquanto tema central desta pesquisa), é válido estabelecer a compreensão de conceitos como papel de gênero, identidade de gênero e identidade sexual⁷, além de traçar alguns paralelos entre algumas das expressões apresentadas na atualidade.

A sociedade, enquanto instituição, prescreveu, por um longo tempo, comportamentos, interesses, papéis e funções sociais habituais e aceitáveis para indivíduos do sexo biológico masculino, e outros, distintos e opostos, ao feminino (macho e fêmea⁸, respectivamente). Exemplificando, é comumente atribuído ao gênero masculino cores como o azul, o gosto por práticas esportivas como futebol e lutas, interesse acadêmico em áreas das ciências exatas e mesmo o papel social de mantenedor da casa e da família; ao gênero feminino, em contrapartida, cabe a cor rosa e são atribuídas brincadeiras mais delicadas (como bonecas), afazeres domésticos, o cuidado dos filhos e, mais recentemente (ao serem aceitas como integrantes do mercado de trabalho), disciplinas e profissões vinculadas às ciências humanas.

Numa perspectiva mais contemporânea, Butler busca romper com essa norma, ao apresentar a construção do homem e da mulher não numa perspectiva biológica e determinista, mas construída e instituída socialmente, ao afirmar que o sujeito não nasce com identidade de gênero masculina ou feminina *a priori*, mas essas expressões se instituem a partir de situações e contextos específicos (SALIH, 2012).

Mediante o exposto, torna-se necessário tecer algumas diferenciações pertinentes, de modo a situar o leitor na compreensão dos conceitos utilizados nesta dissertação. A diferenciação diz respeito ao sexo e ao gênero. Enquanto o primeiro se dirige exclusivamente a questões biológicas (aparelho reprodutor, características biologicamente atribuídas ao homem e à mulher e o ato sexual propriamente dito), o segundo está relacionado às práticas sociais, ou seja, às representações sociais do ser masculino e do ser feminino em uma determinada sociedade.

Butler, ao definir gênero, afirma:

Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino

⁷ Sobre esta, farei uma breve conceituação, pois será melhor explicado na seção seguinte.

⁸ Utilizarei o termo macho e fêmea correlacionado ao conceito de sexo biológico em detrimento do masculino e feminino, visto que estes últimos são mais comumente utilizados em referência à identidade de gênero, tal como utiliza Louro (1997).

e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. (2014, p. 253)

As prescrições sociais operam como agentes reguladores de gênero, enquadrando os sujeitos a este modo de vida e de expressão, contudo, não agem apenas sobre sujeitos pré-existentes, mas formam uma sociedade que predestinará outros sujeitos, que ainda virão, a este padrão (BUTLER, 2014).

Partindo desse mesmo pressuposto, Louro (1997) utiliza o termo papel de gênero para designar

[...] padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (p. 24)

Nessas concepções, a sociedade é responsável por regular os papéis referentes a cada um dos gêneros: masculino e feminino. Primordialmente, cabe àquele que nasceu biologicamente designado a ser homem, construir e integrar a si características condizentes ao papel de gênero masculino. O mesmo se espera das que nasceram predeterminadas ao sexo feminino.

Contudo, independentemente do papel de gênero desempenhado pelo indivíduo, seja consonante ou não com o determinismo biológico, no campo da sexualidade há também a utilização do conceito conhecido como identidade de gênero e identidades sexuais.

A este respeito, a autora discorre ainda

Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as [homossexuais, heterossexuais, bissexuais, dentre outros]. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero [masculino ou feminino]. (LOURO, 1997, p. 26, grifo meu)

Nessa perspectiva, para Louro (1997), ainda que o sujeito desenvolva uma identidade de gênero em consonância com seu sexo biológico, ele poderá apresentar identidades sexuais diversas.

Partindo do mesmo princípio, Butler critica a concepção de que os gêneros compreensíveis e aceitáveis são aqueles que estabelecem relação entre o sexo (macho/fêmea), gênero (masculino/feminino), desejo (desejo afetivo-sexual pelo outro do sexo oposto) e prática sexual (estabelecimento do ato sexual a partir do desejo) e, com a atribuição de dois gêneros exclusivos (BUTLER, 2003).

Para a autora

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. (p. 39, grifos da autora)

Matrizes dissonantes ao padrão cultural estabelecido como norma são encaradas, então, como subversivas de gênero. Apesar da sociedade contemporânea buscar flexibilizar alguns desses atributos propagados culturalmente, aqueles que, de alguma forma, saem desse padrão são, ainda hoje, considerados desviantes, aos quais são despendidas retaliações, exclusões e as mais diversas formas de discriminação e preconceito.

A sociedade construiu como normativo o conceito binário do masculino/feminino, homem/mulher, macho/fêmea, a partir do pressuposto que todo sujeito deveria estar enquadrado, obrigatoriamente, em um destes, exclusivamente, estabelecendo a heterossexualidade como norma (FOUCAULT, 1998). Além disso, pensar unicamente nesta perspectiva, retiraria a possibilidade de outras expressividades para além do imposto, pois naturaliza-se e propaga-se a perspectiva consolidada, agindo então como mecanismo de regulação (BUTLER, 2014). Assim, é considerado “estranho” todo aquele que não segue essa dada padronização, como ocorre com gays, lésbicas, transgêneros, transexuais e afins.

Especificamente dentro dos grupos LGBTQs, impera ainda outro binarismo, à luz do homem/mulher, referente ao ativo/passivo. Assim, de modo estratificado, colocam-se num lugar de destaque e respeito entre a comunidade os gays ativos, compreendidos como homens, por apresentarem, em sua maioria, traços masculinizados e apenas desejo sexual por outros homens. Os passivos, por sua vez, colocados em marginalização social, são taxados como “bichas”, por serem percebidos como aqueles que apresentam características atribuídas ao gênero feminino (CARRARA; SIMÕES, 2007).

Situações como essas impõem rótulos e estereótipos que geram sofrimento, recriminação e insegurança, tanto em lidar com a própria sexualidade, quanto em expressá-la socialmente.

Refletindo sobre a regulação social de gênero, Butler estabelece um paradoxo em relação ao que se questionava, pois aqueles que não se encontram dentro do que fora definido como norma, ou seja, aquele que a transgride, até mesmo este está sob implicação e definição daquela (BUTLER, 2014). Isso porque, para ser classificado como “fora da norma”, é necessário que haja, inicialmente, uma norma reguladora em questão.

Mediante a normatização do ser homem/mulher e masculino/feminino, os sujeitos que a transgridem podem receber severas punições sociais, como rótulos mediante a patologização das consideradas disforias de gênero, exclusão e discriminação nos mais diversos ambientes nos quais se inserem, dentre outros (BUTLER, 2014).

Sendo o gênero uma produção cultural, tal como Butler apresenta, não há uma construção de identidade de gênero masculina ou feminina pré-existente, o que dá lugar a expressividades outras de gêneros, que não unicamente estas. Dessa forma, poder-se-ia abrir espaço para o gay como forma de expressão de gênero.

Havendo, inegavelmente, a ação de princípios reguladores, a heterossexualidade é posta como reguladora do desejo e da prática sexual, sendo guiada exclusivamente pelo sexo biológico (atribuído pela genética na concepção) em busca da efetivação do binário homem/mulher, reforçando não apenas a discriminação de práticas divergentes, como também a imposição de poder do homem sobre a mulher (BUTLER, 2014).

A sociedade vive a norma da “heterossexualidade compulsória⁹”, pela qual, socialmente, homens e mulheres são forçados a serem heterossexuais, o que comprova ainda mais que as identidades de gênero são socialmente instituídas (SALIH, 2012).

Dentre as formas de expressão sexual não-normativas, podem ser citadas: bissexual, transexual, travesti, *drag queen*, intersexual (conhecido anteriormente como hermafrodita) e homossexual; e, mais recentemente, outras nomenclaturas foram acrescidas, tais como: transexual, *crossdresser*, *drag king*, *queer*, dentre outros.

Num movimento de afirmação dessas expressões da sexualidade consideradas abjetas, políticas educativas têm sido criadas, no sentido de ampliar as informações sobre a questão à população. Na cartilha criada pelo Governo do Estado de São Paulo, intitulada “Diversidade sexual e cidadania LGBT”, a partir da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, em parceria com a Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual (SÃO PAULO, 2014), constam as seguintes definições sobre as terminologias que apreendem distintas formas de expressão de gênero/sexualidade:

⁹ Expressão criada pela poeta e crítica feminista Adrienne Rich.

- a. **Bissexual:** compreendida como o desejo sexual e afetivo por outros, indistintamente de sexo. A teoria psicológica psicanalítica, por exemplo, compreende que todo sujeito nasce orientado para a bissexualidade, visto que não compreende qual o papel social e sexual que deve assumir, nem mesmo quais as imposições sociais para o exercício de sua sexualidade (MELO *et al.*, 2004);
- b. **Transexual:** diretamente relacionado ao conceito anterior e compreendendo que a definição de gênero está associada a uma questão social, a transexualidade é considerada uma questão de identidade, reconhecida, por muitos, desde a infância. Assim, a pessoa que se identifica a partir do gênero masculino, ainda que tenha nascido biologicamente como fêmea, será, nesse caso, um homem transexual, pois assumirá comportamentos, identidade e biótipo físico masculinos (JESUS, 2012);
- c. **Travesti:** em termos gerais, travestis apresentam aparência feminina, contudo permanecem com o genital masculino. Em sua maioria, desejam ser chamadas pelo nome feminino, mas, diferentemente das transexuais, não desejam fazer a cirurgia de transgenitalidade, pois não apresentam problemas em lidar com o pênis (BARBOSA, 2010);
- d. **Drag Queen:** refere-se ao homem que se traveste com roupas femininas e maquiagens (em geral extravagantes), de maneira caricata, para apresentações artísticas de maneira geral. Vale destacar que *drag queens* não são necessariamente homossexuais (SÃO PAULO, 2014);
- e. **Drag King:** tal como as *drag queens*, se refere a mulheres que se vestem como homens, para fins artísticos e/ou profissionais (SÃO PAULO, 2014);
- f. **Crossdresser:** diz-se daquele (a) que se veste com roupas de sexo oposto para experienciar papéis de gênero referente àqueles (as) de sexo biológico diferente do seu. Estes não realizam adequações corporais, pois suas identidades de gênero são consonantes com o sexo biológico (SÃO PAULO, 2014);
- g. **Intersexual:** refere-se àquelas que nascem com variações biológicas de gênero, seja a partir de configurações cromossômicas, apresentação de ambos os genitais (pênis e vagina), alterações hormonais, dentre outros. Estes têm se mobilizado com vistas a retirá-los de um rol de patologia que exija, obrigatoriamente, cirurgias “reparadoras” para adequá-los a um gênero que pode não ser aquele com o qual se identificam (JESUS, 2012);

h. Homossexual: este termo designa aquele que tem um gênero biológico consonante com sua autopercepção, contudo apresenta orientação afetivo-sexual a outros indivíduos do mesmo sexo (SÃO PAULO, 2014).

É importante mencionar que, ao passo que torna-se necessário a conceituação, para que pessoas se encontrem e se identifiquem mutualmente, se constituindo enquanto grupo, em busca de promover lutas sociais para garantia de direitos, por outro lado, há de se considerar que esses conceitos, tal como tantos outros utilizados, não são suficientes para dar conta do que efetivamente se apresenta, e da multiplicidade de identificações e expressões sexuais e de gênero.

Cabe destacar ainda que, nesse primeiro momento, a proposta é apresentar apenas aspectos conceituais, não sendo minha intenção restringir o gênero a rótulos, ainda porque muitos não se identificam com nenhuma das propostas apresentadas.

Tem muita gente que preferiria não ter que se submeter a estas novas categorias sociais que tendem a empurrá-los para “guetos” estanques. Prefeririam que estas categorias sociais fossem elas mesmas combatidas e acabam entrando em choque não só com a ciência médica, mas também com alguns “homossexuais conscientes” que, por razões várias, têm interesse na manutenção das distinções. Afinal, negar a inevitabilidade da fronteira que separa os “homossexuais” dos “heterossexuais” colocaria em questão a própria noção de uma identidade homossexual que, para muitas pessoas, representa um modo de dar ordem às suas vidas, cheio de possibilidades de gratificação e muitas vezes “assumido” a duras penas. (FRY; MACRAE, 1985, p. 120)

Nesse sentido, Butler apresenta a ideia do *queer*, na década de 1990, enquanto uma expressão concernente aos que não se enquadram em nenhuma das outras nomenclaturas pré-definidas. Dessa forma, *queer* é o termo utilizado muitas vezes por aqueles que não se identificam com nenhuma das identidades ou expressões de gênero normativas (JESUS, 2012).

A gíria *queer*, nos Estados Unidos, é uma expressão de insulto direcionada ao público LGBT e, mesmo não havendo uma conceituação direta, se aproxima do conceito de estranho, “desviado”, ou o que no Brasil seria compatível com os termos “bicha, viado, fresco, dentre outros” (MISKOLCI, 2014).

Assim, Butler propõe uma ruptura efetiva entre o binarismo masculino/feminino, bem como entre identidade de gênero/sexualidade. Isso porque, mesmo que entre as expressões gays ainda haja uma noção de identidade, enquanto conceito social, preservada, o mesmo não ocorre entre bi e transexuais, sendo estes estigmatizados com ainda mais veemência que os demais (BUTLER, 2004).

Dessa forma, seriam considerados *queer* todos aqueles não-heterossexuais, uma vez que, para que de fato a igualdade fosse alcançada, seria necessário inicialmente o rompimento com aquilo que os aprisionam e os pré-definem *à priori*.

Compreendendo a posição adotada pela autora, justifico a apresentação das terminologias como forma de exemplificação da compreensão social sobre as expressões sexuais não-heterossexuais.

Ainda que a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 estabeleça que todos os indivíduos são iguais perante a Lei e o Estado, Scott (2005) critica essa posição, ao apresentar os paradoxos implicados nas noções de indivíduo e identidade coletiva. Para a autora, a ideia de que todos os indivíduos são iguais torna-se inconsistente, na medida em que se observam desiguais oportunidades e processos históricos de preconceito e discriminação, especificamente relacionados aos grupos de pertença dos indivíduos, tais como: gênero/sexualidade, raça/etnia, religião.

Scott aponta ainda que a pertença a estes grupos iguala todos os indivíduos a partir de uma única característica, que lhes configura uma identidade coletiva, que ao mesmo tempo dissimula as diferenças individuais entre os diversos sujeitos representantes do grupo, nesse sentido, restringindo as liberdades individuais e servindo ainda como marca discriminatória perante os *outsiders*, a partir de relações hierarquizadas de valoração dos diferentes grupos. Nesse caso, apenas são identificados como um grupo aqueles que carregam marcas de menor valor social, como mulheres, negros, indígenas, deficientes, etc. Homens, brancos, heterossexuais, por outro lado, tem maiores possibilidades de ação individual, desvinculada de uma identidade coletiva, uma vez que esta não é percebida.

Nessa direção, a ideia de que as ações afirmativas se pautam no destaque da discriminação de determinados grupos perde sentido, uma vez que a discriminação opera cotidianamente e as ações afirmativas visam reparar, de algum modo, essas situações, por meio do oferecimento de condições mais favoráveis ao acesso a bens e serviços essencialmente negados a estes sujeitos.

Nessa perspectiva, apresentarei adiante a necessidade de constituição de uma identidade gay, não necessariamente num sentido pessoal, mas principalmente em sentido político, de modo a assumir uma posição social e suas implicações, bem como na busca por direitos negados a essas minorias, tais como a tantas outras.

3 COMING OUT: UMA EXPRESSÃO E ESCOLHA POLÍTICA

*“O que você está fazendo **sozinho**? A resposta é óbvia.
Você não está sozinho, e não deve se dar ao luxo de tentar.
Essa porta de armário, que nunca foi uma proteção muito segura,
Agora está ainda mais perigosa. Você deve sair,
por você mesmo e por todos nós.”*
(Philip Bockman)

Levando em consideração a importância do processo conhecido como “sair do armário” na constituição e posicionamento político do gay enquanto ser social, nesta sessão, buscarei problematizar a utilização dos termos escolha, orientação ou expressão de sexualidade, bem como apresentarei histórico e conceituação do termo *coming out*.

Por fim, discutirei a necessidade de adotar uma identidade gay, enquanto aspecto individual e coletivo, para posteriormente apresentar alguns possíveis desafios experienciados por gays durante esse momento.

3.1 HOMOSSEXUALIDADE: UMA QUESTÃO DE ESCOLHA, ORIENTAÇÃO OU EXPRESSÃO?

Ao buscar uma resposta inicialmente conceitual sobre os termos escolha, orientação e expressão, o dicionário Aurélio propõe como significado para escolha: “ato ou efeito de escolher. Opção. Preferência. Seleção.”. Quanto ao conceito de orientação, a mesma fonte de pesquisa sugere: “Ato ou arte de se orientar. Impulso. Direção. Disposição conveniente das velas para o bom aproveitamento dos ventos”. Já no que se refere ao termo expressão, tem-se: “Ato ou efeito de exprimir. Manifestação de um sentimento. Caráter, sentimentos íntimos, manifestados pelos gestos ou pelo jogo da fisionomia.”. (DICIONÁRIO..., *online*, 2016)

Cabe lembrar, nesse ponto, que as palavras, por mais simples que possam parecer, são carregadas de história, perpassadas pela cultura e sobre elas são atribuídos diferentes significados sociais, no decurso dessa mesma história, e a partir da forma como o indivíduo tece sua íntima e pessoal relação com tais palavras.

Buscando olhar além daquilo que nos é imposto, inicio esta subseção com o seguinte questionamento: pode o sujeito escolher a quem amar ou se relacionar, ou essa condição vai além do processo de escolha?

O modelo de sociedade atual (heterossexista), ao compreender as demais expressões sexuais diferentes como inaceitáveis, finda por atribuir à homossexualidade e outras expressões

o lugar de escolha, afirmando que o indivíduo pode optar por não se relacionar com sujeitos de sexo similar ao seu. Essa compreensão reforça discursos (homo/lesbo/trans) fóbicos, pois propaga a crença de que a heterossexualidade é a escolha correta a ser feita por todos os sujeitos (TEIXEIRA *et al.*, 2012).

Esse entendimento desconsidera que os significados positivos e negativos às distintas manifestações da sexualidade são produções sociais e históricas, com interesses e finalidades determinadas, o que ainda responsabiliza os sujeitos a assumirem individualmente as consequências de suas escolhas.

Trevisan, ao levantar questionamentos similares ao proposto nesta seção, aponta por um caminho pertinente:

Alguém escolhe seu próprio destino? Talvez perifericamente, mas não até o ponto de determinar se sentirá atração definitiva pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo. Assim, não creio que 99% das pessoas que se sentem como homossexuais poderiam dizer que fizeram uma opção. Ao contrário, sentiram-se levadas por uma tendência interior. (TREVISAN, 2004, p. 34).

O termo opção sexual, substituído por orientação, é carregado de moralismo, pois, ao passo que a sociedade em geral acredita tratar-se de uma escolha feita pelo indivíduo, autores afirmam não ser possível que o sujeito escolha sua sexualidade, visto que ela é inerente ao ser humano, fazendo parte de sua constituição identitária. Quanto ao significado de orientação sexual, ao se distinguir da terminologia opção, refere-se à identidade¹⁰ atribuída ao indivíduo em detrimento da sua atração afetivo-sexual e sua conduta em relação à sexualidade (RIOS; PIOVESAN 2003; SOUZA; EUGÊNIO, 2011).

Orientar-se à homossexualidade, dessa forma, relaciona-se a experiências e sensações intrínsecas e incompreendidas, muitas vezes, por quem as vivencia, pois, assim como não é possível, cientificamente, explicar os desejos e sentimentos amorosos despertados especificamente por um indivíduo em detrimento de muitos outros (em caso de homens e mulheres que se enamoram), assim também torna-se igualmente desafiador explicar o que leva, por exemplo, um homem a se apaixonar por outro, em detrimento de inúmeras mulheres que passam pela sua vida. Aspectos estes ainda relacionados aos padrões hegemônicos de sexo e sexualidade (heterossexual), moralidade e padrões sociais impostos desde que nascemos.

Todavia, numa perspectiva política, é possível que o sujeito “escolha” apresentar-se socialmente como heterossexual – ainda que seus desejos se inclinem, com mais incidência, a

¹⁰ As discussões relativas ao conceito de identidade sexual serão apresentadas na seção posterior.

outros do mesmo sexo – e assim casar-se, constituir família, e não mais sucumbir a experiências homossexuais. Poder-se-ia então, mediante uma situação dessa natureza, dizer que o indivíduo deixou de ser gay? Certamente não, porém suas escolhas o inclinaram a deixar tais práticas, colocando-o, pois, na posição de estado heterossexual.

Da mesma forma, é possível, por exemplo, que o indivíduo que vivencia interesses por outros do mesmo sexo, possa escolher tornar-se gay, ao passo que adota publicamente uma identidade gay. Contudo, para que isto ocorra, é necessário que este passe por um ritual de passagem conhecido como *coming out of the closet*, ou, em algumas literaturas, simplesmente *coming out*¹¹ (SCHIMER, 2010).

O processo de escolha, à luz das propostas de Schimer, estende-se além da compreensão de aquele que escolheu se relacionar com outros iguais, e abrange o entendimento de aquele que escolhe lidar com esta condição e se posiciona socialmente frente a esta realidade, “saindo do armário” e expondo-se tal como é e como se reconhece. Nessa perspectiva, o homem ou a mulher assume o fardo imposto socialmente sobre sujeitos gays, para encarar o orgulho de ser quem é.

Nessa concepção, uma crença construída e que reforça atitudes de preconceito e discriminação contra gays diz respeito à de que todo gay que tivesse escolha sobre com quem iria se relacionar, escolheria a heterossexualidade. Com base na heterossexualidade hegemônica e nos discursos religiosos, sobrepondo a heterossexualidade à todas as outras expressões, constrói-se a ideia de que ser gay seria sinônimo de sofrimento, inutilidade e perversão (TEIXIERA *et al.*, 2012).

O lugar social ocupado por esse indivíduo é incômodo a tal ponto, que Serge André aponta que, no *setting* terapêutico, a angústia trazida por aquele gira em torno do lugar em que é colocado a partir da fala do outro. Seu discurso, então, passa a estar relacionado diretamente à reprodução do discurso de “todos os outros” e, por conseguinte, a assunção de um lugar que não o deixa satisfeito (MELLO *et al.*, 2004). O mesmo não ocorre apenas no *setting*, mas é trazido neste como reflexo do sofrimento experienciado por aquele sujeito em todos os âmbitos de sua vida.

Ser não-heterossexual, diferentemente do que prega a sociedade, não deve ser considerado motivo de sofrimento, necessariamente. Ao contrário, se essa compreensão é

¹¹ Terminologia que será melhor discutida adiante.

propagada e vivenciada por LGBTs¹², isso se dá como efeito da homofobia, por vezes, internalizada por estes (TEIXEIRA *et al.*, 2012).

Além disso, assumir uma identidade gay gera grande impacto sobre a vida do indivíduo, uma vez que, ao apresentar-se socialmente como gay, esse lugar será demarcado como definitivo, não havendo possibilidade de transição a outros modos de vivência e expressão de sua sexualidade.

Para além dos conceitos de escolha e orientação, Butler, ao questionar a construção de sexo e gênero, propõe a utilização do termo expressão, em substituição aos anteriores. Em meados dos anos 1990, os estudos sobre gênero passam para uma visão construtivista, e o gênero deixa de ser compreendido como o que somos, para o que produzimos mediante o que fazemos (BUTLER, 2003).

Anteriormente classificado como identidade de gênero (LOURO, 1997), o termo expressão sexual surge a partir dos estudos pós-estruturalistas, pois o termo identidade remete a características internas constitutivas do sujeito, engessadas e reguladas culturalmente. Dessa forma, o termo expressão relaciona-se à manifestação do desejo através do ato sexual, de modo a romper com regulações culturais ou com padrões predeterminantes que culminem no aprisionamento do sujeito (BUTLER, 2003).

Nesse mesmo período, com o fortalecimento dos movimentos feministas, os discursos LGBTs também se tornaram foco de discussão, tendo em vista as discussões emergentes sobre gênero como reflexo da condição biológica do sujeito (OLIVEIRA, 2006).

As discussões de Butler residiam no fato de que o sexo, até então, era atribuído ao natural (biológico), enquanto o gênero estava atrelado a uma base cultural. Contudo, a autora acredita que ambos, na realidade, são definidos pelo contexto cultural ao qual estão submetidos. Dessa forma, se ambos são, em mesma medida, construídos culturalmente, ou, como apresenta Butler, fabricados, não há a necessidade de relação direta entre ambos, podendo, assim, haver diversas expressões de gênero, enquanto que apenas dois sexos (BUTLER, 2003).

Nesse manuscrito, então, não partirei da compreensão da homossexualidade enquanto condição de sujeito e como algo estático, demarcado exclusivamente pela variável biológica, mas da premissa de que este sujeito está em constante processo de constituição, a partir também das marcas culturais e sociais. Ainda que se contrapondo ao caráter sexual hegemônico, é inconcebível desvincular o indivíduo gay desse contexto e de sua reação perante as situações culturais às quais está sujeito.

¹² Termo utilizado pelos autores.

3.2 COMING OUT

Ao nascermos, na sociedade ocidental em que o sexo e a sexualidade são tabus, ambos devem ser imediatamente encarcerados num armário, para que sejam distanciados de nossas relações. Não nos cabe, enquanto crianças, falar, sentir, ou mesmo pensar em questões relativas à sexualidade. Dessa forma, somos compreendidos como indivíduos inicialmente “assexualizados” (FOUCAULT, 1998).

De modo geral, torna-se permitido expressar a sexualidade apenas no universo adulto e heterossexual. Nesse sentido, ainda mais reclusos nesse “armário” encontram-se os desejos e interesses sexuais de indivíduos que se sentem atraídos por outros pares do mesmo sexo. Por conseguinte, torna-se necessário o processo de “libertação” e expressão da sexualidade, processo popularmente conhecido como “saída do armário”, ou *coming out*.

Coming out, então, é uma expressão de origem inglesa, sintetizada do termo *coming out of the closet*, que significa “saindo do armário”. Esse termo, em particular, diz respeito ao processo de revelação, seja para pessoas específicas, ou para a sociedade mais ampla, da sexualidade do público LGBTQ.

3.2.1 Conceito e alguns aspectos históricos

No período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980, o termo *coming out* era descrito como uma particular experiência de renascimento, a ser vivido como um dos processos de aprendizagem social mais importantes na vida de um gay. Isso porque, para lidar com essa situação, o gay necessitará passar por um processo de ressocialização, com o objetivo de obter apoio em outros iguais, ou seja, de pessoas que partilham destas mesmas vivências, para poder lidar de forma mais adequada com os estigmas e pressões advindas da revelação (SAGGESE, 2008).

A busca de apoio com outros gays se dá, principalmente, pois, conforme o autor anuncia, diferentemente de outros grupos estigmatizados, gays, em sua maioria, não possuem suporte familiar para lidar com o preconceito.

“Sair do armário” implica diretamente em reconhecer para si e para os outros o desejo afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo, o que se torna dissonante com o esperado socialmente para seu sexo biológico (TEIXEIRA *et al.*, 2012)

Assim, esse processo pode ser encarado como um rito de passagem vivido pela maioria dos LGBTQs, e que exige que o indivíduo: a) se desprenda dos princípios heterossexuais

“naturais”, ou seja, dos conceitos heteronormativos arraigados socialmente; b) se desvincule e desconstrua os estereótipos de homossexualidade que lhe foram ensinados; c) se proponha a aprender sobre a cultura, grupo e política LGBTQ na qual está adentrando. Neste sentido, “sair do armário” implica em romper com a pseudo realidade de que todas as identidades sexuais são obrigatoriamente heterossexuais (DRESCHER, 2014).

O *coming out* vem sendo compreendido ainda como a forma única e efetiva de legitimação do reconhecimento social de gays e para a garantia de direitos deste público, isso porque o armário é compreendido como uma posição opressora de gays, ainda na atualidade (SEDGWICK, 2007; SAGGESE, 2008).

Tal como apresenta Saggese, o *coming out* pode se enquadrar em dois tipos: o primeiro, considerado como involuntário, ocorre quando o sujeito apresenta trejeitos ou traços que remetam a características socialmente associadas a gays, geralmente associadas a papéis de gênero opostos ao sexo biológico, nesse caso, o indivíduo é “expulso do armário”, ainda que a situação, muitas vezes, incorra na negação da sexualidade; no segundo, denominado como voluntário, o indivíduo se apresenta voluntariamente como gay, aceitando sua condição, compreendendo e encarando as implicações de sua revelação e ainda compreendendo a importância política e social que essa revelação tem, tanto para si quanto para a sociedade (SAGGESE, 2008).

Historicamente, o movimento de visibilidade LGBT tem como marco a rebelião de *Stonewall*, datada de 28 de junho de 1969. Nesta ocasião, gays e lésbicas travaram uma manifestação contra policiais em Greenwich Village, em Nova Iorque (GREEN, 2003).

Neste período, os Estados Unidos adotavam um sistema jurídico anti-homossexuais, com isso, raros estabelecimentos permitiam a entrada de pessoas declaradas homossexuais. Dentre os poucos estabelecimentos que se opunham a esta prescrição estava o bar *Stonewall In*, que, como outros bares gays, sofria constantemente com batidas policiais, com o intuito de apreendê-los. Contudo, os policiais perderam o controle, hostilizando os frequentadores do bar em questão, ocasionando uma onda de revolta e protestos de gays e lésbicas da região. Esses protestos ocorreram durante várias noites, com ações de repúdio contra o posicionamento policial e jurídico frente à comunidade LGBT (FRY; MACRAE, 1985).

A partir de então, iniciaram-se os movimentos ativistas de luta a favor dos direitos LGBT no país, o que se tornou também um marco mundial, pois, desde então, em diversos países do mundo se comemora a Passeata Anual do Orgulho Gay (GREEN, 2003).

A vivência da sexualidade do indivíduo gay, assim como no episódio em *Stonewall*, costumeiramente ultrapassa a esfera particular (de sua própria vida), para ser colocada também,

erroneamente, como domínio público. Esse movimento, no qual a sociedade, de modo geral, se posiciona no direito não apenas de opinar, mas de interferir intimamente nessas vivências, implica diretamente no processo de *coming out*.

Ao longo da história, algumas outras situações ocorreram e foram expostas, de modo a percebermos como a revelação/exposição da sexualidade interfere profundamente na forma como as instituições sociais percebem e passam a lidar com esse indivíduo. Tal concepção do público/privado, no que diz respeito à vida de gays, apresenta relação direta com a metáfora “dentro/fora do armário”, enquanto lugar onde o gay é muitas vezes enclausurado.

Como exemplo, cito o caso Acanfora, ocorrido no ano de 1973, em Maryland, Condado de Montgomery, também nos Estados Unidos. Acanfora era um professor de ciências da terra, da oitava série, que fora retirado de suas atribuições enquanto docente e remanejado para outra atribuição, devido a descoberta de que era gay. Não estando de acordo com a decisão tomada pelo Conselho de Educação, Acanfora expôs a situação em telejornais (o que culminou na não renovação do seu contrato) e entrou com um processo judicial para recorrer da decisão tomada pelo Conselho (SEDGWICK, 2007).

A Primeira Corte apoiou a ação e argumento do Conselho, alegando que a exposição midiática atraía atenções demasiadas a ele e sua sexualidade, o que poderia ser prejudicial para o espaço educacional. Seguindo o trâmite judicial, a Quarta Corte discordou, atestando que a atitude de Acanfora seria respaldada pela Primeira Emenda Constitucional, contudo, não permitiu o retorno do educador à sala de aula. O argumento adotado pela Corte foi que Acanfora não explicitara, na primeira tentativa ao cargo, sua orientação sexual (o que impediria sua contratação, segundo os dirigentes da escola) (SEDGWICK, 2007).

O que foi posto em questão, nesse caso, não foi exclusivamente a expressão da sexualidade de Acanfora, seus interesses afetivo-sexuais, mas a sua inaptidão em gerenciar “adequadamente” a publicidade dessas informações.

Situação similar ocorreu no caso Rowland, em ação contra decisão tomada pelo Distrito Escolar Local de Mad River, em 1985. Nesse caso, a orientadora educacional revelou para algumas de suas colegas de trabalho que era bissexual. A Suprema Corte dos Estados Unidos recusou-se, nesta ocasião, a considerar o recurso interposto pela educadora. Apenas 18 meses depois, esta mesma Corte determinou que: “[...] a homossexualidade, por mais densamente adjudicada que seja, não deve ser considerada questão de interesse **público**, [...] tampouco subsiste sob o manto do **privado**.” (SEDGWICK, 2007, p. 25, grifo do autor).

A sodomia¹³, nos Estados Unidos, tal como propagado no discurso bíblico, por muitos anos, inclusive, foi considerada como contravenção penal, incorrendo em sanções jurídicas, ilustrada pelo caso Bowers contra Hardwick, em 1986, e por tantos outros que, embora não citados, igualmente somam-se aos apresentados, como significativos na luta e ganhos políticos em prol da comunidade LGBT.

Já em meados do século XX, mediante estas e outras lutas travadas em direito do homossexual, e com a consolidação de um Movimento mais fortalecido e também seguindo as lutas feministas, surge uma mudança no pensamento do que seria ser gay, na qual essa posição passa a assumir não apenas um caráter individual, mas também político. Assim, o homoerotismo começa a ganhar espaços para reconhecimento como um pequeno recorte de uma questão mais ampla, em detrimento da heterossexualidade enquanto prática sexual hegemônica (SAGGESE, 2008).

Enquanto ocorriam essas situações, o Brasil também passava por movimentos de busca de direitos e reconhecimento LGBTQ, na tentativa de criação de uma identidade gay, bem como de melhoria da imagem dessa população, que passava e ainda hoje passa por situações vexatórias e de violência.

Assim, o Brasil passou pelo que foi nomeado como três grandes ondas, nas quais a militância trabalha em busca de legitimação da identidade e estabelecimento de um lugar a ser ocupado pela comunidade LGBTQ em sociedade.

Na primeira onda, datada da década de 1970, o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) buscou positivar a imagem dos gays, lutando também contra a violência e compreensão patológica da homossexualidade. Naquele momento também se buscou desconstruir os estereótipos criados e impostos sobre os gays. Assim, aquela década foi marcada pela formação de identidade do ativista gay (SCHIMER, 2010).

Nos anos de 1980, a saúde pública tem como um dos marcos o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), este afetou diretamente o público gay brasileiro. Com o advento da AIDS, os gays (principalmente os masculinos) foram colocados como bodes expiatórios e recaiu sobre eles um novo estigma, que perdura até os dias atuais, pois eles foram colocados como grupo central de contaminação (SAGGESE, 2008).

Os gays, nesse momento, vivenciaram um sentimento duplo de sofrimento, pois além de sofrer direta ou indiretamente com a AIDS (por estarem adoecidos ou terem

¹³ A sodomia é compreendida como a obtenção do prazer sexual obtida mediante o intercurso anal, podendo ser praticada tanto por heterossexuais como por homossexuais.

amigos/familiares doentes), o estigma foi tão intenso que culminou no retraimento social de muitos (SAGGESE, 2008).

Contudo, mesmo mediante as consequências negativas atribuídas, o olhar atraído para essa situação alcançou proporções para a visibilidade que até então não fora conseguida pelo MHB, o que pôde iniciar o processo de colocar o homossexual num lugar social específico (SAGGESE, 2008; SCHIMER, 2010).

Os movimentos, então, buscaram se unificar, não mais unicamente em favor dos direitos, mas para que o estigma agregado a eles, tanto vinculado à epidemia de AIDS, quanto pelo caráter marginalizado deste grupo, fosse dissolvido, para que esta visão desse lugar à compreensão de um homossexual cidadão, como qualquer outro indivíduo (SCHIMER, 2010).

“O jargão da vez era ‘é legal ser homossexual’, guardando no duplo sentido da palavra ‘legal’, um orgulho e um direito.” (SCHIMER, 2010, p. 32)

Ao passo em que a AIDS foi sendo estudada e compreendida adequadamente, as Organizações Não Governamentais (ONGs) que apoiavam os movimentos LGBTs, juntamente com os homossexuais, passaram a cobrar atitudes mais efetivas do Estado, de modo a desmitificar a doença e para promover a implementação de políticas públicas de combate e prevenção (SAGGESE, 2008).

A partir disso, dá-se início à terceira onda, datada dos anos 90. Nesse momento, a identidade gay se encontrava melhor estabelecida e a saúde pública se estruturava em relação ao combate à AIDS, bem como houve a passagem à política democrática, que possibilitou ao gay o *status* de cidadão de direitos. Assim, os encontros de grupos LGBTs passaram a ser mais numerosos, feitos com maior frequência e com a presença de um público também maior (SAGGESE, 2008).

Nesse mesmo período, em consonância com o marco em *Stonewall*, foi realizada a primeira Parada do Orgulho LGBT, na cidade de São Paulo, como sinal de um grupo de “minorias” que se encontrava disposto a fazer-se visto, aceito e encarado enquanto parte integrante da sociedade (SAGGESE, 2008).

Mediante esse movimento histórico, é notória a necessidade da emergência de militâncias que promovessem a construção de identidades e lutasse pela garantia de princípios de cidadania ao público LGBT, o que foi crucial para o processo de desenvolvimento de autonomia dos gays e, conseqüentemente, para dotá-los de coragem para “sair do armário”.

3.2.2 Construção de uma identidade gay

“Se não há qualquer tipo de apropriação identitária por parte do sujeito, como esperar que ele próprio ‘assuma’ ou ‘revele’ alguma coisa?” (SAGGESE, 2008, p. 04)

A partir do questionamento proposto por Saggese, para que o *coming out* ocorra de forma efetiva, o gay que se encontra “no armário” necessita passar por uma mudança subjetiva muito intensa para se apropriar de uma nova identidade que traz consigo uma herança social fortemente carregada, como apresentado anteriormente.

Levando-se em consideração que a sociedade normatiza que todos são heterossexuais por natureza, é bastante comum que muitos gays que estão “dentro do armário” assumam posicionamentos heteronormativos, com o intuito de camuflarem sua homossexualidade, tanto para os outros quanto para si mesmos (DRESCHER, 2014).

Na modernidade, o conceito de identidade sexual é fundamental, por oferecer a possibilidade de um senso social e comunitário a todos os que se reconhecem a partir de identidades semelhantes, e em alguns casos implica, inclusive, comprometimentos de ordem política (SAGGESE, 2008).

Vale destacar, portanto, que, diferentemente do que rege o senso comum, as práticas sexuais adotadas pelas pessoas não têm necessariamente uma relação direta com a identidade sexual delas, na medida em que muitas pessoas que experienciam práticas homoeróticas não se reconhecem enquanto gays ou bissexuais, por exemplo (TEIXEIRA *et al.*, 2012).

Os próprios estereótipos, atributos e rótulos por vezes são atravessados pela posição social ocupada pelo indivíduo. A autoidentificação como “bicha”, por exemplo, geralmente está relacionada a classes mais populares, em que há uma relação direta entre a homossexualidade e a figura do feminino, expressa nos traços e apresentação física, como também na escolha de profissões (cabeleireiro, cozinheiro) não compreendidas, normativamente, como profissões de perfil masculino. Ainda nessa classe, outra identificação se faz a partir do binarismo ativo/passivo (ANJOS, 2000).

A autora apresenta ainda que nas classes mais favorecidas, por sua vez, a identificação com o feminino toma menor proporção, pois há entre esse grupo, de forma geral, a busca pela discrição e maior aceitação social. Nesse grupo adotam-se, geralmente, profissões vinculadas ao artístico e à intelectualidade, trazendo o homossexual como um sujeito com maior “sensibilidade”.

As classes médias são as que buscam, por sua vez, desvincular a identidade homossexual da figura da mulher, ao apresentar a nomenclatura gay. Assim, buscam

desconstruir a percepção do gay enquanto inferior, a fim de nivelá-lo numa posição igualitária aos heterossexuais e a relação passivo/ativo assume uma posição de prazer sexual, e não de subordinação (ANJOS, 2000).

Ademais, embora práticas homoeróticas tenham sido adotadas em diversas culturas e sociedades ao longo do tempo, em apenas algumas delas é possível identificar a presença de identidades homossexuais que se destacassem e distinguissem das demais identidades sexuais (WEEKS, 1987 *apud* SAGGESE, 2008).

Tornar-se visível ou esconder-se, ao menos no campo da sexualidade, é algo que não depende exclusivamente de um maior ou menor nível de autoaceitação, mas de uma série de atributos identitários que pode ir além da orientação sexual. Acrescido a isso, o próprio desenvolvimento de uma identidade homossexual está intimamente ligado aos significados que o sujeito confere aos conceitos de “homossexual” e de “homossexualidade”. (SAGGESE, 2008, p. 07)

Assim, para que o indivíduo se reconheça como gay, não basta apenas aceitar o fato de se atrair afetivo-sexualmente por pessoas do mesmo sexo, mas para além disso, cabe também a ele significar positivamente e aceitar termos como homossexual, gay, “bicha”, “viado”, “fresco”, e tantos outros atribuídos popularmente às pessoas desse grupo.

3.2.3 Desafios e implicações em “sair do armário”

É inegável que o *coming out* auxilia diretamente no processo de integração do indivíduo gay à sociedade, contudo, para que este se sinta seguro para revelar sua expressão de gênero, inúmeros fatores são levados em consideração e interferem diretamente nessa decisão: a dinâmica do sujeito, estruturação familiar, aspectos culturais, sociais, dentre outros (DRESCHER, 2014).

Ainda que pareça ser um processo simples, o *coming out* exige uma série de negociações do sujeito consigo mesmo, além da necessidade de constantemente avaliar os impactos que a revelação pode ocasionar em sua vida e em suas relações. Esses impasses geram no sujeito uma necessidade frequente de avaliação do que revelar, a quem e onde revelar, decisões que se estenderão ao longo de sua vida (SAGGESE, 2008; DRESCHER, 2014).

Isto porque o “armário” têm em si grande complexidade em suas variações, visto que o fato de ser “assumido” publicamente como gay não implica dizer, necessariamente, que houve uma saída total do armário. É comum que gays tenham que, por muitas vezes, “retornar ao

armário” em algumas situações de trabalho, ao não expor abertamente sua sexualidade, optar por contar apenas a alguns membros da família e amigos, em detrimento de outros, mas sem desejar que todos saibam (DRESCHER, 2014).

Cada novo encontro ou relação estabelecida socialmente poderá construir novos armários, cabendo ao indivíduo decidir se permanecerá nessa nova construção ou se sairá, na medida em que fará ou não a revelação. Ainda assim, há poucos gays que não estejam ainda no armário em relação a outros que expressem significativa importância para eles, independentemente da relação estabelecida (SEDGWICK, 2007).

Aqueles que permanecem enclausurados no armário não conseguem aceitar em si mesmo, e muitas vezes nos outros, os desejos homoeróticos, compreendendo como inaceitáveis quaisquer sentimentos ou rótulos que possam macular a figura pública heterossexual construída por eles (DRESCHER, 2014).

Não bastando os conflitos internos enfrentados durante o *coming out*, o gay ainda se depara com algumas outras situações, tal como afirma Sedgwick:

No processo de auto-revelação gay, [...] no contexto do século XX, questões de autoridade e de evidências podem ser as primeiras a surgir. “Como você sabe que é realmente gay? Por que a pressa de chegar a conclusões? Afinal, o que você diz se baseia apenas em poucos sentimentos e não em ações reais; que tal falar com um terapeuta e descobrir?” Tais respostas – e sua ocorrência nas pessoas que se assumira pode parecer um eco retardado de sua ocorrência na pessoa que se assume. (SEDGWICK, 2007, p. 37-38).

Todos esses questionamentos que frequentemente surgem por parte de uma sociedade opressora e inflexível em questões de gênero, por vezes também assolaram o próprio sujeito e, ao passo que este se reveste de segurança para se revelar, questionamentos como esses findam por novamente instalar a insegurança, empurrando, ocasionalmente, o indivíduo novamente para o “armário”.

Nestes termos, estar “no armário” nada mais é do que guardar segredo em relação à sua sexualidade para alguém (DRESCHER, 2014). O ponto chave aqui é: até que ponto o “armário” é um espaço privado ao indivíduo gay? Ou mais: por que se torna necessário que gays exponham sua sexualidade abertamente, sendo que para heterossexuais esta exposição não se faz necessária?

Passar pelo *coming out*, então, será para o gay um processo não necessariamente de ceder às exigências sociais, mas, antes disso, de permitir-se viver uma realidade de sentimentos antes oprimidos e negligenciados e de libertar-se dos grilhões da normatividade. Permitirá ainda

que o indivíduo se conheça mais intimamente e possa expressar seus sentimentos e pensamentos, para si e para os outros (DRESCHER, 2014).

Exige ainda a integração não apenas da identidade sexual, mas ainda da personalidade, afetos e desejos dessa pessoa, tornando-se, assim, um processo constante na vida do sujeito (DRESCHER, 2014).

Ao revelar sua homossexualidade, o indivíduo põe em xeque valores e crenças extremamente arraigados na sociedade. Ao passo que um segredo extremamente doloroso para ser guardado vem à tona, os estigmas sociais reproduzidos e recaídos sobre o grupo continuam presentes, assim como o eram mesmo antes da revelação (no caso de situações de *coming out* involuntário). Ademais, a revelação pode, em alguns casos, culminar em perdas significativas e mesmo em situações de agressão (SAGGESE, 2008).

Nesse sentido, o processo de *coming out*, diferentemente do que muitos acreditam, é um movimento extremamente complexo, que pode implicar em perdas e mudanças drásticas na vida do indivíduo, tanto na esfera pública quanto na vida particular do sujeito. Isso justifica as dificuldades experienciadas por indivíduos gays em exporem sua sexualidade.

Além disso, compreendendo o armário como um lugar onde se guarda segredos que o sujeito não deseja revelar, não estaríamos todos nós encarcerados em inúmeros armários, ocultando, em muitos casos, segredos altamente estigmatizantes, se forem expostos publicamente?

Dessa forma, compreende-se a importância desta pesquisa – ao desvelar o processo de *coming out* de um indivíduo autodeclarado como gay, e os entraves, idas e vindas vinculados a esse processo – enquanto veículo informativo que poderá auxiliar outros gays que constantemente passam pelo mesmo processo e, eventualmente, não sabem como lidar com situações que lhe acometem durante esse movimento.

Sua relevância dá-se ainda mediante a possibilidade de gerar reflexões sobre as angústias e dificuldades enfrentadas por gays, quando encaram a necessidade iminente de se posicionarem e se livrarem das normatizações sociais, em busca de sua liberdade de expressão sexual.

4 ... É CAMINHANDO QUE SE FAZ O CAMINHO¹⁴...

Iniciar as escolhas dos procedimentos e métodos a serem adotados no decurso de uma pesquisa é uma das tarefas mais difíceis com as quais o pesquisador se depara, porém é um momento crucial para alcançar os resultados pertinentes científica e socialmente. Nessa perspectiva, penso que o método possa ser comparado, metaforicamente, a um esqueleto utilizado para sustentação do corpo, nesse caso, a pesquisa proposta.

O início da construção do conhecimento científico foi pautado no empirismo lógico (positivismo), em que os fenômenos deveriam ser transformados em termos objetivos e observáveis, e posteriormente testados pelo processo de experimentação (empirismo), de forma a avaliar sua veracidade. A partir disso, a construção científica se consolidou baseada no indutivismo, processo de generalização após a comprovação, a partir de um certo número de observações, formando assim leis ou regras gerais. Apenas seguindo esse procedimento, os ramos de conhecimento poderiam alcançar o *status* de ciência (ALVES-MAZZOTTI, 1999).

Com o passar dos anos, porém, o positivismo passa a receber críticas, principalmente no que tange a seu princípio de objetividade da observação e legitimidade da indução (ALVES-MAZZOTTI, 1999). Surge então a pesquisa em ciências humanas que, contrariando o positivismo, propõe um novo olhar sobre os sujeitos em interação na pesquisa, no qual a suposta neutralidade e imparcialidade do cientista são questionadas, assim como o lugar dos participantes, como meros objetos de estudo. Os sujeitos e as subjetividades em relação passam a ser considerados como foco central das pesquisas, pois importa entender o que pensam, como se sentem e se emocionam, e quais significados produzem sobre suas vivências e realidades.

4.1 A PRIMEIRA DENTRE MUITAS ESCOLHAS: DELINEAMENTO DO MÉTODO

Levando em consideração o exposto anteriormente, as histórias singulares passam a ter grande importância, pois não dizem apenas das especificidades de determinados sujeitos, mas têm muito a revelar sobre os processos objetivos, históricos, sociais e culturais, de constituição de subjetividades. Tem-se sua importância ainda por compreender os sujeitos a partir de sua subjetividade, buscando identificar a forma como estes lidam com situações cotidianas, em busca do seu autoconhecimento (ABRAHÃO, 2003).

¹⁴ TITÃS. **Enquanto Houver Sol**. São Paulo: BMG Brasil, p2004. 1 CD.

A contribuição dos estudos feministas, pós-estruturalistas e mesmo os estudos de gênero e a Teoria Queer (PAIVA, 2009?) residem no fato de dar visibilidade e voz ao gay, a sua história e às suas experiências, visto que os percebem não como meros objetos de estudos ou produtor de dados, mas como agentes de transformação, buscando evidenciar a importância de reapropriação do sujeito, na busca de compreendê-lo, bem como as experiências, em sua complexidade.

Nessa direção, métodos narrativos, biográficos e autobiográficos, sob diferentes perspectivas teóricas, assumem um espaço de relevância, pois permitem, em certo modo, universalizar algumas experiências vivenciadas pelo participante e por outros sujeitos que se encontram em situações e contextos semelhantes (ABRAHÃO, 2003), bem como compreender de que forma os eventos culturais e históricos atuam nas vivências de indivíduos em determinado contexto social (NASCIMENTO, 2007).

O ato de narrar pode ser compreendido como um intercâmbio de experiência entre pessoas, no qual há aquele que transmite a experiência, nesse caso, o narrador, e aquele a quem ela é destinada, o leitor, podendo ser apresentado tanto na modalidade oral quanto na escrita (BENJAMIN, 1987; ABDALA JUNIOR, 1995). Benjamin, contudo, aborda em seus escritos, de forma mais efetiva, os narradores orais, que têm se extinguido gradativamente de nossa sociedade, ao serem substituídos por outros modelos de transmissão de informações e conhecimentos sobre o outro.

O narrador pode ser um participante da pesquisa, que, ao ser entrevistado pelo pesquisador, conta sua história de vida e vivências, mediado pela interlocução do pesquisador. Todavia, em alguns casos, o narrador pode ser o próprio pesquisador, o qual contará sua história, resgatando memórias em paralelo com questões atuais de sua vida.

Contudo, ao optar pelo método narrativo, não são levados em consideração todos os aspectos da vida do sujeito, mas aqueles que forem mais significativos para a pesquisa, que apresentem experiências mais marcantes, profundas e que, acima de tudo, necessitem de interpretação e auxiliem na resolução dos questionamentos levantados para a pesquisa (REIS, 2011).

Nem sempre, porém, essa narrativa ocorrerá de forma linear e cronológica, cabendo ao pesquisador, posteriormente, reorganizar esse discurso de forma a torná-lo compreensível e analisável. A narrativa, assim, passa a ser compreendida como o ato de relatar uma história, havendo nesse decurso dois ou mais interlocutores.

No ato da pesquisa, por exemplo, ainda que haja o narrador da sua história e o pesquisador como aquele que escutará, registrará e analisará essa narrativa, haverá ainda outros interlocutores nesse processo pois, anteriormente, nossas histórias são construídas pelas relações sociais. Partindo do pressuposto que somos seres culturais, nosso discurso também é impregnado por outros discursos que nos foram anteriormente dirigidos (REIS, 2011).

[...] as narrativas de si, orais e escritas, contribuem para a transformação de sentidos históricos-culturais, concernentes às representações de si, do outro e da ação do sujeito no mundo, tanto para a pessoa que narra quanto para aquelas que leem, escutam e analisam a narrativa. (PASSEGGI; VICENTINI; SOUZA, 2013, p. 17)

Os modelos de narrativa, sejam eles escritos ou orais, vêm sendo utilizados, no decorrer da história, como princípios educativos, transmissores de conhecimento e informações transculturalmente. Em seu teor, geralmente busca-se relatar situações causadoras de algum tipo de tensão, conflito e a forma como estes são solucionados. Mesmo que partam de uma experiência singular, agem de modo significativo para auxiliar na compreensão da realidade como um todo, visto que o leitor (no caso dessa narrativa) pode emergir num processo identificatório aos relatos do narrador (SANTOS; GARMS, 2014).

Uma boa narrativa deve começar por uma situação aparentemente estável, ameaçada por uma força (interna ou externa), resultando num estado de desequilíbrio. Esse equilíbrio se reestabelece mediante uma outra força dirigida num sentido inverso, e se torna semelhante àquele equilíbrio inicial, mas nunca idêntico a ele (TODOROV, 1979). Busquei, no decurso da construção da narrativa, evidenciar esses momentos propostos por Todorov, vinculados ao processo de *coming out*.

Bolívar e Domingo (2006) destacam ainda que o método narrativo biográfico não se configura apenas como método de coleta e análise de dados, mas uma perspectiva própria pautada em cinco postulados principais: narrativa; construtivista; contextual; interacionista e dinâmica. Isto é, as narrações precisam ser interpretadas a partir dos significados (re) construídos sobre as situações narradas, em sua relação com os contextos sociais, culturais e institucionais nos quais se constituem e com as interações em que ocorrem, considerando ainda a dinâmica temporal que explicitam e das quais decorrem.

Com base nesses pressupostos, optei por analisar o processo de *coming out* a partir de minhas experiências de vida, numa aproximação com metodologias autobiográficas de produção e análise de narrativas, num processo em que assumi duplamente o papel de narrador/pesquisador. Considerando que, como gay, vivi e vivo continuamente, de corpo e

alma, o processo de expressão de minha sexualidade, expondo-me a mim mesmo e às pessoas com quem convivo, contar e analisar minha história se faz pertinente.

Nesse sentido, minhas narrativas de vida serão interpretadas à luz das teorias sobre a expressão sexual e a homossexualidade, e fundamentalmente analisadas como significações construídas em um contexto histórico, social e cultural específico, no qual interações também específicas foram estabelecidas numa dinâmica temporal.

Embora o método narrativo vincule-se a uma proposta de subversão da organização textual científica, dividida em fundamentação teórica, método, resultados e discussões, como o leitor pôde observar até o presente momento, optei, neste trabalho, por mantê-la, para garantir algum terreno de segurança, relativo à estruturação formal de dissertação. Nessa direção, a narrativa e sua análise serão apresentadas nas próximas seções, mas assumirão também um formato distinto da narrativa cronológica, como explico subseqüentemente.

4.2 A PRODUÇÃO DA NARRATIVA: DOS REGISTROS INICIAIS À APRESENTAÇÃO FINAL DAS CENAS

Após a decisão de narrar minhas próprias vivências, surge a questão: como fazê-lo? Para transmitir uma história entre as palavras depositadas nas linhas de um papel, o escritor precisa, primeiramente, decidir de que forma esta história será contada. Durante esse momento de escolha, algumas estratégias foram adotadas, na tentativa de melhor estabelecer o registro de memórias para posterior análise.

Inicialmente, adotei, juntamente com minha orientadora, a estratégia de elaboração de um roteiro de entrevista, por ela construído, de modo a me auxiliar na rememoração das vivências infantis relativas à minha sexualidade. Vale ressaltar ao leitor que, nesse momento, ainda tateávamos os objetivos do estudo que, considerando a Linha de Pesquisa do Programa a qual me vinculo, precisava incluir, em alguma medida, a dimensão educacional. Nesse sentido, esse roteiro foi direcionado principalmente às minhas relações estabelecidas no âmbito escolar, que tinha mais dificuldade em acessar.

Percebemos, todavia, que a entrevista restringia significativamente as possibilidades de narrativa, visto que me atinha a responder as questões propostas, barrando a emergência de outras histórias igualmente relevantes.

Assim, não descartando as informações coletadas a partir dessa primeira estratégia, minha orientadora propôs o registro das minhas lembranças e vivências atuais em um diário de campo. Nele registrei, durante quatro meses, situações que me ocorreram do passado ao

presente, e que me vieram à mente, inicialmente sem preocupação em se tratar de informações relacionadas ou não à minha sexualidade.

No total, elaborei dez longos registros de situações cotidianas, ocorridas durante esses quatro meses, visto que os redigia de forma semanal ou quinzenal (a depender das situações vivenciadas em meu dia-a-dia). Quando as experiências eram significativas aos objetivos do estudo, procurava registrá-las imediatamente, para minimizar a possibilidade de esquecimentos.

Quanto às memórias passadas, registrei-as em categorias prévias, pois foi uma alternativa que me facilitou o acesso às informações necessárias. Assim, as memórias foram previamente divididas entre: aspectos subjetivos, questões familiares, vivências escolares e aspectos religiosos.

Em cada uma dessas categorias, escrevia tudo o que me viesse à memória (cenas, experiências, sensações e sentimentos), seja vinculado ao *coming out*, à sexualidade ou mesmo a relações estabelecidas de forma geral.

Na primeira proposta de organização textual para a qualificação, parti da organização das categorias previamente utilizadas, visto que a proposta inicial não pretendia voltar-se especificamente ao processo de *coming out*, mas à vivência da minha sexualidade.

Após a qualificação, contudo, outros rumos foram tomados, pois, a partir das contribuições do professor Leonardo Lemos de Souza (convidado externo), pudemos vislumbrar outras possibilidades para a escrita final. Nessa ocasião, o professor chamou atenção ao fato dos relatos enfatizarem o momento da “saída do armário” como aspecto eixo de vários relatos. Destacou ainda que a vivência da sexualidade é um movimento contínuo que poderia culminar em dificuldades e lacunas durante o processo de escrita e análise. Destarte, seguimos para a proposta indicada pelo professor e reorganizamos o texto a partir desse novo prisma.

Após a releitura dos registros e do estudo teórico sobre o *coming out* pensamos em organizar as vivências em categorias específicas relacionadas ao processo. Notamos, contudo, que essa forma de organização não seria adequada para a compreensão da história e suas nuances. Optamos, então, por apresentá-las de forma cronológica, apresentando minhas vivências do passado ao presente. Desta segunda forma, percebemos ainda que alguns aspectos e detalhes se perdiam, dificultando a compreensão do leitor sobre as situações.

Por fim, optamos por organizar os registros a partir das cenas que considerávamos mais marcantes, selecionadas à luz dos referenciais teóricos, e nas quais, muitas vezes, as situações vividas percorriam não apenas um momento único e isolado, mas uma série de outros momentos, vinculados a esta mesma cena.

Assim, na seção cinco serão apresentados relatos de cenas coletadas dos diversos diários construídos. Contudo, o processo de organização da apresentação final, nesta dissertação, culminou com a reelaboração e o aprofundamento das histórias, com a descrição mais detalhada de alguns aspectos, suscitados, muitas vezes, a partir de questionamentos da orientadora e também ressignificados a partir da apropriação teórica dos estudos de gênero e da teoria *queer*.

Por optarmos pela aproximação ao método narrativo, as cenas apresentam ainda, sempre que possível, uma orientação cronológica e têm relação direta com o processo de *coming out*, sendo retiradas as memórias registradas que não apresentaram vinculação com esse movimento.

Decidimos, ainda, permitir que as narrativas falem por si e que, a partir delas, emerjam os conteúdos tratados nas seções teóricas da pesquisa, tornando possível ao leitor fazer essas vinculações. De modo a promover uma organização final das ideias, farei os devidos apontamentos durante as considerações finais, correlacionando as narrativas com alguns aspectos teóricos.

Durante as narrativas das cenas, contudo, o leitor poderá notar que, em alguns momentos, faço correlações das minhas experiências com os relatos da história de vida de outros dois homens gays: Marcos e Henrique.

As informações sobre as histórias de vida desses indivíduos foram obtidas a partir da dissertação de Márcio Alessandro Neman do Nascimento, intitulada “**Homossexualidades e homossociabilidades:** hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT” (NASCIMENTO, 2007).

Apesar dessa dissertação mencionada não abordar diretamente questões relativas ao *coming out*, a pesquisa possibilitou-me encontrar similaridades e diferenças entre as histórias de vida de ambos e a minha. Assim, é possível evidenciar que, apesar das vivências particulares de cada sujeito, ao se tratar de experiências relativas à homossexualidade, vidas distintas se aproximam e se inter cruzam, ao vivenciar sentimentos comuns.

Henrique (nome escolhido pelo próprio participante) é um homem que se autodenomina homossexual, com idade em torno dos 40 anos, católico, formado na área da saúde, solteiro e afirma que seu interesse por meninos surgiu por volta dos oito aos dez anos, contudo a atração sexual por eles se intensificou aos 15 anos. **Marcos** (nome escolhido pelo próprio participante), diferentemente de Henrique, tinha aproximadamente 20 anos. Também

se autodenomina homossexual e se considera “assumido¹⁵”, porém não passou pelo processo de *coming out* com a família. Também religioso (NASCIMENTO, 2007).

Ao citar seus relatos, recorrerei, em alguns momentos, à análise de Nascimento e, em outros, à informação verbal literal obtida através da entrevista realizada durante a pesquisa e disponibilizada nos Apêndices, de modo a estabelecer diálogos entre nossas histórias, concomitantemente.

4.3 DE FRENTE PARA O ESPELHO: DESCRREVENDO O PROTAGONISTA

Antes de iniciar as descrições das cenas, considere importante apresentar brevemente um relato de minha história de vida, para auxiliar o leitor na compreensão das vivências relatadas.

Sou um adulto de 26 anos, do sexo masculino, estatura mediana, mais especificamente 171 centímetros, porte físico médio – daqueles que já fizeram exercícios físicos em algum momento da vida, mas sem definição muscular evidente – e gay, desde que me lembro, porém, socialmente declarado há seis anos, quando iniciei meu primeiro relacionamento afetivo homossexual, que foi revelado para meus pais há dois anos, momento em que saí de casa para viver com meu companheiro.

Nasci no dia seis de abril do ano de 1991, sendo o segundo filho de dona Maria e sr. Antônio, para fazer companhia ao até então filho único do casal, que na época estava próximo de completar cinco anos de idade.

Minha mãe dizia que não tinha preferência pelo sexo do bebê, porém meu pai, desde o nascimento do meu irmão, desejava ter uma menina, e inclusive já havia planejado previamente que nome daria ao bebê, caso fosse do sexo feminino.

Por sua vez, porém, a genética determinou que fosse macho, sendo-me atribuído o nome Pádua – para combinar com nome do meu irmão. Coincidência ou não, o nome escolhido apresenta um tom de ambiguidade de gênero, ao poder ser atribuído a sujeitos de ambos os sexos.

¹⁵ Termo utilizado pelo autor, mas que não utilizarei nesta dissertação, pois, concordando com a carta do ator Leonardo Vieira, ao se pronunciar em relação ao escândalo do beijo que deu em outro rapaz na saída de uma festa em dezembro de 2016 no Rio de Janeiro, acredito que assumir algo remete a tomar para si a responsabilidade de alguma coisa feita que, na maioria das vezes, é errada. Assim, não me é concebível que o ato de se apaixonar por alguém, mesmo que fora dos padrões socialmente estabelecidos, seja um erro passível de ser assumido.

Em minha infância, ainda que com apenas cinco anos de diferença do meu irmão, meu maior convívio foi com pessoas do gênero feminino. No bairro, quase não tinha amigos, passando a conviver primordialmente com minha mãe, que passava o dia inteiro comigo (visto que meu pai trabalhava e ela havia decidido dedicar-se exclusivamente aos filhos e família), e também com primas que tinham idades mais próximas à minha. Com estas, convivía principalmente nas tardes ensolaradas em que saíamos de casa (minha mãe e eu), para visitarmos minha avó em sua casa, que ficava a dez minutos, de bicicleta, de nossa casa.

Quanto a meu irmão, me parece que não tinha paciência, ou pelo menos não demonstrava muito interesse em brincar comigo ou me inserir em suas atividades, visto que seus amigos eram de sua idade e, aparentemente, não havia espaço para uma criança “tão menor” no grupo. Assim, durante toda a minha vida, eu sempre tive mais amigas do que amigos. Sempre me senti mais à vontade com elas, como se elas me entendessem melhor, me sentia bem, como se pensássemos igual e nos interessássemos pelas mesmas coisas.

Em casa, minha diversão era ficar com minha mãe, brincando com ela. Nossas brincadeiras eram mais pacíficas: nós cantávamos músicas juntos, brincávamos de “adedonha¹⁶” ou mesmo conversávamos sobre assuntos diversos. Já com meu pai, não tinha uma relação tão próxima, pois na época ele fazia uso abusivo de álcool, de modo que o salário recebido por ele era, basicamente, para pagar as contas, fazer as compras da casa, e o que sobrasse era destinado ao sustento do vício, por conseguinte, acabamos não convivendo muito. Aos finais de semana, frequentemente meu pai chegava já tarde da noite e embriagado, então, no dia seguinte, todos estavam chateados com ele. Por eu ser o mais novo, eu era forçado a ir até ele, chamá-lo para almoçar, e despender um pouco mais de atenção a ele, mesmo que muitas vezes eu não quisesse.

Sempre me perguntava o porquê dessa obrigatoriedade e, ocasionalmente, até me sentia mal por muitas vezes ser forçado a fazer o que não queria, mas hoje compreendo o quanto essas ações tornaram-se importantes, pois, mesmo sem me dar conta, nosso vínculo foi estruturando-se, ainda que, até hoje, não me sinto à vontade para tratar de alguns assuntos íntimos com ele (sobre minha expressão sexual, por exemplo).

Minha família sempre foi muito religiosa, inclusive meus familiares maternos foram os fundadores da igreja católica do nosso bairro. Assim, seguindo a tradição familiar, desde

¹⁶ Brincadeira em que precisávamos lembrar geralmente de nomes de animais ou frutas a partir das letras do alfabeto.

muito cedo frequentava as missas e logo também comecei a servir na igreja. Iniciei no coral infantil, juntamente com outras crianças e, dentre elas, muitos de minha família.

Desde que me lembro, os meninos sempre me atraíram muito mais do que as meninas. Algo neles, que não sei explicar, me deixava encantado, interessado. Porém, sem saber como lidar com tudo isso que brotava dentro de mim, me sufocava e tentava, com todas as minhas forças, seguir o que eu nasci “destinado” a ser: um homem, macho.

Por ter crescido cercado de religiosidade, sempre ouvi coisas como: “Deus condena o pecado, mas ama o pecador”; “Deus criou o homem para a mulher e o que estiver fora disso não é certo e aceito aos olhos de Deus”. Como poderia eu, então, ser isso que Deus tão veementemente condena? Essa foi uma angústia que me acompanhou por anos, tal como poderá ser visto adiante.

Quanto sofrimento, tristeza e confusão! Tanto que chegaram ao ponto de me fazer esconder tudo o que sentia, guardar tudo no lugar mais profundo que havia dentro de mim, para ninguém saber que existia. Assim, quem sabe até eu não me convenceria que a vida heterossexual seria o melhor caminho. Claro que desejar esconder é bem diferente de conseguir, pois tinha muitos trejeitos que me denunciavam.

Minha trajetória escolar começou no ano de 1996, quando tinha cinco anos de idade. Inicialmente, eu estudei numa escola de ensino infantil, onde cursei o pré-escolar. A escola me proporcionava uma sensação de bem-estar, pois era um ambiente bastante agradável, eu adorava estar naquele lugar! Gostava das minhas professoras, gostava dos colegas da turma e facilmente criava amizades.

Sempre fui um bom aluno, sempre me destacava entre os demais alunos (e até gostava disso), sempre fui bastante comunicativo e, devido a isso, sempre busquei ter um ótimo relacionamento com meus professores.

Quando concluí o pré-escolar, em 1997, fui direto para a 1ª série, sendo matriculado numa escola particular de ensino infantil, fundamental e médio, baseada em princípios cristãos. Eu tinha seis anos e era o aluno mais novo da minha turma. Da 1ª série ao início da 3ª, estudei com a mesma turma, porém, logo no início da 3ª série (antes das avaliações de primeiro bimestre), minha professora propôs a meus pais que eu fizesse algumas provas para tentar uma progressão escolar. Assim, fiz algumas provas e passei para a 4ª série. Nessa mesma escola permaneci, até o encerramento do Ensino Fundamental.

Quando iniciei a 1ª série do Ensino Fundamental, estabeleci boas relações com os demais alunos, contudo, tinha um amigo específico que estudava comigo, por quem eu nutria uma afeição especial, o que causava um insistente e incômodo sentimento de ciúmes dele com

as outras crianças da sala e da escola. Hoje compreendo que era apaixonado por ele, ainda que ele não se interessasse por mim, ou que nunca pudéssemos ficar juntos, pois esse sentimento que brotava era “errado”. Costumava ser constantemente exposto pelos meninos da escola, por meus trejeitos e comportamentos não “tipicamente” masculinos, o que me deixava tenso e me pressionava a mostrar para eles que este de quem eles falavam não era eu.

Quanto aos professores, eles muitas vezes presenciavam essas situações, mas a impressão que eu tinha era que eles pactuavam com elas, talvez até mesmo concordassem com as brincadeiras (pelo menos essa era a forma como eu compreendia), porque eles não me defendiam nem faziam nada para evitar que essas situações voltassem a ocorrer.

Da 4ª série em diante, já inserido em uma nova turma, cada aluno tinha o seu grupo predefinido para amizades e produção das atividades. Fazíamos trabalhos e, por eu ser um aluno que me comportava bem, estudava bastante e tirava boas notas, às vezes não acreditava que os outros seriam tão bons quanto eu em elaborar os trabalhos (essa era uma característica minha muito forte, e acredito, inclusive, que alguns alunos se aproveitavam disso). Assim, ao necessitar fazer algum trabalho, nós nos reuníamos na biblioteca da escola, porém, geralmente, eu acabava me responsabilizando em fazer a maior parte do trabalho, quando não me disponibilizava a fazer o trabalho todo.

Durante toda a minha trajetória, passei por outras situações em que me senti atraído por alguns meninos, mas também, algumas poucas vezes, por meninas também, e com elas, geralmente, não obtinha êxito. Acredito ainda que estes interesses surgiam devido à pressão social e familiar para namorar, o que certamente não era direcionado à relacionamento homoafetivo.

Do Ensino Fundamental para o Médio, tive que transferir para uma escola pública, que, na época, era uma das escolas modelo de ensino público de Rio Branco. Nessa escola, estudei do 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

De toda forma, ainda era evidente minha dificuldade em termos afetivo-sexuais. Era um aluno extrovertido, me relacionava muito bem com os outros alunos, participava efetivamente das discussões em sala de aula, mas, em questões relativas a relacionamentos amorosos, me via totalmente inexperiente e retraído. Os sentimentos que nutria por alguns garotos acabavam por ficar guardados, sufocados e nunca expressos.

Os anos foram passando, sempre da mesma forma, até o fim do Ensino Médio, onde ainda parecia o mesmo menino bobão e cheio de receios e medos. Eu, um adolescente de 15 anos, terminando o Ensino Médio e ainda perdido em relação a tantas coisas, academicamente

preparado para o ingresso no Ensino Superior, mas internamente imaturo para encarar o que poderia vir pela frente.

O receio era tanto que, inicialmente, decidi estagnar por um ano, apenas estudar nos cursinhos e me dedicar, quase que exclusivamente, aos serviços da Igreja. Apenas no ano seguinte tentaria factualmente passar no vestibular, na tentativa de ingressar na Universidade Federal. Nesse ínterim, acabei estagnando não um, mas dois anos, passando, no final de 2008, em Psicologia (numa universidade particular a partir do Programa Universidade para Todos – PROUNI, com bolsa integral).

Pormenores da história serão apresentados na seção de análise, inclusive algumas relações estabelecidas no âmbito universitário e sua importância no processo de *coming out*.

Contudo, posso dizer que sou uma pessoa feliz com aquilo que conquistei em minha carreira, pois, mesmo jovem, assumi a posição de professor universitário, psicólogo clínico e mestrando em minha área de atuação e formação. Mas nem sempre foi assim, pois, no decorrer de minha infância e adolescência, passei por muitos conflitos, internos e externos, no processo de aceitação da expressão de minha sexualidade.

Até o início da vida adulta, era bastante expansivo, comunicativo e até mesmo impulsivo em alguns aspectos, postura que venho buscando controlar, assumindo uma posição mais centrada, principalmente em prol dos cargos que ocupo. Ainda assim, sou uma pessoa amiga, companheira e, porque não dizer, corajosa.

Minha história de vida talvez não seja tão diferente da vida de tantos outros jovens gays, porém, o que me distingue de muitos deles é o fato de que estes, por vezes, não conseguem lidar adequadamente com sua sexualidade, tal como, por anos, também não consegui lidar. Eu, em contrapartida, não apenas passei pelo *coming out* (mediante inúmeras tentativas, frustradas e efetivadas), como também decidi expor minha história, tornando-a conhecida por outros, de modo a promover reflexões e produzir ciência.

5 EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS DE UM GAY E SEU PROCESSO DE *COMING OUT*

"Um homossexual é gay quando ele se vê feliz de ser alguém dotado da capacidade de enxergar as pessoas como romanticamente belas. Ser gay é ser livre de vergonha, culpa e remorso de ser homossexual. [...] Ser gay é vislumbrar sua sexualidade como o heterossexual sadio enxerga a dele."
(George Weinberg)

Desde muito pequeno, sempre me senti muito mais à vontade ao estar próximo de pessoas do gênero feminino, seja minha mãe, colegas da escola, ou pessoas da família.

Como frequentemente íamos visitar minha avó materna, lá podia ter contato com meus primos, a maioria com idades próximas à minha. Íamos até o fundo do quintal para brincar de amarelinha, pular elástico, ou ficávamos dentro de casa, assistindo filme no vídeo cassete ou mesmo brincando de bonecas. Raras vezes ia para a rua para brincar com os meninos, exceto nas brincadeiras de esconde-esconde.

Assim como eu, Henrique, participante da pesquisa realizada por Nascimento (2007), passou, em sua trajetória de vida, por experiências semelhantes, pois como ele mesmo relata: “Na verdade, não tinha muito contato com os meninos não. Eu tinha mais contato com as meninas, sempre foi assim, sempre tive mais amigas mulheres.” (sic) (NASCIMENTO, 2007, anexo sem p.).

Jogar futebol pouco me interessava, então preferia estar na companhia das minhas primas e brincar com elas. Contudo, também me era bastante desconfortável ouvir as chacotas proferidas pelos primos, por não gostar de futebol e não brincar com eles. Um deles, inclusive, frequentemente me apelidava de “Sandy¹⁷”, “mulherzinha”, dentre outras expressões que colocavam em cheque minha sexualidade, ainda entre meus oito e dez anos.

Essas situações não foram isoladas, sendo vivenciadas em outros momentos posteriores, tais como relatarei a seguir.

¹⁷ Cantora da dupla Sandy e Júnior.

Cena 1 – A primeira vez para muitas coisas: experiência com meninas, meninos e o sentimento iminente de culpa

Referente ao período inicial de experiências afetivas, recordo-me de três situações distintas, ocorridas durante minha infância.

A primeira aconteceu quando tinha cinco anos e iniciei o processo de escolarização. Estudava numa escola onde fiz o pré-escolar. Nessa escola, tinha uma relação agradável com todas as crianças, mas principalmente com as que estudavam comigo.

Eu adorava estar lá, aprender, me envolver nas atividades propostas pelas professoras, nas quais, de modo geral, sempre me destacava. Contudo, o que mais gostava era estar junto com outras crianças e poder brincar com elas.

Lembro das tardes ensolaradas e abafadas, típicas da cidade, dos horários de recreio correndo pelo *playground* da escola, me sujando e me divertindo. Lembro também de uma garota que me encantava, pela qual nutria um “amor platônico”: Viviane.

Viviane era branquinha, um pouco mais baixa que eu, tímida e com os cabelos encaracolados, cortados demasiadamente curtos. Até hoje tenho uma foto, registrada num dos poucos momentos em que me aproximei de forma mais efetiva dela, e na qual estou lhe dando um beijo no rosto.

Contudo, algo me deixava confuso. Ao passo que nutria este sentimento por Viviane, alguns meninos da escola também me despertavam profundo interesse. Lembro inclusive de uma cena em que estávamos dispostos em roda, na sala de aula, todos sentados no chão. Não me recordo exatamente que tipo de atividades nos foi proposta nessa situação, mas havia um menino sentado distante de mim, no intervalo de duas outras crianças.

Era um garoto bonito, pele parda, cabelos lisos e castanhos. Estávamos ainda sentados no chão, quando nos inclinamos por trás dos outros dois alunos, como se fossemos conversar sobre algum assunto, mas, no lugar disso, nos beijamos. Essa foi uma situação nunca descoberta e isolada, ocorrida nesse período, não recordo de ter voltado a ocorrer com esse garoto e nem com nenhum outro, apesar de continuarmos sendo amigos, pois estudávamos na mesma sala.

Eu sentia que não era igual aos outros. Acredito que, nesse período, já iniciava o processo de percepção de interesses por meninos. Cerca de quatro anos depois, me deparo com uma situação semelhante de experiência, mas desta vez com uma menina.

Recordo-me que, um certo dia, na casa da minha avó (onde costumava ir à tarde, pelo menos umas três vezes por semana, com minha mãe), em meio a brincadeira de esconde-

esconde com minhas primas, com uma delas me escondi por trás da porta de entrada da casa, onde havia um guarda-roupas¹⁸.

Eu devia ter por volta de nove anos e minha prima uns sete. Naquele momento, enquanto nos escondíamos, me pego beijando a minha prima e, antes que pudesse me dar conta, vejo a minha mãe abrindo a porta e nos flagrando. Morrendo de medo e vergonha, saio do meu esconderijo e sou chamado por ela até o quarto onde minha avó dormia. Caminhei até o quarto tentando assimilar o que havia acontecido, coração pulsando forte por não saber o que me aconteceria, e também pensando em minha prima que ficara para trás.

No quarto, além da lição de moral por não poder cometer aquele tipo de ato com minha prima, porque isso era pecado e errado, levo ainda uma surra por ter cometido tal ato, o que, a meu ver, não parecia ser tão errôneo.

A terceira situação, desenrolada creio que um ano depois, não ocorreria mais com minha prima, mas com um dos meus vizinhos, uma das poucas crianças com quem me relacionava e que não era um de meus primos.

Na ocasião, era um fim de tarde e estávamos brincando em minha casa, onde eu estava sozinho, pois minha mãe havia ido ao centro da cidade. Em meio a nossas brincadeiras, estávamos escondidos na despensa de mantimentos e me deparo também o beijando e, pouco depois, subitamente a porta se abrindo: era minha mãe, novamente, abrindo a porta e me tirando daquele local onde me escondia.

Dessa vez, não foi um ato flagrante, propriamente dito, mas certamente nossos comportamentos desconfiados e sem-graça e o olhar perplexo e temeroso que direcionávamos a ela naquele momento, advindo do medo por termos sido surpreendidos, indicava que não estávamos fazendo “boa coisa”.

Mais uma vez me deparo sentindo as mesmas sensações de medo do ano anterior, na situação em que fui flagrado beijando minha prima, contudo, desta vez, mamãe nos manda sair daquele lugar e brincar na área da frente da casa.

Pensei que havia escapado do sermão da minha mãe, no entanto, mediante a situação constrangedora, meu vizinho brinca apenas mais um pouco e decide ir embora. Mais uma vez minha mãe me convoca, e lá vou eu, tremendo de medo e suando frio. Contudo, para minha surpresa, nessa situação não apanho. Ela e eu nos sentamos, na cama do seu quarto, e ela conversa comigo.

¹⁸ Ironicamente um móvel que se assemelha ao “armário”, onde simbolicamente me enclausurei durante anos de minha vida, e sobre o qual esta pesquisa se refere.

Nesta conversa, minha mãe pergunta o que estávamos fazendo dentro da despensa. Digo a ela que não estava fazendo nada, que estávamos apenas brincando (mesmo imaginando que ela não acreditaria), e ela calmamente me orienta, deixando claro que não acreditava no que eu havia afirmado, e me informa que não era certo beijar meninos, pois havia sido isso que ela teria visto.

Ficou então uma confusão em minha cabeça, ainda tão jovem: se beijar meninas é errado, e beijar meninos também é errado, então o que na realidade é correto? Além disso, como a relação com pessoas do mesmo sexo deve ser considerada errada, quando a maior repreensão ocorreu quando beijei uma menina?

Assim, a partir das reações obtidas quando fui pego em flagrante, me privei a não compartilhar minhas experiências com ninguém, guardando-as comigo e buscando resolver-me internamente, sozinho, mesmo que ainda tão jovem.

Tais situações corroboram com o que Foucault (1998) apresenta, ao descrever a necessidade do adulto de encarcerar a sexualidade da criança, tirando de sua realidade a possibilidade de pensar, discutir ou reproduzir conteúdos sexuais.

Contudo, a impossibilidade de falar sobre o assunto com naturalidade, além de reprimir, pode gerar conflitos na criança, por não apresentar ainda condições de distinguir adequadamente o que lhe ocorre e compreender seus sentimentos.

Não apenas enquanto criança, mas também na adolescência, me martirizei, sempre que rememorava esses episódios, pensando que se minha mãe tivesse me dado uma surra, talvez eu não teria me tornado gay, pois realmente teria entendido, concretamente, que aquilo era errado. Esse fantasma me assombrou por tantos anos, até que, enfim, pude compreender que a expressão da minha sexualidade vai muito além das represálias sociais. Contudo, uma coisa era certa: ainda que algumas poucas meninas me chamassem a atenção, os garotos me despertavam fortes interesses, muito maiores do que aqueles que sentia por elas.

Pensando na necessidade de estabelecer correlações com outras histórias, assim como expliquei na seção de método, farei alguns paralelos com as histórias de Henrique e Marcos, participantes da pesquisa de Nascimento (2007), de modo a assinalar semelhanças e diferenças com minhas vivências.

Assim como ocorreu comigo, então, Henrique, ao relatar sobre a descoberta de sua atração sexual por pessoas do mesmo sexo, explica: “Eu me lembro quando criança, oito anos, dez anos, eu ter um interesse por homens.” (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Também me vejo refletido na história de Marcos que, ao ser questionado sobre isso, afirma que: “[...] é bem precoce, você sente atração, mas até porque a sociedade cobra o oposto,

de você não poder, desde a infância, normalmente eu reprimia isso, né. Eu tentava não sentir, sempre reprimindo a atração e o desejo.” (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Assim como nos conflitos vivenciados nas situações que retratei, em situação semelhante, a partir da história de vida, Henrique

[...] sabia que o desejo despertado em relação a outro homem era errado e, que sabia que ele era diferente dos outros meninos de sua idade por não se interessar por mulheres. Revela que não conseguia discriminar de onde vinha esse julgamento, mas guardava todas as suas indagações e não contava para ninguém as primeiras experiências homoeróticas. (NASCIMENTO, 2007, p. 94, grifo meu)

É possível evidenciar, portanto, a dificuldade de compreensão da criança que sente desejos afetivo-sexuais por pessoas do mesmo sexo, por muitas vezes não possuir uma figura de apoio para lidar com essas situações. É evidente também, nas repressões direcionadas pelo outro, a imposição da heteronormatividade, reproduzida aqui a partir do discurso da minha mãe, marcado por sua religiosidade, ao me flagrar escondido na dispensa de casa.

Contudo, não se levou em consideração o fato de que a infância é um período compreendido como um momento de descobertas para o indivíduo, tanto de si mesmo e do seu corpo, quanto do outro enquanto indivíduo diferente de si (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Devemos compreender ainda que não há comprovações científicas de que relações homoafetivas experienciadas na infância sejam determinantes para o estabelecimento de uma expressão específica de sexualidade.

Cena 2 – A culpa permeada pelo discurso religioso

Diante de toda a confusão em relação aos sentimentos e a falta de possibilidade de diálogo sobre o que me afetava, desde criança, dizia abertamente aos outros e outras que desejava ser padre e, mesmo naquela idade, compreendia que esse desejo não surgia pelo anseio pelo sacerdócio, mas porque não tinha pretensão alguma de casar, pelo menos não com uma mulher. Por saber que padres seguiam a ordem do celibato, encontrei nessa proposta uma saída para um problema aparentemente difícil de ser resolvido (o relacionamento com uma mulher).

Como era ainda criança, não compreendia que haveriam outras possibilidades, como ficar solteiro, por exemplo, ou que poderia me apaixonar e me relacionar com alguém por quem realmente eu sentisse algo, ainda que este alguém não fosse, necessariamente, do sexo feminino.

Por volta dos meus 11 anos, período em que participava da composição de um coral infantil que se apresentava nas missas de domingo da minha comunidade, duas meninas que também frequentavam o mesmo coral diziam estar apaixonadas por mim e me mandavam cartas com frequência. Elas eram ajudadas por uma amiga minha e por minha prima, esta era minha confidente em muitos assuntos.

Eram duas meninas muito simpáticas, educadas e gentis, porém nenhuma delas despertava meu interesse. Ficava então numa situação complicada, pois não me sentia confiante para expressar a ninguém que meus interesses se direcionavam aos meninos. Além disso, os investimentos por parte dessas meninas, com a cumplicidade e apoio de duas pessoas tão próximas a mim, me faziam sentir pressionado a responder a altura do que “um homem deveria fazer”.

Por estar inserido numa doutrina Católica Apostólica Romana, que tão duramente condenava o pecado e suas formas de expressão, sentia-me culpado por sentir o que não deveria, por pensar coisas erradas e por esconder tudo aquilo, demonstrando muitas vezes apenas uma aparência que em nada refletia quem eu realmente era.

Questionava-me como poderia Deus me permitir, ainda tão jovem, sentir atração por alguém que Ele não desejava para mim. Seria Deus tão injusto assim, por permitir que uma criança inocente sentisse esse tipo de coisas?

O sentimento de revolta se misturava à culpa (no sentido religioso do termo) de ver refletido no espelho aquilo que era tão condenado, e que eu mesmo não julgava como um posicionamento correto, visto que aprendi, mediante a aprendizagem bíblica, que o correto deveria ser a relação homem e mulher, para o estabelecimento de família, conforme os moldes religiosos.

O fantasma dos questionamentos que eu mesmo me fazia a respeito da permissão de Deus me perseguiu por anos. Assim, decidi tentar matar, ou ao menos busquei esconder no mais profundo de mim mesmo, tudo o que sentia, tentando assumir a postura e imagem de uma criança “ideal”, desejado e querido por todos, uma criança perfeita, mas somente eu sabia que havia dentro de mim sentimentos “errados” e “sujos”, ou foi assim que acreditei por anos.

Na adolescência, ainda na Igreja, a impressão que tinha era que algumas situações conspiravam contra mim. Já não mais integrante do coral infantil, mas do Ministério de Música de um movimento da Igreja Católica, após o término da 3ª série do Ensino Médio, decidi me dedicar por um tempo exclusivamente para a Igreja.

Mesmo mediante minha devoção religiosa, não conseguia ter forças suficientes para abstrair os desejos e sentimentos considerados “pecaminosos”. Os trejeitos e formas de lidar

com as pessoas (de maneira peculiarmente cordial, educada e doce) denunciavam cada dia mais que eu não era bem o que tentava demonstrar com tanto esforço.

Tanto que, geralmente, era afastado por meus coordenadores dos serviços que desenvolvia com tanto amor e dedicação, como forma de punição ao que eu sentia e não conseguia mais esconder tanto. Como isso me deixava chateado, magoado. Entretanto, mais uma vez engolia tudo e aceitava calado, esperando ansiosamente o momento em que seria novamente liberado para voltar a cantar.

Contentava-me em ficar “no banco”, às vezes, mesmo sem considerar os motivos plausíveis e, muitas outras, sem nem mesmo ser informado do porquê. Curiosamente, ao precisarem de mim, logo o erro era deixado de lado para que eu pudesse contribuir para a “obra”.

O ápice da minha revolta ocorreu em 2014, logo após a minha formatura do Ensino Superior. Estava afastado do serviço religioso já há algum tempo, por incompatibilidade de horários, pois quase todo o meu tempo era consumido pelo curso de graduação em psicologia. Mas também por não mais concordar com as ações realizadas pela liderança, principalmente em relação a essas punições e retornos por conveniência.

Após me sentir impuro e não merecedor por tanto tempo, principalmente por internalizar o discurso religioso, me encontro, já enquanto profissional de Psicologia, sendo abordado por um dos líderes que tanto me recriminava – não em palavras, mas nas ações e olhares culpabilizadores – me convidando para participar de uma pastoral, pois minha habilidade profissional poderia auxiliar nos cuidados e pastoreio do grupo atendido.

Naquele momento, veio-me à tona todas as angústias vividas repetidas vezes, por anos e anos, no jogo do ir-e-vir do banco para o serviço, aparentemente por não ter muito a oferecer. Agora, já não me preocupando mais em omitir minha sexualidade, sou convidado para uma atividade específica. Isso me fez sentir como se fosse um objeto a ser usado pelo outro a seu bel prazer, só porque na situação precisavam de mim. Não levavam em consideração, portanto, como eu me sentia diante de tudo isso.

Não aceitei, e permaneci distante, assim como estou até hoje, sendo repetidamente criticado pela família por não mais comparecer às missas dominicais, por não mais cantar, sem procurarem saber também os caminhos que me levaram a esta decisão.

Sobre as relações estabelecidas por Henrique com a religião, Nascimento (2007, p. 99), apresenta que:

Em relação à espiritualidade, o participante indica em sua fala que é oriundo de uma família bastante católica e que buscou ajuda na religião [...] para lidar com o desejo afetivo-sexual por homens. Sempre prezou por praticá-la, sendo que acredita que isso o fortalece como pessoa, embora tenha reconhecimento que a Igreja entenda que ele esteja em pecado. Relata já ter se culpado em diversos momentos pelo seu desejo homossexual, por conta de crenças pregadas no discurso religioso cristão.

De modo semelhante, Marcos, também criado a partir da doutrina cristã, contudo, vinculado à uma religião protestante, expõe:

[...] Olha, quando eles [pessoas da Igreja] falavam contra, é, eu até que eu concordava porque assim, eu também era contra o que eu sentia. Então, o fato de eles não concordarem, eu também não concordava, então eu era contra também. [...]. Eu tentava mudar o pensamento, pensar em outra coisa evitando sempre os pensamentos. [...] não tem como evitar a atração e o desejo, mas eu evitava ficar pensando naquilo, em fazer aquilo. [...] como é visto pela religião como algo errado, eu começava a fazer orações, você começa a procurar uma ajuda também na religião para poder evitar aquilo, eu fiz constantemente isso. (sic) (NASCIMENTO, 2007)

Assim como Henrique e Marcos, me apeguei fortemente à religião, certamente por acreditar que ela poderia ser a saída para meus conflitos internos. Porém, ao mesmo tempo não conseguia compreender como poderia então ter me tornado aquilo que Deus tão veementemente condenava, segundo os meus líderes religiosos apresentavam.

Da mesma forma, Marcos complementa: “Para mim, na minha história foi uma coisa que pegou bastante [a religião], porque traz muito mal-estar, culpa, medo e dificuldade de aceitação, pois se usa o nome de Deus, que é muitas vezes em vão [...]” (sic) (NASCIMENTO, 2007)

Marcos relata ainda uma situação semelhante às que vivenciei em minhas constantes punições ao ser retirado do serviço, porém, no caso dele, devido a uma mentira proferida por uma das fiéis da Igreja, que desejava assumir o cargo por ele ocupado:

[...] Eu e essa minha amiga que trabalha comigo, ela era, aliás, ela frequentava a igreja ainda [...] A gente estava trabalhando juntos, porque ela também era obreira, e eu estava em uma salinha com ela e eu estava com dor nas costas e ela foi estalar minhas costas, daí uma menina que tinha inveja da gente, pelo posto de confiança que a gente tinha dentro da Igreja, foi e falou para o pastor que nós estávamos transando. O pastor nem quis saber [...]. Daí, a gente foi afastado, num podia ser mais obreiro por um tempo, porque a gente tinha que servir de exemplo perante todos, tínhamos que servir para as pessoas não fazerem isso. A gente só seria ouvinte, de ficar no banco da Igreja. Mas depois a gente voltou, porque a gente fazia as coisas funcionarem, a gente agitava os jovens e organizava tudo certinho. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

E acrescenta:

[...] Então, o fato de não frequentar, foi o fato de discordar com algumas coisas que são praticadas, é, a partir do momento em que eu estava discordando com o que estava sendo passado ali, por opção eu decidi não frequentar mais, a deixar de estar frequentando. Mas é bem por isso mesmo, por discordar do ponto de vista deles. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Inúmeras vezes me vi na mesma situação que Marcos, me contentando em ficar “no banco”, mesmo quando não considerava os motivos plausíveis e, ocasionalmente, sem nem mesmo ser informado do porquê. Curiosamente, ao precisarem de mim, logo o erro era deixado de lado para que eu pudesse contribuir para a “obra”.

É possível observar então, a partir das cenas relatadas tanto por mim quanto por Henrique e Marcos, que as religiões, assumindo o papel de agente regulador, buscam direcionar de maneira enfática nossas condutas, podendo nossas subjetividades, tentando nos forçar a permanecer num *closet*, oprimidos e tomados pelo sentimento de inadequação e de menos valia, enquanto que, teoricamente, sua função deveria ser de acolhimento, aceitação e amor.

5.1 INICIO DO PROCESSO DE *COMING OUT*: INTENCIONAL, NÃO INTENCIONAL

Cena 3 – Heteronormatividade, *coming out* involuntário e a negação

Em relação à minha sexualidade, na escola, desde muito pequeno, as outras crianças já faziam “brincadeiras” devido os trejeitos afeminados que eu expressava. No âmbito familiar também ocorriam situações semelhantes. Tanto meus primos quanto as crianças da escola denunciavam meus trejeitos e me chamavam de: “mulherzinha”, “menininha”, etc. Diziam que eu era muito delicado, que eu era muito feminino.

Inicialmente, tentava demonstrar que não me importava, no intuito de que eles me deixassem em paz. No entanto, com as repetições, comecei a ficar extremamente chateado, então passei a discutir com eles, tentando me impor para não ser alvo de chacota. Sempre fui muito pacífico, então nunca me envolvi em agressões físicas, mas mesmo muito novo tentava me impor e também buscava provar a eles, a todo custo, que não era gay, talvez porque naquele momento nem sabia ao certo o que eu era.

Apesar destes conflitos iniciais, sempre gostei muito de ir para a escola e de estudar. Não tinha problemas com praticamente nenhuma disciplina, inclusive tinha excelentes notas, exceto na disciplina de Educação Física, que me despertava um desafeto muito particular.

Na escola em que estudava, os horários de Educação Física eram separados por sexos biológicos, ou seja, os que eram identificados como meninos só podiam frequentar as aulas junto com os demais meninos, e as que eram identificadas como meninas, da mesma forma, tinham aula em um dia específico para elas, exclusivamente. Apesar do currículo escolar orientar que a disciplina deveria contemplar quatro modalidades desportivas: vôlei, futebol de salão, basquete e handebol, nas aulas a modalidade hegemônica entre os garotos era o futebol (o qual era treinado durante praticamente um ano inteiro).

Eu sempre detestei jogar futebol, pois tinha péssima coordenação nas pernas, o que me tornava um péssimo jogador. Como era a prática mais exercitada, ficava sempre nas arquibancadas, observando os outros garotos jogarem, pois nunca era chamado para os times. Em contrapartida, adorava a modalidade de vôlei, prática mais realizada entre as meninas. Contudo, não me era permitido participar das aulas dedicadas a elas, me restringindo a um esporte que não me agradava, com um grupo que não me identificava e que me marginalizava.

Hoje, lembrando essas cenas, percebo quantas vezes fiquei “no banco”, na Igreja, nas aulas de Educação Física, sendo punido e colocado à margem, por não me enquadrar num padrão esperado, hora para um homem no padrão social, que deveria saber e gostar de jogar futebol, ora para um homem cristão, que precisava apresentar comportamentos específicos esperados pela religião, relacionando-se com mulheres, ansiando pelo casamento e constituição de família nos moldes tradicionais.

Após meus posicionamentos em relação aos alunos que faziam as “brincadeiras” (ou essa era a forma como justificavam), não tive outros problemas na escola, nessa dimensão. Inclusive tive boas amizades, todavia não conseguia confiar plenamente em nenhum deles, afinal de contas, meu mais importante segredo poderia ser descoberto, se permitisse que alguém se aproximasse.

Na busca de respeito e de reconhecimento, sempre busquei ser o melhor aluno da turma, tirando excelentes notas. Também sempre fui muito respeitoso e solícito, tanto com os professores quanto com meus companheiros de sala de aula, assim, fui ganhando também o respeito deles.

Sempre notei que as aulas de biologia, ao abordarem temas sobre sexualidade, restringiam-se a discussões sobre a anatomia do corpo humano, aparelhos reprodutores masculino e feminino, efetivando a heteronormatividade. Temas mais subjetivos, contudo, não

tinham espaço para discussão, muito menos os professores se demonstravam abertos para abordar temáticas como: aspectos psicossociais da sexualidade, práticas sexuais, afetividade e outras questões de gênero.

A homossexualidade, então, como até hoje, era considerada tabu enquanto assunto para ser tratado em sala de aula, como um assunto que não deveria ser tocado, uma demanda inexistente.

No entanto, outros assuntos que iam para além do biológico me despertavam grande curiosidade, queria saber mais, conversar sobre, talvez ali fosse uma oportunidade de trazer de volta o que mandei para tão longe. No entanto, a escola não abria espaço para estas discussões, me cabendo encontrar outros meios de aprendizagem, seja via *internet*¹⁹, ou em conversas informais com outros colegas, que muitas vezes sabiam menos do que eu (com os quais não abordava nenhum assunto sobre práticas homoafetivas).

Nas relações familiares, a heteronormatividade também se fazia presente e com uma força impressionante. Passei a perceber isso ao lembrar que meu irmão nunca teve restrição nenhuma em levar para casa, inclusive para passar a noite, qualquer uma das meninas com quem mantinha um envolvimento, mesmo que passageiro. O fato de ser heterossexual o empoderava a tudo fazer, enquanto eu, mesmo num relacionamento de já há três anos (com meu atual companheiro), nunca pude nem ao menos levá-lo para um almoço.

Talvez por isso, e na tentativa de manter a satisfação dos meus pais em primeiro plano, cheguei a forçar, por três vezes, relacionamentos com meninas. Um deles aos 14 anos, outro aos 16, e o terceiro aos 18.

Dois dos meus relacionamentos foram permeados pela religião. A primeira das minhas namoradas participava do mesmo ministério que eu, então, como sabia que ela se interessava por mim, ainda que não sentisse algo expressivo por ela, acabamos decidindo namorar. Como ainda éramos muito jovens, nosso relacionamento se restringia a andar de mãos dadas, e a alguns beijos de vez em quando. Não conseguia pensar em mais nada para além daquilo, mesmo que já nutrisse fantasias com outros rapazes.

Em outro relacionamento, acabei conhecendo a garota num encontro para jovens em que trabalhei. Era uma menina linda, com um sorriso encantador, e talvez meu maior interesse tenha surgido porque tinha consciência de que vários outros rapazes tinham se interessado por ela. Namoramos por poucos meses, e terminamos de forma tão súbita quanto começamos.

¹⁹ Local onde buscava por assuntos referentes à homossexualidade, inclusive acessando sites pornográficos e salas de bate papo, onde poderia conversar com outros homens, mantendo o anonimato.

No terceiro, este um pouco mais duradouro (cerca de cinco meses), foi com a única com que cheguei a pensar em ir mais além dos beijos, contudo, por algum motivo, que não sei bem como explicar, não criamos oportunidades para que chegássemos ao ato sexual.

Não me parece ser uma realidade diferente da vivenciada por outros gays em busca de encontrar uma saída durante o período de negação de sua sexualidade. De tal forma que podemos ver no relato de Henrique:

Bom, eu namorei meninas. Eu tive um período em que eu mesmo tendo atração..., como eu falei, eu sublimava e... é, tava tendo experiência com meninas, é, foi assim sempre um pouco travado, mas a coisa, eu percebia que tinha uma certa dificuldade de fluir, de ser tão prazeroso, embora tivesse o seu, também, prazer. [...] Ainda, estando com a menina, eu ainda sentia que eu ficava atraído por homens. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Não posso negar que foram relações importantes para o posterior processo de *coming out*, ou dizer que não sentia nenhuma excitação ao estar com elas, mas, de alguma forma, havia ainda algo a ser preenchido. Assim como com Henrique, namorar meninas não conseguia me fazer suprimir meus desejos por meninos. Estar com elas, por mais agradável que fosse, não me fazia sentir feliz, completo. Assim, parei de buscar estes subterfúgios como fuga de realidade.

Cena 4 – Primeira tentativa: a falha, o abandono e o “retorno ao armário”

Como é possível notar, falar sobre minha sexualidade sempre foi algo muito difícil, pois eu sentia como se estivesse me expondo, abrindo uma lacuna para que as pessoas soubessem uma fraqueza, podendo um dia usá-la contra mim. Além disso, inicialmente as tentativas de *coming out* foram, e talvez não consiga utilizar uma palavra mais adequada, traumatizantes, reforçando a crença de que eu não deveria continuar tentando ir contra o fluxo heterossexista.

Relatarei, a partir de agora, algumas cenas da minha história, em que realizei tentativas, falhas ou bem-sucedidas, de *coming out*.

Por volta dos 13 anos, me sentia mais sufocado do que nunca por precisar manter em segredo todos os meus sentimentos, curiosidades, desejos e medos. Não ter com quem desabafar estava me consumindo. Contudo, nessa fase havia uma menina que gozava de minha inteira confiança. Ela não era apenas uma amiga, a sentia como uma irmã, tínhamos praticamente a mesma idade, partilhávamos muitas coisas que nos aconteciam e vivíamos grudados um ao outro em praticamente todo o tempo que podíamos.

Ela sempre pôde confiar cegamente em mim, ao ponto de contar as coisas mais íntimas que lhe aconteciam e, perante essas situações, algumas delas extremamente difíceis de lidar, busquei sempre estar ao seu lado, lhe apoiando, mostrando que tudo melhoraria e, acima de tudo, que ela não estaria sozinha. Hoje compreendo que minha forma de agir com ela era exatamente como eu esperava que agisse comigo.

Sentia que podia receber o mesmo de sua parte, assim, não aguentando mais esconder, num fim de tarde de um final de semana, ao ir deixá-la em casa de bicicleta após o ensaio na Igreja, iniciei uma conversa que, certamente, não seria fácil para nenhum dos lados.

O incômodo do segredo era tanto, que não consegui pensar numa maneira sutil para iniciar a conversa, então falei a ela que tinha algo para lhe contar, mas que não sabia bem como deveria fazer. Ela me disse, em retorno, que poderia confiar nela, pois éramos amigos e ela também confiava em mim. Sentindo que precisava confiar em alguém além de mim mesmo, fui direto ao ponto:

- Eu acho que gosto de meninos. – E calei-me, esperando um retorno.

Ela estava atrás de mim, na garupa da bicicleta, então não pude ver as expressões de seu rosto, mas, a considerar pela sua reação seguinte, acredito que não tenha sido das melhores.

Calei-me e, para minha surpresa, ela também. Chegamos à casa dela sem trocarmos mais nenhuma palavra. Ela simplesmente desceu da bicicleta, não me olhou, se despediu e entrou em casa. Quando ela entrou e fechou a porta de sua casa, uma pedra foi colocada sobre esse assunto e, por muitos anos, essa pedra encobriu qualquer vestígio de que um dia havíamos falado sobre isso.

Fiquei desnorteado, sem saber o que fazer. Havia decidido confiar, pela primeira vez, em alguém, decidi expor meu maior segredo, e agora pensava se teria depositado minha confiança na pessoa errada. Não havia recebido nenhum retorno, afago, nem mesmo ouvi uma frase que tantas vezes disse a ela e que esperava ouvir pelo menos desta vez: “eu estou aqui contigo”.

Daquele dia em diante, nossa relação nunca mais foi a mesma! Ainda convivíamos, mas parece que naquele dia algo foi quebrado. Algo que demoraria anos, muitos anos, para ser reconstruído.

Não era apenas nossa relação que se comprometera, mas também a confiança em qualquer outra pessoa. Já que aquela em quem eu julgava que mais poderia confiar havia me virado as costas no momento em que eu tanto precisei, certamente nenhum outro poderia me compreender também.

Ela não chegou a contar para ninguém, mas também não ficou ao meu lado, não procurou saber como eu me sentia, talvez porque achasse que este era um peso grande demais para ela suportar. No entanto, parece que em nenhum momento passou pela sua cabeça que o segredo talvez também fosse um fardo demasiadamente pesado para que eu carregasse sozinho. A partir daquele dia, uma coisa se tornou certa em minha vida: não deveria confiar mais em ninguém para expor minhas fragilidades. E essa certeza me acompanhou por muitos anos.

5.2 OLHANDO PARA DENTRO: CONFLITOS INTERNOS

Cena 5 – A necessidade de compensação

Sempre fui extremamente competitivo, desde a época da infância. Na escola, por exemplo, os professores tinham o hábito de propor algumas atividades que nomeavam como “desafios”, sendo que o aluno que conseguisse ser o primeiro a concluí-las seria premiado. Na maioria das vezes, nem me interessava o prêmio oferecido, mas ainda assim fazia questão de ser o melhor, de me destacar frente aos outros, de ser o primeiro. Geralmente eu ganhava todos os prêmios, exceto quando os desafios eram voltados para a área de desenho (habilidade que nunca consegui desenvolver adequadamente).

De uma forma ou de outra, acreditava que precisava de reconhecimento por meus esforços. E assim acontecia, pelo menos em tese. Como apresentei anteriormente, era comum que vários alunos quisessem realizar os trabalhos comigo.

Eu costumava fazer trabalhos com colegas que, de alguma forma, pareciam tirar proveito do meu esforço, pois sempre era sobrecarregado com as atividades que deveriam ser executadas. Isso me deixava extremamente chateado, mas por motivos não compreensíveis, na época, não conseguia me desvincular desses alunos e, muitas vezes, até preferia estar naquela situação, como se eu não pudesse (ou não tivesse o direito de) ter pessoas próximas a mim pelo simples fato de ser quem eu era.

Talvez isso ocorresse porque me sentia pressionado a ser “bonzinho” com todos, para me sentir aceito nos grupos, assim, não poderia me negar a fazer o que os outros me pediam, pois isso poderia macular o personagem que criava para todos eles. Quiçá acontecesse, também, devido às chacotas em relação a meu jeito de ser e por dizerem que eu era gay (o que eu não aceitava muito bem), então, possivelmente, continuava nessa situação por comodidade e para dar motivos para que as pessoas gostassem de mim ou, ao menos, para que de alguma forma elas dependessem de mim.

Hoje compreendo que não sentia que merecia que as pessoas se aproximassem de mim, e que as relações que estabelecia com outros eram baseadas, unicamente, no que eu poderia proporcionar a eles: tirar boas notas, tanto em trabalho quanto em provas e, conseqüentemente, ser elogiado pelos professores.

Em casa não era diferente, fazia tudo o que meus pais me pediam, às vezes mesmo contra minha própria vontade, apenas para não ser visto como um filho “rebelde”. Ia às missas toda semana, era o melhor aluno da turma, nunca criei nenhuma confusão na escola, não desrespeitava meus pais.

Lembro que gostava, e até hoje gosto, que as pessoas me valorizassem pelo que eu fazia, ou pelo que aparentava ser. Certamente por este motivo, sempre tirei excelentes notas, pois adorava quando as pessoas olhavam para mim e diziam: “nossa, como ele é inteligente!”. Adorava ver como minha mãe se sentia feliz e orgulhosa por ter um filho inteligente e elogiado pelos professores.

Essa necessidade de compensação vinha de encontro com meu sentimento de inadequação frente aos outros. E não apenas a isso, mas também a meu sentimento de inferioridade em relação a eles. Dessa forma, fazia-se necessário que eu me sobressaísse em outros aspectos, para “maquiar” a marca do estigma, tal como apresenta Goffman (1981). Não se tratava de uma marca visível ao outro, mas, certamente, era perceptível a mim, e era uma marca que doía mais do que qualquer outra coisa, até mesmo mais do que a solidão de não ter com quem compartilhar meus sentimentos.

Cena 6 – O sentimento de abandono e a tentativa de suicídio

Durante minha adolescência, houve um outro marco importante a ser relatado e que foi decisivo para o *coming out*. Como apresentei anteriormente, sempre fui um garoto religioso, criado em meio a uma família católica tradicional e, desde muito cedo, estive envolvido com diversas ocupações religiosas. Não obstante, uma guerra frequente ocorria dentro de mim: um lado desejando seguir à risca as doutrinas religiosas, enquanto o outro (o lado que por muito tempo acreditei ser o lado obscuro e promíscuo) ardentemente desejava libertar-se e viver seus desejos e fantasias.

Parecia que esses dois lados totalmente opostos de uma mesma moeda não conseguiam conviver harmonicamente, pois um era o completo oposto do outro. Assim, me via muitas vezes “entre a cruz e a espada”. Sucumbir aos desejos terrenos, ou me afundar ainda mais na igreja, ainda que isto fosse um suplício?

Não satisfeito com toda essa confusão, me vejo apaixonado por alguém impossível (prefiro não revelar muitos detalhes para preservar a identidade do rapaz), o que me gerava um conflito ainda maior, pelas diversas implicações que a menor ideia de uma possível relação poderia gerar.

Adicionado a isso, recaía sobre mim a pressão social e familiar, em relação a meu futuro profissional, pois, com 16 anos, já havia terminado o Ensino Médio e estava há um ano ocioso. Por vezes, me deparava com meu irmão me chamando de BURRO, por ainda não ter conseguido ingressar no Ensino Superior (até hoje essa cena, ainda que aparentemente boba, vive em mim como se tivesse acabado de acontecer).

Diante de tudo isso, já não sabia mais o que fazer, não sabia quem eu era, nem como lidar com todas essas situações. Essas dúvidas e sentimentos me angustiavam, mas não podia e nem tinha ninguém que pudesse me orientar, me ajudar ou, simplesmente, ouvir o que eu tinha para dizer.

Sentia como se todas essas situações juntas me causassem pressões tão grandes que parecia que seria esmagado: tem que ser um bom filho; um bom garoto; tem que passar no vestibular, porque parece que “até um burro é mais inteligente que você” (Irmão); não pode ser gay, porque a família vai sofrer, e Deus condena, então vou para o inferno.

Diante de tudo isso, só encontrei uma saída para lidar com toda esta angústia: **TIRAR MINHA VIDA.**

Passei a pensar que, ainda que alguns sofressem com minha ausência, seria um sofrimento que iria passar com o tempo. Contudo, se eu continuasse vivo, aqueles que eu amava continuariam sofrendo, constantemente, com a decepção que eu causava.

Aceitar cegamente as expectativas e demandas sociais e familiares para manter o amor em segredo pode limitar a vida e até mesmo anulá-la. Estas experiências tirânicas podem gerar um isolamento pessoal opressivo [...]. Talvez o efeito mais nocivo de manter um segredo na vida interna do gay ou lésbica seja a morte através do assassinato ou o suicídio (SANDERS, 1994, p. 228-229).

Talvez, se eu não estivesse mais vivo, não causaria mais sofrimento para meus pais (pois acreditava que, certamente, se um dia eles descobrissem que eu era gay, isso ocasionaria um terrível sofrimento). Talvez, se de alguma forma minha vida me escapasse, todo esse sofrimento findaria, e enfim poderia ficar em paz... talvez, se eu morresse, não me tornaria um motivo de vergonha para meus pais, nem seria mais apontado por alguns da igreja pelos meus erros.

Lembro-me que a angústia era tão intensa, que esses pensamentos me acompanhavam diariamente, por onde quer que eu fosse, ao passo que, por tantas vezes, me percebia caminhando pela rua e me imaginando “acidentalmente” indo para o meio da rua, sendo atropelado por qualquer um dos veículos que passavam.

Os meses foram passando, até que, em um dia pela manhã, saí mais cedo do cursinho de pré-vestibular que frequentava e me dirigi para casa, com uma ideia fixa que não me saía do pensamento: ESTE ERA O DIA.

Cheguei, encontrei a casa vazia, conforme imaginava, fui até a despensa de mantimentos e peguei um veneno utilizado para matar ratos (não poderia ter escolhido arma melhor, pois, naquele momento, era exatamente como eu me sentia, um rato esgueirando-se pelos cantos, tentando passar despercebido pelas pessoas que me rodeavam).

Despejei o conteúdo num copo com refrigerante e busquei dentro de mim forças para concretizar o ato. Passei cerca de 20 minutos imóvel, na porta da cozinha de casa, olhando para o copo, imaginando tudo o que poderia acontecer naquele momento, numa mistura de medo, angústia, tristeza e covardia, até que ouvi um barulho na porta (era meu irmão chegando da faculdade) e, por impulso, entornei todo o conteúdo do copo, ingerindo o veneno que se misturava ao líquido, todo de uma vez.

Lavei o recipiente, como se nada tivesse acontecido e direcionei-me ao meu quarto. Ao entrar, me passou um filme pela cabeça e apenas uma afirmação me vinha à mente: “Agora não tem mais volta!”. Decidi pegar um caderno velho, que encontrei por ali, para escrever uma celebre carta suicida, no intuito de que em algum momento alguém a encontrasse.

Em meio às lágrimas, busquei em minhas palavras me desculpar pelo sofrimento que causara (ou pensava ter causado) a tanta gente. Tentei ainda confortar meus pais em relação ao suicídio, explicando que aquilo era o melhor que poderia ter sido feito (hoje percebo que, na verdade, não queria apenas confortá-los, mas também me convencer daquelas palavras), e por fim me despedi dizendo que os amava.

Fechei o caderno e o guardei na escrivaninha, deitei-me e fechei os olhos, esperando que fosse a última vez que os teria aberto, adormeci. Porém, algo que eu não planejara ocorreu: minutos depois comecei a me sentir muito mal, sentia calafrios, suava intensamente e, mesmo aparentemente sem forças, me levantei, cambaleando e me apoiando na parede, chegando até o quarto do meu irmão, em busca de socorro.

Disse a ele que não estava bem, me deitei em sua cama e uma ânsia de vômito revirou minhas entranhas. Novamente me levantei num impulso e corri para o banheiro. Senti algo

ruim, como nunca senti antes e, enquanto vomitava, uma frase martelava em minha cabeça: “Tá vendo, a culpa de estar assim é sua!”.

Ao concluir, voltei ao quarto do meu irmão e, antes de chegar à cama, sem forças caí ao chão e iniciei um intenso ataque convulsivo, porém, até então, não havia perdido a consciência do que acontecia a meu redor e das dores que sentia. Meu irmão, apesar de estar cursando enfermagem, não sabia o que fazer, então ligou para nosso pai, que prontamente foi até em casa para me socorrer.

Após esse momento, lembro de perder a consciência, tendo breves lampejos de consciência: ouvia meu pai querendo me dar lições de moral (pois naquele momento eles acreditavam que tudo fora desencadeado por uma infecção alimentar); meu irmão comigo nos braços, discutindo com ele enquanto me levava para o carro, explicando que aquele não era o momento para suas represálias; estar no hospital, com aparelhos de monitoramento cardíaco ligados e meu pai chorando (a primeira vez que o vi naquele estado, o que se repetiu apenas anos depois, com a morte da minha avó e, recentemente, com a perda de sua irmã).

Incrivelmente, parece que tudo o que eu havia ingerido fora jogado ralo abaixo em casa, ao vomitar, pois a desculpa de infecção intestinal foi tomada como verdade por dois anos, quando enfim tomei coragem e contei para minha mãe o que de fato havia ocorrido naquele dia (mas este é um assunto para outro momento).

Voltei para casa, me reestabeleci e segui minha vida. A partir daquele momento, parece que minha vida deu uma guinada de 180°. A morte não é o fim, e certamente a sensação de culpa das pessoas pela minha morte, após entender o que me levava a isso, seria tão esmagadora quanto o que eu estava sentindo até então.

Ao pensar nessa cena, retorno à história de Henrique, que apresentava:

Então, teve em outras situações, bem de eu procurar ajuda religiosa para eu lidar com esse desejo sexual, para não deixar vir a tona, daí que chegou um ponto, eu comecei a entender de que Deus tinha me feito assim, que as coisas aconteceram assim também por vontade de Deus e, então, eu não tinha de lutar contra isso. Se fosse para ser assim, Ele não deixaria acontecer, vir à tona tudo isso. Então, eu comecei a levar mais leve e para continuar praticando a minha religião. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Após este episódio, passei a flexibilizar algumas questões, assim como Henrique. Já cansado de me martirizar, passei a construir um novo olhar sobre a espiritualidade e o divino. Comecei a compreender que não havia motivos para acabar com a minha vida; na verdade, o que precisava era me reconhecer no espelho, com meus erros e meus acertos, com meus desejos

e sentimentos. Precisava aprender a amar quem eu sou, em minha totalidade, pois somente assim poderia também fazer com que os outros me respeitassem; precisava esquecer o que a sociedade impunha como regra para minha vida, pois somente assim poderia realmente seguir e ficar bem.

Afinal, assim como apresenta Marcos,

[...] o fato mais importante de assumir a sexualidade é você aceitar e estar bem com essa situação, com aquilo que está vivendo, então, assim, eu acho que isso é a aceitação principal. Agora eu acho assim, o fato de contar ou não contar, de não falar é a exposição mesmo. Eu me considero assumido porque várias pessoas do meio sabem de tudo, o que acontece é que eu procuro não me expor a todo momento e ter uma vida mais reservada, não a todos, a algumas pessoas mais próximas que não são minha família, mas que são muito próximos, são meus amigos, gradativamente alguns vão sabendo, mas sem exposição em massa, sem espalhar, sem exposição em massa mesmo. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Naquele momento, mesmo que a tentativa real de suicídio não tenha vingado, algo ou alguém talvez tenha, de fato, morrido naquele dia. A partir daquele dia, foi deixado para trás um Pádua extremamente rígido e que se autopunha severamente. Em seu lugar, aparecia um Pádua até então desconhecido para mim, agora mais leve, sem tanta culpa e remorso. Não estava completamente livre das neuras, mas já me sentia bem menos pressionado.

Hoje, após quase dez anos do ocorrido, pensar em tudo isso parece ser uma loucura, um momento sombrio, que me causa náuseas apenas em lembrar da cena, em descrevê-la, mas que acredito que tenha sido um dos grandes marcos no meu processo de aceitação, de autoconhecimento e de assunção da minha identidade.

Felizmente, o meu final não foi trágico, mas hoje imagino quantos gays, lésbicas, trans e afins, também já passaram por situações semelhantes à minha, sem ajuda, sem apoio, sem alguém com quem pudessem desabafar. Quantos, talvez, assim como eu, achavam que a única saída seria encerrar a própria vida, e assim o fizeram.

5.3 O *COMING OUT* NECESSÁRIO

Passadas as cenas relatadas anteriormente, inicio o relato das cenas em que precisei sair do local sombrio, onde há tanto tempo me enclausurei, na busca de expor aos meus pais e irmão sobre minha sexualidade.

Mediante a dificuldade de expor meus sentimentos para meu pai, foi necessário o intermédio de outra pessoa, tal como poderão perceber adiante.

Cena 7 – Mãe

Minha mãe passou parte da minha infância ouvindo boatos de outras pessoas de que eu era gay, especulações provenientes da forma como me comportava, mas, até então, sem nenhuma confirmação.

Porém, quando tinha 17 anos, como relatei anteriormente, estava namorando com uma garota (o penúltimo relacionamento feminino que tive), realizando o sonho de toda a vida dos meus pais, visto que não era muito comum que eles me vissem com alguma possível namorada.

Ao passo que me relacionava e ostentava a posição de hétero, acabei conhecendo um rapaz que me arrebatou, alguém que era tudo o que eu sonhava, que me encantava com seu jeito, com seu comportamento sempre preocupado comigo e com sua doçura (posteriormente, descobri que parte da imagem que construí sobre ele era irreal).

Por estar nesse conflito, decidi conversar com minha mãe para pedir uma orientação, visto que não tinha mais ninguém com quem conversar naquele momento e por ter com ela uma relação de confiança. Também, já estava cansado de esconder, então, unindo as duas circunstâncias, resolvi desabafar.

Numa manhã de quarta-feira, sentei sobre a pia da cozinha, enquanto minha mãe fazia o almoço, e iniciei a longa e difícil conversa:

- Mãe, não sei o que fazer, estou muito confuso!

- Por que meu filho, o que houve?

- Mãe, estou apaixonado por alguém que não é a minha namorada, e não sei o que fazer em relação a isso.

Minha mãe, docemente me respondeu, como se fosse a coisa mais simples do mundo, o que logo ela perceberia que não era:

- Então termina com ela meu amor. Você deve ficar com quem você ama, isso não é justo nem para você e nem para ela.

- Ah mãe, infelizmente não é tão simples assim!

- Mas por que? Você não gosta dessa outra pessoa!? Então você deve ficar com ela.

Senti um grande aperto no peito e um nó na garganta, porém, sem saber uma forma mais branda de dar a notícia, respondi:

- É porque é um homem!

Naquele momento, seu semblante mudou completamente, não mais sereno, compreensivo, mas pesado e impactado com a notícia que acabara de ouvir.

Tentei explicar a ela como me sentia, como essa questão me deixava triste e desnorteado, mas parecia que ela simplesmente não ouvia, ela não conseguia compreender. Ela só se reservava a dizer que isso não podia, que era errado.

Expliquei a ela que não era fácil para mim ter que lutar a vida inteira contra algo que sentia, que não conseguia me sentir atraído por meninas como eu gostaria ou como deveria. Começamos a chorar, juntos, ali na cozinha, um olhando para o outro. Ela me abraçou, sem dizer uma palavra, e saiu do local onde estávamos, me deixando sozinho.

Fiquei ali, pensando se contar para ela teria sido a decisão correta. Falar para minha família sobre isso, para mim, até então era algo improvável, pois nunca tive muita certeza de como seria a reação deles. Talvez eu compartilhasse do pensamento de Henrique, quando coloca:

Eu tinha pensado para mim de que eu não iria falar para eles, é, a não ser que eles me perguntassem. É... era angustiante a situação de eles não saberem das coisas e ficar com questionamentos de o porquê que eu não tinha namorada, quando eu ia me casar e eu ficava também angustiado de que eles ficassem sabendo também desta informação por outras pessoas [...] a minha mãe suspeitou disso por conta de conhecer alguns amigos e ela mandou meus irmãos perguntarem. [...] Então, eu confirmei e depois disso [...] teve uma conversa com minha mãe e meu pai. A princípio eles falavam que me aceitavam, mas que não queriam ter contato com isso, com a homossexualidade, com homossexuais. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Não muito diferente do que ocorrera com Henrique – exceto pelo fato de não haver intermédio de irmãos no processo de *coming out*, e pelo fato de não haver conversado também com meu pai –, minha mãe, do mesmo modo, expressava-me aceitar, mas não me apoiar. Segundo ela, não poderia lidar com homens que fossem meus namorados, ainda que soubesse que alguns gays, que eram meus amigos, já haviam frequentado nossa casa.

Contudo, após a revelação, sentia como se meu coração estivesse despedaçando, pois, enquanto, por um lado, estava numa situação de difícil escolha (em relação à namorada e ao outro rapaz), por outro, depois desse dia, passei a encontrar minha mãe, praticamente todos os dias, chorando pelos cantos da casa.

Era extremamente doloroso saber que estava causando sofrimento a alguém que eu tanto amava, aquela que era a última pessoa a quem eu desejaria causar algum tipo de dor. Mas também não podia anular meus sentimentos, deixar minha felicidade de lado, então decidi terminar o namoro e embarcar nesta aventura.

Comecei a me relacionar com esse rapaz, porém às escondidas, sem falar mais sobre o assunto com minha mãe, ou com mais ninguém, pois não queria fazer mais ninguém sofrer.

Assim permaneci por anos, me relacionando com rapazes, sempre escondido, novamente, sem poder desabafar meus sofrimentos, nem partilhar minhas alegrias.

Apesar disso, poder fazer uma nova tentativa de *coming out* foi muito importante, neste momento em que já possuía certa maturidade, diferentemente do que ocorrera na cena relatada no início da adolescência. Pude inclusive sentir certo alívio e, gradativamente, sentia que o peso do mundo saía de minhas costas.

Essa sensação outra vez corrobora com a experiência vivenciada por Henrique, que “relata se sentir aliviado ao revelar para os pais sobre sua orientação sexual; este fato ajudou na sua auto aceitação e na relação com os mesmos, pois alguns segredos e mentiras, por exemplo, as falsas namoradas, não eram mais necessárias.” (NASCIMENTO, 2007, p. 98).

Cena 8 – Irmão: um *coming out* dividido em duas etapas

Em relação ao meu irmão, não sei informar, ao certo, se o *coming out* ocorreu, efetivamente, antes ou após a cena com minha mãe, isto porque, com ele, aconteceu em dois momentos. O primeiro foi ainda na minha adolescência, quando ele, mexendo nos arquivos do computador de mesa que compartilhávamos, descobriu que eu visitava *sites* de conteúdos eróticos gays e mantinha contato com um rapaz que, ironicamente, ele conhecia e sabia que era gay.

Nunca imaginei que ele descobriria, muito menos que era seu conhecido, porém um dia, enquanto ele estava na sala do computador, onde também realizava minhas tarefas escolares, fui chamado por ele para conversar.

Meu irmão, que até então nunca havia se preocupado minimamente com minhas questões pessoais, dúvidas ou outras coisas do tipo, colocou-se numa posição hostil, me exigindo explicações sobre os conteúdos que havia encontrado e uma foto desse rapaz, que estava salva na pasta de *downloads*.

Um frio me percorreu a espinha, porém, tentando me controlar, expliquei que o rapaz era apenas meu amigo e que não havia nada demais. Inicialmente, ele me questionou pelo fato de manter contato com outro homem que era gay, mas, diante de minha negação, fingiu acreditar, me dando apenas um sermão e me dispensando. Na realidade, esse rapaz de quem ele encontrara a fotografia era alguém por quem eu nutria um belo sentimento e era correspondido, mas, após esse dia, nunca mais tivemos contato, pois meu irmão o abordou, também o hostilizou e exigiu que se afastasse de mim (algo que só descobri tempos depois, por intermédio da minha cunhada).

Desse dia em diante, passei a receber inúmeras mensagens em meu celular, vindas do meu irmão, com conteúdos do tipo: “eu imagino o que você deva estar vendo agora, que vergonha!”, “nunca imaginava algo assim de você, estou decepcionado”. Isso me fazia sentir muito culpado, triste, mas também indignado, pois, na maioria das vezes, não estava fazendo nada do que ele insinuava.

O tempo passou e não mais falamos sobre este assunto, e após cerca de um mês de mensagens constantes, ele passou a agir como se nada houvesse acontecido. Até seis anos atrás, pelo menos, quando ocorreu uma situação semelhante, porém, desta vez, não com o computador, mas com meu próprio celular.

Meu irmão pediu, numa noite, meu celular emprestado para enviar uma mensagem e, sem minha autorização, decidiu olhar minhas mensagens pessoais. Quando voltou para me devolver meu celular, me abordou de forma simples e direta em busca de saber quem seria “Adailton” (meu namorado).

Naquele momento, e com a pergunta, me lembrei das trocas de mensagens que costumava ter com meu namorado. Num ímpeto de talvez autopreservação, me resguardei a responder:

- É meu amigo.

Por mais duas vezes meu irmão insistiu na mesma pergunta, até que, vencido pelo cansaço, respondi o que acredito que ele já sabia, mas insistia em ouvir de mim mesmo:

- É meu namorado, e daí?

Essa confirmação foi o estopim para uma intensa discussão, na qual ele jogou na minha cara que eu era religioso, mas não vivia o que pregava, que eu era um cínico e dissimulado, que com certeza iria para o inferno. Dizia que eu deveria criar vergonha na cara, pois falava com tanto orgulho que tinha um NAMORADO! Isso era um absurdo para ele. Afirmava que eu era um egoísta, pois não pensava nos meus pais, que eles iam sofrer por tudo isso.

Informava que se algum dia meu namorado o encontrasse na rua, deveria atravessá-la, pois não queria ter o desprazer de encontrá-lo e poderia chegar até mesmo a agredi-lo.

Não bastando os conflitos internos que ainda estavam em processo de resolução, a duras penas, agora tudo isso era novamente jogado sobre mim, me fazendo reviver a culpa e vergonha.

Eu, no ápice da tentativa de autodefesa, falei algo que já havia maquinado para uma situação como essa, no puro intuito de feri-lo. Afirmei a ele que parte da culpa de eu ser gay era dele, pois nunca o tive ao meu lado para me orientar, me ajudar. Ele, que sempre se

responsabilizou por mim financeiramente, até mais do que nossos pais, acreditava que isso era suficiente e negligenciava minhas necessidades de apoio emocional.

Obviamente, eu realmente não acreditava que a culpa era dele, na verdade, não culpava ninguém, mas, no calor do momento, o que mais desejava era magoá-lo tanto quanto ele estava me magoando, e magoei.

Ouvir isso, para ele, certamente foi muito doloroso, ao ponto que ele não soube mais o que dizer e calou-se, não só por esse dia, mas por meses. Passamos muito tempo sem nos falarmos, ambos inflamados pela mágoa que nos causamos naquele dia, até que nos deparamos com uma situação constrangedora, vivenciada por ele. Nessa situação, ele foi muito magoado por outra pessoa, e eu estava ao seu lado para apoiá-lo.

Nesse dia, tive um dos mais belos momentos com ele, pois nos abraçamos, nos perdoamos pelo que havíamos falado um ao outro, e ele disse que me amava, ainda que eu fosse “dessa forma”. Porém, mesmo me amando, ele não conseguia aceitar meu relacionamento, evitando conversas sobre o assunto e se esquivando de estar presente nos mesmos locais em que estávamos juntos (meu namorado e eu).

A briga ocorreu em meados de maio de 2011, porém, apenas na virada desse mesmo ano, consegui encará-lo, pedir perdão e retirar dele o peso da culpa por minha sexualidade, explicando que ele não tinha responsabilização nisso, mas que se tratava de uma questão interna minha.

Henrique, ao relatar a reação dos irmãos, apresenta parte da reação semelhante à do meu, ao afirmar que, no caso dele,

[...] o posicionamento foi mais reacionário, sendo que no momento da revelação o irmão mais velho chorou, inconsolavelmente, com a confirmação do irmão. Em outros momentos, tal irmão hostilizou namorados de Henrique, os quais frequentavam sua casa esporadicamente, ficando uma situação bastante indesejável. (NASCIMENTO, 2007, p. 98)

Diferentemente de Henrique, não tive a possibilidade de levar Adailton para frequentar a minha casa, visto que ele poderia ser hostilizado pelo meu irmão, além de certamente ser recebido de forma fria pela minha mãe (decerto ela não o trataria de forma agressiva, mas também não seria amigável). Quanto ao meu pai, seria uma relação no mínimo estranha, pois ele, até então, não sabia a posição que Adailton ocupava em minha vida.

Cena 9 – O *coming out* nunca realizado: O pai

Devido às limitações que sempre tive, em relação a me sentir à vontade para falar com meu pai sobre assuntos mais particulares, sabia que a tentativa de realizar o *coming out* com ele, inevitavelmente, seria mais difícil. Porém, como expliquei, sempre deixei muito claro aos meus pais o desejo de ser independente e sair de casa para buscar um lugar que fosse meu. Meus pais pareciam concordar, mas acredito que, na realidade, acreditavam que a concretização desse desejo demoraria ainda muito tempo.

Muitas causas permeavam o meu desejo de sair. Por um lado, havia a vontade de ser livre para decidir o ir-e-vir dentro do meu próprio lar, como quanto aos amigos e namorado; por outro, não me sentia à vontade dependendo financeiramente dos meus pais e do meu irmão; e, ainda este outro fator, aprendi que só poderia revelar ao meu pai que era gay, após ter uma estabilidade financeira (era o que minha mãe me dizia sempre), pois, caso a reação do meu pai fosse muito negativa, eu teria condições de me sustentar sozinho. Dessa forma, associei que o processo de *coming out* para meu pai estava diretamente ligado ao sair de casa, ou seja, eu deveria “sair do armário” já preparado para “sair de casa”.

Tomado por esse desejo, terminei a graduação e, logo em seguida, retornei à faculdade, como docente. Paralelamente, iniciei um planejamento em busca da minha independência. Exatamente dois meses após a contratação, decidi sair de casa para ir morar com meu namorado e, por isso, passei a me cobrar internamente para revelar ao meu pai sobre minha condição sexual e, principalmente, os motivos que me fizeram sair de casa.

Saí, pois já estava esgotado de ter que inventar histórias para poder dormir na casa do meu namorado, de acordar com minhas amigas para que elas se tornassem meus álibis. Isso para mim era muito desgastante, além do fato de nunca poder levá-lo para um almoço em família, situação que perdura até hoje, três anos após a saída da casa dos meus pais.

Para evitar mais conflitos, então, decido ser dono de minha própria vida, saindo de casa no auge dos meus 23 anos, enquanto meu irmão, com seus 28, ainda não tinha nem pretensão de tomar uma atitude semelhante. Não sendo mais dependente, teoricamente não mais precisaria me esconder, porém, apenas teoricamente, visto que a coragem não me permitia encarar meu pai para lhe contar a verdade.

Mediante minha atitude, além da pressão interna para realizar o *coming out*, havia a cobrança direta, vinda por parte da minha mãe, para que eu o fizesse, uma vez que ela tinha medo que meu pai descobrisse por outra pessoa, e sua reação fosse mais negativa. Ela falava

como se fosse simples expor algo tão íntimo a quem nunca me deixou confortável para falar sobre mim, ainda mais ao lembrar como foi com ela.

Eu precisava estar preparado para a não aceitação ou ao menos para o que poderia ser desencadeado mediante minha revelação ao meu pai, já que havia experienciado o processo com minha mãe e meu irmão. O que ocorre, todavia, é que, na verdade, esse “estar preparado” parece nunca ocorrer, efetivamente, pois a falta de certeza sobre como será, de fato, o retorno do outro sempre me causava certo pavor.

Certo dia, em minha segunda visita à família, num domingo, percebi que meu pai estava estranhamente diferente, sem muitas palavras, isolado no quarto e me tratando com certa rispidez e frieza.

Fiquei bastante triste e comentei com minha mãe como me sentia, expondo ainda que isso me desmotivava a ir visitá-los e a falar sobre minhas questões com meu pai. Para minha surpresa, minha mãe confessou que o motivo da mudança foi porque ela havia se antecipado a mim e contado praticamente tudo a ele. Disse que eu havia saído de casa para morar com um amigo gay (que ele certamente compreendera que não era apenas um amigo), que eu também era gay e que tentara suicídio por não saber como lidar com isso.

Ela me explicou que contou a ele, pois, após minha saída de casa, eles choravam praticamente todos os dias. Além disso, ela sentia como se estivesse traindo-o, por não contar a ele a verdade, por isso se antecipara. Me disse também que, após a revelação, papai nunca mais chorou pela minha saída, não sei se por me compreender ou por me renegar.

Por algum motivo, que não sei bem explicar, nas visitas seguintes meu pai tornou a mudar, porém, desta vez, de uma forma bastante agradável. Percebi que, se antes ele me tratava com carinho e respeito, agora o carinho multiplicara.

Contudo, ainda que o afeto tenha redobrado, a resistência em conviver com meu então esposo permaneceu, ao ponto de me colocar numa posição de escolha: ou frequentava a casa dos meus pais, sozinho, e voltava a me colocar “dentro do armário” para satisfazê-los, com a imagem do filho “perfeito”, ou assumia, enfim, um posicionamento. “Voltei ao armário” por mais de um ano, depois disso, para tentar manter o vínculo com a família, para estar próximo a eles. Todavia, notei que essa situação desgastava não só o meu relacionamento²⁰, mas também a mim mesmo, por ter que sustentar uma outra figura que, nem de perto, era como eu me sentia.

²⁰ Imagine você ser bem recebido na casa do seu companheiro, por toda a família dele, e não poder levá-lo para um almoço em família, devido à retaliação. É mais, ter que sair aos domingos, e deixá-lo em casa sozinho, por não poder levá-lo consigo.

Nesse impasse, parei de frequentar, por tempo indeterminado, a casa dos meus pais, pois, já que não aceitariam o Adailton pelo simples fato de ser meu esposo, também não era lógico conviver com o filho gay.

Acredito que, a partir da saída de casa, iniciei factualmente a obter, além da independência financeira, meu processo de empoderamento, de assunção da identidade gay, pois já não sentia mais o peso da preocupação em relação a se meu pai, principalmente, descobriria alguma coisa. A sensação de liberdade era fantástica, enfim podia respirar, viver, ser feliz, me importar mais comigo em detrimento dos outros.

Ao fim, ser exposto pelo outro, ao menos nessa situação, especificamente, me causou um alívio, pois, teoricamente, não necessitaria mais encará-lo numa conversa, visto que ele já sabia. Porém, junto do alívio, me deparei com um sentimento de inutilidade e covardia, pois sentia, e até hoje sinto, que eu mesmo deveria ter lhe contado, ainda que um medo inexplicável me assale, na mínima ideia de falar sobre esse assunto com ele.

Muito do medo e resistência se explica, acredito, na colocação de Marcos, que, ao ser questionado sobre a dificuldade de falar sobre sua sexualidade com a família, relata:

[...] eu acredito que... não o que dificulta, mas é que eu não estou preparado ainda para receber a reação deles, porque, é, difícil prever a reação que eles vão ter, mas eu acredito que eles não aceitariam de forma alguma [...] Eu acredito também que mais pra frente eles estejam pensando da mesma forma, mas o que teria mudado seria eu, eu estaria mais pronto para receber essa não aceitação deles, né. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Assim como Henrique, que fora exposto pelos irmãos, e não por ele mesmo, sinto como se algo estivesse, de fato, inacabado, mas o medo me paralisa, me causando, ainda hoje, uma angústia, pelo simples fato de imaginar como seria esta conversa.

Ao ler o trabalho de Nascimento (2007) e a construção da carta na qual Henrique poderia expor como se sentia para seus pais, notei ainda mais como as situações se assemelham, e como, mesmo sem nos conhecermos, partilhamos, enquanto seres em situação semelhante, os mesmos sentimentos.

Lágrimas ainda me vêm aos olhos ao ler sua carta que dizia:

Gostaria que essa conversa fosse pessoalmente, para poder ver seus olhos e você ver os meus (que por sinal já estão cheios de lágrimas). Sempre fugi de falar sobre este assunto doloroso, mas como vejo que esse segredo faz um abismo entre nós e também me limita a ser tudo que posso e quero ser, resolvi confidenciar-te: sou homossexual. Apesar de só me dar conta disto há poucos anos, me considero assim desde pequeno. É difícil ainda hoje me ver assim.

Foi um processo lento e doloroso de aceitação contra o qual lutei muito, mas hoje posso ver que sou assim graças a Deus. Porque Ele me fez assim. Muito eu procurei pelo motivo disto. [...] não se culpe, e sei que é difícil entender, mas só nos resta aceitar. Posso dizer do quanto tive medo em te dizer isso. Mais ainda, que soubesse disso através dos outros. É um alívio imenso estar te falando. [...] Não sei como você vai me ver de agora em diante, mas acredite que agora você vai me ver mais inteiro, mais verdadeiro. Sofri muito também porque sei que tinha outros planos pra mim. Idealizou meu casamento e meus filhos. Poderia ter feito isto, mas seria uma falsidade e desonestidade para comigo e para todos. [...] Espero que me aceite, pois minha caminhada até escrever esta carta foi de muitos machucados e cicatrizes, mas de muita garra e alegrias. De um filho que te ama (NASCIMENTO, 2007, p. 111).

Penso em como seria se eu mesmo construísse uma carta como esta, na qual eu pudesse expor meus reais sentimentos em relação a tudo isso. Penso se eles terão interesse em ler esta dissertação, para saber realmente como me sinto e o que precisei fazer para lidar com todo esse sofrimento, quase sempre sozinho, ou se o mais adequado seria mesmo “matar esse dragão” numa conversa frente à frente, como dois homens adultos.

5.4 NEM TUDO É TÃO DIFÍCIL: O (RE) ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS

Cena 10 – O ingresso na faculdade e a necessidade do *coming out*

Durante todo o meu percurso escolar, sempre tive muita dificuldade em expressar minha sexualidade como a sentia, talvez, devido a todo o histórico que tive da reação que esse assunto causava nas pessoas. Com o medo da rejeição e afastamento, então, preferi guardar esse segredo por um longo tempo.

A primeira vez que recordo ter confirmado minha homossexualidade, dentro do ambiente educacional, foi já no Ensino Superior, o que não ocorreu de forma tão simples. Sentia que, se eu expressasse isso a alguém, não haveria mais retorno e, a partir de então, seria gay para sempre, como se não houvesse mais retorno depois disso, o que me apavorava.

Ao entrar no curso de Psicologia, às vésperas dos 18 anos, inicialmente, me aproximei de uma moça, que já conhecia das missões da igreja e, posteriormente, de algumas outras meninas e de Jorge, um rapaz já declarado gay desde o início e muito bem resolvido com isso.

Finalmente, encontrara alguém em situação semelhante à minha, com quem eu pudesse conversar e desabafar. Essa era a oportunidade que eu tinha de me sentir mais livre e ter alguém com quem conversar e pedir socorro em minhas aflições internas. Contudo, novamente surge a

ambivalência e o medo de que me aproximar dele pudesse aflorar e revelar o que tentava, a todo custo, esconder das pessoas por tantos anos.

Apesar de estar próximo a ele me fazer bem, sentia medo de que ele me expusesse, pois tinha ainda a falsa ilusão de que ninguém desconfiava da minha orientação sexual, então eu fingia que enganava e todos fingiam acreditar, deixando esse assunto encoberto. Deixando o receio de lado, Jorge passou a ser, então, o único com quem eu tinha liberdade para falar sobre tudo, criamos uma amizade sincera, leal e repleta de cumplicidade.

O medo de ser exposto não é algo incomum para quem ainda não passou definitivamente pelo *coming out*, podendo culminar em resistir à aproximação com outros iguais a nós.

Jorge trancou o curso, me deixando novamente sem ter com quem falar. Contudo, estar com ele me fez sentir seguro para contar às demais colegas do nosso grupo, que conviviam comigo diariamente em sala de aula e, às vezes, até mesmo fora dela, sobre minha sexualidade. Já me parecia forçado emitir comentários sobre outras garotas, apenas para que elas não desconfiassem, além de que, se ele era aceito, por que então eu não seria?

Com isso, fui gradualmente contando para elas, de uma a uma, das que pareciam mais liberais, até as aparentemente mais rígidas. Tentava me fazer crer que, caso após saber elas quisessem permanecer com a amizade, ótimo! Caso não, certamente não seria uma amizade sincera. Para três delas foi relativamente fácil, e busquei tratar o assunto com a maior naturalidade possível. No entanto, foi particularmente difícil contar a duas delas: àquela que conhecia antes da faculdade, por sermos do mesmo ministério religioso, e à outra por ser uma protestante aparentemente pouco flexível.

Para contar à primeira, fui com muita cautela, pois não sabia como seria sua reação. Porém, para minha surpresa, de todas, ela foi a que reagiu com maior naturalidade, expressando seu total apoio e afirmando que o que importava à ela era a minha felicidade.

Para contar à última, Tamires, protelei por mais tempo, porque nos tratávamos como irmãos, tinha muito medo de decepcioná-la, tinha medo que ela não compreendesse e que o histórico negativo de revelação para a família se repetisse. Contudo, quando não dava mais para esconder, a chamei para conversar.

Estávamos ambos na praça de alimentação da instituição, quando falei que precisava conversar com ela sobre algo que para mim era muito importante e gostaria de compartilhar com ela, então lhe disse que era gay.

Tamires ficou sem reação. Lágrimas escorreram por seu rosto e disse que não acreditava, que já havia discutido com seu namorado, pois ele dizia que eu era gay e ela me

defendia. Disse que eu não aparentava ser gay e que não sabia o que dizer. Eu fiquei ali olhando para ela.

Eis que Tamires, ainda chorando, para, me abraça e diz:

- Mano, não me importo com isso! Estou aqui do seu lado. Para mim vai ser um pouco difícil lidar com isso, mas estou aqui. Só gostaria que você evitasse falar sobre coisas muito íntimas, pois para mim ainda é estranho.

Compreendi seu pedido, agradei por estar ao meu lado e evitei entrar em detalhes e brincadeiras que com as outras meninas já eram comuns. Enfim me sentia aceito pelo que eu era, e que alívio era essa sensação! Pelo menos não precisava mais esconder delas.

O interessante é que, na semana seguinte, Tamires já me perguntava mais detalhes sobre como era ficar com pessoas do mesmo sexo, e foi familiarizando-se com a situação, até mais rápido do que eu esperava.

Foi um alívio contar para alguém, que não era gay e que me aceitava, não me vendo como alguém estranho ou fora do padrão, mas como uma pessoa, igual a todas as outras, em alguns aspectos, e diferente em outros, dentre eles, pelo interesse afetivo-sexual por outros garotos.

Ao pensar em minha relação com Jorge, percebo uma aproximação, até certo ponto, e posterior distanciamento à história de Henrique que, ao expor sobre o contato com outros homossexuais,

lembra-se que ocorreu de maneira restritiva e de pouca proximidade durante o período da faculdade. Esses supostos homossexuais também estavam no seu curso e o incomodavam a ponto dele os hostilizar, pois o enfrentamento daquelas pessoas para existirem como corpos sexualizados fazia com que Henrique desejasse estar naquela situação. Entretanto, não conseguia quebrar as barreiras do preconceito consigo mesmo (a homossexualidade do outro apontava a sua homossexualidade e denunciava para si a sua dificuldade de lidar com o preconceito social)” (NASCIMENTO, 2007, p. 95).

E ainda relata,

[...] inicialmente, quando eu via homossexuais, eu..., é, eram aquelas figuras que estavam mais afeminadas e por isso mais evidentes, e por isso que eu não conseguia perceber e ficava evidente. É... o que me incomodava era justamente porque eu me sentia ameaçado por eles, eu me sentia que ali eles estavam me expondo, expondo algo de mim e que eu tentava esconder, então, eu sentia a ameaça em função disso. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Apesar do inicial medo em me aproximar de Jorge, que poderia culminar na minha exposição, deixei de lado meus preconceitos e pude experimentar uma amizade livre de interesses, pude me sentir enfim compreendido e acolhido.

Cena 11 – A construção de novos vínculos de apoio

Há quem procure cursar psicologia no desejo de se compreender melhor, este inclusive era o desejo de maior parte dos alunos que compunham a minha turma. Havia entre nós um desejo quase unânime de se autoconhecer e de mudar o mundo.

Sempre acreditei que esta era uma ilusão, e que o autoconhecimento só poderia ser alcançado mediante o processo de psicoterapia, e não de graduação. Contudo, acredito que a psicologia, para além do autoconhecimento, me proporcionou a liberdade e, porque não dizer, a autoaceitação.

A criticidade propiciada pelo curso me fez não mais sucumbir às regras e valores forçados pela sociedade, me permitindo pensar sobre elas e analisar as imposições e o que me cabia em cada circunstância. Certamente também por esse movimento interno, houve o meu rompimento com a Igreja, da forma como me relacionava e me subjugava a ela anteriormente.

Parte desse movimento me foi possível pelas relações estabelecidas com os docentes da instituição, os quais me faziam olhar para mim mesmo de modo diferenciado da forma como aprendi a me ver desde criança. Eles, nesse momento, sem se darem conta, atuaram como figuras de apoio para meu processo de reconhecimento e de *coming out*.

Em virtude da busca pelo curso de psicologia ser predominante entre pessoas do sexo biológico feminino, entre os professores, a predominância não era diferente. Ainda nas primeiras semanas, dentre os vários professores (na sua maioria do sexo feminino), um se destacou em sala de aula, não apenas por sua maestria em ministrar os conteúdos sendo ainda tão jovem, cerca de 25 anos, mas por também ser gay, empoderado de sua condição, aparentemente tão forte e inabalável.

Assim como ocorrera com Jorge, experienciei uma dificuldade inicial para estabelecer uma relação amigável com esse professor. Acreditava que ele não gostava de mim, mas, na verdade, tudo provinha de um desejo intenso de ser como ele, de ter sua força, de me afirmar enquanto gay, sem a preocupação com possíveis represálias.

Olhar para ele me despertava inveja, por desejar estar em seu lugar, “fora de um armário” frio e escuro, aproveitando o dia e me permitindo ver e ser visto pelos outros. Só fui compreender isso recentemente, ao pensar mais criticamente sobre minha história.

Nossa aproximação se deu quase dois anos depois do meu ingresso no curso, mediante uma conversa informal via *facebook*, na qual pudemos nos aproximar e passar praticamente uma madrugada inteira trocando experiências, e sentimentos de medo, sucesso e frustração em relação ao que tínhamos em comum, nossa sexualidade.

Somente a partir disso pude compreender algo que deveria ser tão evidente, mas que, até então, me parecia utópico: alcançar um sucesso profissional e se estabelecer socialmente frente a uma sociedade heterossexista, sendo gay, tinha mais a ver com nossa forma de lidar com as circunstâncias da vida, do que com qualquer outra coisa. O lugar que o professor ocupava, então, não havia sido conseguido de forma simples, mas às custas de batalhas travadas quase que diariamente, desde muito jovem, uma batalha que eu buscava adiar, mas que, depois de nossa conversa, passei a encarar como algo inevitável, e que deveria ser assumido com coragem.

Outra pessoa que foi diferencial no processo de revelação e aceitação foi a que hoje é coordenadora do curso, mas que também foi minha professora durante a graduação. Com seu jeito inicialmente rígido, mas extremamente acolhedor e maternal com aqueles que a conhecem e tornam-se íntimos, desenvolvemos uma excelente relação ao nos aproximarmos, inicialmente via coordenação (por ser líder de sala) e, posteriormente, ao ser convidado para estagiar com ela em seu outro ambiente de trabalho.

Com ela, eu desabafava minhas tristezas e frustrações, na época, principalmente em relação àqueles que sabia que, pelas minhas costas, “insinuavam” que eu era gay. Era tão bobo e a situação era tão angustiante, que me incomodava ouvir ou saber das verdades conjecturadas a meu respeito, pois me recusava veementemente a aceitá-las. Ela, todavia, pacientemente me ouvia e me orientava a ignorar. Anos depois descobri que, internamente, ela ria por ver a minha relutância em lidar com minhas realidades, jogadas na minha cara por intermédio dos outros.

Além do Jorge, ter essas figuras não punitivas e acolhedoras, me possibilitaram lidar de modo mais adequado com minha realidade, ao ponto de me empoderar a revelar minha sexualidade às minhas colegas de classe, e perder um pouco do receio do julgamento dos outros.

Cena 12 – (Re) estruturando a relação familiar

Alguns anos após o *coming out* para minha mãe, agora já não morando mais com ela, e fazendo algumas visitas esporádicas à sua casa, inicialmente ela se apresentava altamente resistente a estabelecer qualquer tipo de diálogo que envolvesse meus sentimentos e meu relacionamento.

Quando, inevitavelmente, tocávamos no assunto “proibido”, iniciavam prontamente os embates de nossos divergentes pontos de vista.

Num desses embates, ela me disse que ainda orava para que eu voltasse a gostar de mulheres, porque este era o certo e o que Deus desejava para minha vida. Eu a ouvia, impaciente, por não acreditar que, já tanto tempo após termos conversado pela primeira vez, ela ainda pensava da mesma maneira rígida e retrógrada.

No desenrolar do assunto, precisei ser sincero e objetivo em relação à minha vida. Informei a ela que, independentemente de como seria minha vida, se permaneceria ou se um dia terminaria meu relacionamento com Adailton, o fato é que eu “não me tornaria hétero”, não haveria nem remotas chances de isso ocorrer. Para mamãe, assim como para muitas outras pessoas, é muito difícil compreender que não se “vira gay”, não se “escolhe ser gay”, acredito que parte dessa dificuldade está atrelada ao discurso religioso.

A crença de mamãe, ainda hoje, é que: - Para Deus, nada é impossível!

Dessa forma, enquanto houvesse fé, também haveria esperanças, e Deus poderia me transformar e me fazer me apaixonar por uma mulher, casar, ter filhos e ser feliz. Enfim, cumprir os planos traçados pelos meus pais antes mesmo do meu nascimento.

Ela dizia ainda:

- Não acredito no que dizem, que há mães que entendem, aceitam e são felizes pelo fato de terem filhos assim²¹ [gays]. Quando temos um filho, não tem alguém que olhe para seu bebê e pense ou queira que ele seja assim.

Eu respondia:

- Mãe, não é anormal ser assim, não sou assim porque eu quero. Lembro que desde criança sinto vontade de ficar com outras crianças, e a senhora sabe disso. Agora, infelizmente, não espere que eu vá encontrar uma mulher e deixar de sentir o que eu sinto, porque infelizmente isso não vai acontecer NUNCA.

Ela retrucava:

- Tudo bem, você continua pensando da sua forma e eu da minha.

Manter-me fora do armário foi muito difícil, pois sentia-me um egoísta em ser tão duro e por magoá-la, mas isso precisava ser feito. Cheguei a acreditar que essa fase nunca passaria, e que sempre teríamos estes conflitos.

²¹ Depois de todos esses anos, ainda não houve uma vez em que ouvi minha mãe verbalizar que tem um filho gay. Mesmo que conversemos abertamente sobre a minha condição.

Curiosamente, passei a notar que vez ou outra mamãe me perguntava sobre o Adailton, e se ele estava bem, mesmo que ainda não perguntando se estávamos bem. Um dia, contudo, diante de alguns conflitos conjugais, e já sentindo maior abertura por parte dela, disse-lhe que estava muito confuso quanto a permanecer ou não casado e que não sabia como lidar com isso, pois havia muitos prós e contras na manutenção do relacionamento.

Imaginava que Dona Maria iria prontamente me aconselhar a terminar tudo e voltar para casa, para debaixo de suas asas, onde ficaria protegido de tudo e de todos. Ela, porém, sabiamente me orientou a pensar muito bem antes de tomar qualquer decisão da qual pudesse me arrepender mais tarde. Disse que, ainda assim, poderia sempre contar com seu apoio incondicional e que estaria a meu lado, independentemente de qualquer situação.

Com o meu irmão, que era ainda mais rígido, assuntos sobre minha sexualidade eram tratados como inexistentes. Trabalhamos como professores do mesmo curso e, por várias vezes, precisei lidar com sua resistência em permanecer no mesmo local em que eu me encontrava com meu esposo.

Inúmeras vezes marcávamos *happy hours* com os outros professores no final do expediente, e sempre que eu chegava com Adailton (que todos conheciam, respeitavam e gostavam), em poucos minutos via meu irmão saindo, mediante alguns pretextos sem fundamento.

Essa situação durou quase uns dois anos, até que eles passaram a trocar algumas poucas palavras, a se tolerarem no mesmo ambiente e, posteriormente, conseguirem sustentar um diálogo.

Pensando sobre as relações estabelecidas por Henrique e Marcos, durante o processo de adaptação e aceitação da família, destaco:

Em resposta as verbalizações dos pais, Henrique diz que eles não tinham que se sentirem culpados e que ninguém tinha feito mal a ele, e que as coisas apenas tinham acontecido assim. Completa dizendo que não precisava se curar, pois não estava doente e não necessitava de oração, mas no momento em que precisasse ele pediria. (NASCIMENTO, 2007, p. 98)

Não sei dizer, ao certo, se o pensamento e a necessidade constante de oração de minha mãe residia no sentimento de culpa pela minha situação, mas o fato é que, tal como Henrique, eu não sentia a necessidade de receber orações para essa finalidade.

Contudo, assim como exposto por Henrique, aprendi que:

Depois eles passaram por uma fase..., então, eles passaram por uma fase que é..., passar por cima da história, como se não tivesse acontecido nada, que foi evoluindo para uma coisa assim, mais relaxada, de perceber. Acho que eles ficaram mais tranquilos que nada de muitas mudanças aconteciam e foram questionando mais, foram, é, se mostrando mais receptivos, é, de ter mais contato, tinha, teve situações deles terem contato com namorados meus, é, em que eles receberam e trataram bem. Então, foi um processo de aceitação, embora eu sinta assim..., que não tem..., assim..., uma grande curiosidade, um grande querer em entrar no mérito da questão. Fica em uma situação superficial. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Hoje, apesar de ainda não sentir total liberdade para falar abertamente com minha família sobre questões pessoais e afetivas em relação a mim, tenho a alegria de poder recebê-los em nossa casa, sem precisar esconder fotos ou outros objetos espalhados pela casa que expressam nossos sentimentos, ou sem precisar criar máscaras incondizentes com quem eu sou. Talvez o Pádua dos 15 anos nunca imaginaria poder vivenciar uma situação como essa, assim como Marcos²² e tantos outros também não imaginam, e por isso permanecem “escondidos”.

Cena 13 – O amor marcado na pele

Sempre tive desejo de fazer muitas coisas, as quais me eram proibidas, enquanto morava com meus pais. Um desses desejos era o de fazer uma tatuagem. Mamãe costumava dizer que, enquanto estivesse sob seu teto, iria obedecer suas ordens e que, quando eu saísse de casa, poderia fazer o que quisesse. E assim foi feito.

Tempos depois de sair de casa, passei a pensar em que desenho tatuaria. Precisaria ser algo muito bem pensado e que não gerasse arrependimentos posteriores, pois seria uma marca que carregaria durante toda a vida.

Após meses pensando, enfim decidi. Sempre gostei de pássaros e da sensação de liberdade que eles me transmitem. Além disso, pássaros geralmente voam em bandos, raramente se separando, o que pode causar a perda e até morte daquele que se desprende do bando.

Assim, decidi tatuar o símbolo do infinito, com uma pequena desintegração na ponta superior esquerda, da qual saem quatro pássaros voando em grupo. Ainda integrando o “infinito”, foram marcadas as letras “P”, “A” e “M”, fazendo menções ao meu nome e do meu irmão (Pádua e Pablo), ao do meu pai (Antônio) e ao da minha mãe (Maria).

²² Isto porque Marcos afirma não ter revelado ainda para sua família sobre ser gay, em partes se justificando no medo da reação que sua revelação pode ocasionar em seus pais.

Sabia exatamente o que aquele desenho significaria: a relação familiar, marcada pelo infinito, que mesmo no risco de desintegrar-se, permanece para mim como uma relação eterna de amor, sendo essa relação selada pelas iniciais da família. Minha saída de casa foi marcada pelos pássaros, os quatro, também simbolizando cada um de nós, a liberdade, mas também a revoada que se protege e está junta, mesmo mediante as adversidades. Contudo, os pássaros quase rompem o infinito, tal como minha saída de casa, em busca da liberdade a tanto almejada, bem como o *coming out* ameaçaram romper esse vínculo familiar.

No momento, nossa relação não estava tão forte quanto o infinito. Acredito que sentia como se ela estivesse se desintegrando, mas precisava crer que ela permaneceria forte, e que permaneceríamos juntos, ainda que parecesse uma realidade distante.

Minha tatuagem, com certeza, é a expressão do amor, marcado em minha pele, um amor que não se destruirá e que permanecerá firme e paciente, até o momento em que poderemos nos reunir novamente, todos juntos como um bando.

Cena 14 – Quando uma “minoría” se torna maioria – os vínculos no mestrado

Cerca de um ano após ter assumido publicamente meu relacionamento, mediante minha saída de casa para morar junto ao Adailton e a apresentação dele nos meus ciclos de relações, tive a possibilidade de ingressar no programa de mestrado.

Senti-me como se estivesse experienciando uma realidade paralela ao que vivia até então, pois, enquanto inicialmente os assuntos sobre sexualidade eram ignorados, entre os mestrandos ele tornava-se um importante assunto a ser tratado.

Das propostas de pesquisas apresentadas pelos mestrandos, além da minha, haviam quatro outras que buscavam discutir questões relativas à sexualidade e gênero. Isso era impressionante para mim, visto que, dentre as propostas de pesquisa de graduação, a minha fora a única voltada para a temática, num grupo de 70 alunos, enquanto no mestrado éramos apenas 15 mestrandos.

Além disso, experienciei uma estranha sensação de não precisar me intimidar em me revelar a eles, pois dentre os cinco alunos ingressantes do sexo masculino, apenas um declarava-se heterossexual. Foi minimamente curioso conviver em um grupo em que falar sobre todas essas questões era recebido com naturalidade, e que, de “minoría”, passamos a ser “maioría”.

Não sei se pela quantidade de gays, pela formação dos mestrandos (a maioria psicólogos), ou por algum outro motivo, mas me sentia especialmente aceito e acolhido por eles. Sentia que por uma das únicas vezes na vida, como na outra experiência acadêmica, na

graduação, não seria visto por minha sexualidade, mas por minhas capacidades e por ser um indivíduo.

5.5 OUTROS *COMING OUTS* E OS PROCESSOS DE IDAS E VINDAS “AO ARMÁRIO”

Apesar do fluxo da minha vida, e das dificuldades enfrentadas para “sair do armário” aos que eram próximos a mim, ainda hoje me encontro exercitando esse mesmo movimento. Percebo também que nem sempre estou completamente “fora do armário”.

Vejo-me num constante paradoxo, por exemplo, ao ser questionado por um operador de telefonia sobre meu estado civil e nome da “minha esposa”, ao necessitar decidir entre expor ou não que sou casado com outro homem, ao expressar minha sexualidade aos alunos a quem comecei a dar aula.

Ser gay, e aprender a lidar com isso de uma forma melhor, hoje me faz pensar no currículo ao qual sou exposto, no curso no qual dou aula, e a pouca importância que se tem dado a discussões de gênero e sexualidade, no Ensino Superior. Hoje, dou-me conta e busco trazer tais discussões aos alunos, que, iminentemente, lidarão com essas questões em seu cotidiano de trabalho.

Ainda hoje, me pego “de volta ao armário” ao dizer, instintivamente, que moro com um amigo, ou ao me referir ao meu esposo, para alguns desconhecidos, como “o rapaz que mora comigo” e, logo após, ao me dar conta, corrigir meu discurso, colocando-o no lugar em que deve ocupar em minha vida.

Neste mesmo movimento, retomo ao estudo que inspirou a proposta desta dissertação, estudo este que, apesar de ser direcionado à deficiência de Lígia Amaral, esta autora se encontrava continuamente na dúvida sobre o que/quando expor e o que/quando resguardar (AMARAL, 1987).

Na minha perspectiva, esse também é um exercício contínuo, com o qual deverei lidar durante toda a vida, afinal, se foi tão sacrificante, se tantas batalhas, internas e externas, foram travadas para que o *coming out* se efetivasse, não seria justo regredir ao estágio inicial.

Como apresenta Henrique,

Já teve vezes em que pensar sobre..., ah, tem gente que fala: ‘Ah, se eu pudesse eu não seria homossexual’, e eu pensava assim também e hoje em dia eu tenho dúvida. Eu acho que teria algumas vantagens sociais sim em eu ser heterossexual, mas têm muitas coisas da vida homossexual que são muito boas e que, às vezes, a gente menospreza esse convívio dos amigos, de forma alegre, é, eu acho que a gente tem bastante história e se tem coisas que não

são agradáveis, isso têm, mas o heterossexual também tem. Eu hoje em dia considero assim..., não vou dizer, com certeza que eu gostaria de ser homossexual de novo, mas hoje em dia eu tenho dúvidas, se poderia ser heterossexual ou poderia ser homossexual. (sic) (NASCIMENTO, 2007).

Tal como apresenta Butler, a sexualidade deve ser compreendida como um movimento fluido. Sinceramente, não sei se serei atraído por homens até o fim de minha vida, e hoje isso não é algo que me traz preocupações. Porém, posso afirmar que passar por todo este processo me fez aprender mais sobre mim, sobre a sociedade e, principalmente, que ser diferente do que esperam não pode ser compreendido necessariamente como algo ruim.

Certamente, passarei ainda por mais algumas idas e vindas, entrando e saindo do “armário”, local de opressão que me acomodou por tanto tempo, mas sempre na busca de permanecer fora dele, livre como os pássaros tatuados em meu braço, e em busca de encontrar meu lugar na sociedade, não de opressão ou de marginalização, mas central.

6 “ÚLTIMAS” REFLEXÕES

Entrar num processo narrativo e, subsequentemente, de autoanálise gerou inicialmente alguns desconfortos: primeiro, por expor uma história desconhecida por muitos que, inclusive, acreditam saber tudo sobre mim; segundo, porque os fatos relatados foram apresentados à luz de minha própria compreensão, passada e presente, simultaneamente (ao ter que rememorar o passado, porém com experiências e compreensões diferentes daquela que tinha nos momentos em que os fatos se sucederam).

Contudo, o término da construção deste texto, marcado pelo desafio constante em retomar minhas memórias, retratá-las e buscar analisá-las a termo de literatura, me proporcionou refletir sobre alguns aspectos.

Primeiramente, ao me permitir olhar para trás, relembrar um passado há muito deixado para ser esquecido, devido à dor, angústia e conflitos emocionais que me causava, tive a oportunidade de ressignificá-los, olhá-los sobre um novo prisma, vendo-os não mais como uma única cor, mas como um colorido de possibilidades e de sentimentos. No momento em que as vivenciei, certamente inflamado pelas emoções, só conseguia vislumbrar uma saída, geralmente de angústia e culpa. Agora, porém, pude compreender que cada uma das cenas aqui retratadas, por mais duras e difíceis, foram cruciais para minha formação, tal como me encontro atualmente.

Tentar olhar por um novo ângulo, também me permitiu compreender as relações estabelecidas, bem como o estigma que não apenas eu, mas tantos outros em situações semelhantes, compreendidos como minorias, passam sem se darem conta. Esses estigmas, entendidos como marcas carregadas pelo sujeito (GOFFMAN, 1981), os quais decidi assumir sobre mim a partir do *coming out*, curiosamente se correlacionam com a marca também assumida por mim com a tatuagem que retrata minha compreensão da relação familiar. Isto porque, em ambas as situações, marcas foram deixadas, visíveis ao outro (ainda que não concretas), dolorosas em certa medida, ambas ligadas a um aspecto comum: minha sexualidade.

Levando em consideração que a etimologia da palavra estigma refere-se a uma marca visível que priva o sujeito, por caracterizá-lo como diferente e, por consequência, indigno, ainda que ser gay não produza, necessariamente, marcas físicas aparentes, recai sobre nós o peso do discurso que estigmatiza.

A sociedade, neste manuscrito, é compreendida como uma instituição produtora de normas reguladoras que orientam as condutas humanas e as classificam como adequadas ou

inadequadas, devendo estes mesmos seres humanos encaixarem-se nesse padrão (BUTLER, 2003; 2014).

Em meio a outras minorias, como as religiosas e raciais, costumeiramente são ofertados, aos membros familiares e da comunidade, ferramentas sociais e emocionais (suporte emocional, principalmente) que os auxiliam a lidar com preconceitos advindos das maiorias hegemônicas. Contudo, entre pessoas LGBTQ, ações de preconceito e discriminação têm seu surgimento dentro do próprio núcleo familiar, assim, desde muito cedo, crianças e adolescentes aprendem que devem omitir sentimentos e pensamentos que não serão aceitáveis por aqueles que estarão a seu redor, surgindo assim a necessidade de se esconder, devido às possibilidades de represálias (DRESCHER, 2014).

Drescher ainda indica que muitos gays nascem e crescem entre grupos intolerantes, principalmente em questões relativas à sexualidade, o que pode causar certa resistência ao *coming out*, por não sentirem que serão aceitos em seus meios sociais.

Pensando ainda na homofobia como a prática de discriminação direcionada especificamente ao público LGBTQ, suas práticas não são apenas aquelas que apresentam comportamentos de maior gravidade, como insultos e agressões aos que não conseguem corresponder aos padrões sociais de gênero, mas também ocorrem em situações sutis de intolerância, como piadas e adoção de expressões de cunho depreciativo (ANDRÊO *et al.*, 2016).

Como apresentam os autores

Na homofobia geral, há uma espécie de ‘vigilância de gênero’, pois qualquer deslize cometido do masculino em relação ao feminino e vice-versa é lembrado para que assim se torne o ‘gênero adequado’. Quando esse deslize é efetivado, a pessoa se torna traidora e desertora do gênero ao qual pertencia ‘naturalmente’, por isso deve ser punida com palavras de cunho depreciativo (ANDRÊO *et al.*, 2016, p. 58).

Essa afirmação corrobora com as situações vivenciadas no início da minha infância, nas relações estabelecidas com primos e com alguns colegas de escola, que impunham sobre mim, apelidos da ordem do feminino, como punição aos comportamentos dissonantes que eu apresentava.

Essas experiências vividas no espaço escolar, lembradas ainda hoje de forma vívida, tal como apresenta Louro (1999), deixaram marcas e foram importantes marcadores, como constituintes de minha identidade social, sendo mais significativas, muitas vezes, do que os próprios conteúdos educativos ensinados pelos professores.

Na Educação Básica, o papel regulador de gênero assumido pela escola se manifesta na manutenção do discurso normativo, que proíbe expressões de sexualidade diferentes daquelas regidas socialmente (mediante as falas dos meninos, das proibições em mesclar meninos e meninas nas aulas de educação física, dentre outros), e na omissão frente às situações de discriminação presenciadas do cotidiano escolar.

No Ensino Superior, contudo, talvez devido ao fato de estar inserido em um curso da área das Ciências Humanas, as políticas de resistência se fazem presentes, seja mediante professores e alunos que expressam sua sexualidade livremente, assumindo uma postura política; seja diante da possibilidade de contato com produções teórico-científicas que discutam e problematizam as normatizações e suas subversões, como nos estudos feministas e *queers*, por exemplo.

Debruçar-me sobre minha história e analisá-la à luz das teorias de gênero e, em especial, em aspectos da teoria *queer*, proporcionou-me ainda a percepção de ataques homofóbicos que, até então, não tinham sido compreendidos por mim como tal, ou como movimentos reguladores, vindos de um meio social em busca de me trazer de volta para o curso “natural”.

Essa mesma sociedade opressora e reguladora, age como produtora de sofrimento psíquico, angústia, culpa e dor aos que não se adequam ao que lhes é imposto, o que ocorre com os grupos caracterizados como minorias.

Essas “brincadeiras” de crianças e da escola, valores sociais e familiares, reforçados pela mídia constroem a imagem do gay como uma figura indesejável, colocando os indivíduos que se reconhecem desta forma como doentes, o que provoca sofrimento, dor e, muitas vezes, ideias e tentativas de suicídio (TEIXEIRA *et al.*, 2012).

O discurso estigmatizante reproduzido por inúmeras vozes, frequentemente evidenciado neste trabalho, promove o isolamento e distanciamento do indivíduo daqueles que lhe são importantes, o que repercute no sofrimento psíquico e, por consequência, na dificuldade de autoaceitação e ainda, em casos mais extremos, em ideação e tentativa de suicídio.

“Pesquisas como as realizadas por Teixeira Filho e Rondini (2012) têm confirmado os resultados de pesquisas internacionais de que entre dez alunxs LGBT em situação escolar, 30% já teve ideação suicida ou tentaram suicídio” (ANDRÊO *et al.*, 2016, p. 60).

Não distante da realidade evidenciada por pesquisas como a citada acima, tantos outros indivíduos, como eu, buscam no suicídio a saída para lidar com o sofrimento e a pressão social em enquadrar-se na norma ditatorial de conduta sexual, alguns concretizando o ato, e outros utilizando-os como meio que permitirá traçar novos caminhos.

A não aceitação, por sua vez, relacionada ao movimento de autculpabilização, pode ocasionar ideias e tentativas de suicídio, visto que o indivíduo gay não sabe como lidar com as dificuldades que lhe advém da situação e não consegue, muitas vezes, encontrar apoio em familiares e amigos.

Assim, surge a necessidade de encontrar pessoas com as quais se identifique, geralmente por compartilharem situações semelhantes, de modo a encontrar, nessas relações, o alicerce para lidar com a opressão, preconceito e estigmatização.

O espaço religioso também opera como mecanismo regulador, e seus membros, principalmente os que condenam a homossexualidade, aportam-se na compreensão literal da Bíblia e na defesa do “casamento tradicional heterossexual” como ideais para fundamentar seus discursos opressores e discriminatórios (DRESCHER, 2014).

A partir dos relatos, é notória a força do discurso religioso, o qual perpassa não apenas as relações estabelecidas dentro da própria instituição religiosa, mas também as relações familiares, como no discurso taxativo de minha mãe, que baseia sua não aceitação na compreensão da homossexualidade como pecado passível de condenação divina.

Todos esses entraves surgem como aspectos que dificultam que gays possam passar pelo *coming out*, principalmente devido ao receio em não ser aceito pelos grupos sociais nos quais convivem, e ainda pela necessidade de lidar com as possíveis mazelas provenientes do estigma social, preconceito e discriminação.

Em alguns casos, a decisão de “sair do armário” reflete uma avaliação de possíveis reações daqueles que nos rodeiam, contudo, na maioria das vezes esta avaliação é imprecisa, o que nos impede de utilizarmos de oportunidades para aproximarmos e iniciarmos o processo de revelação (DRESCHER, 2014).

Como estratégia inicial de autopreservação, muitos adolescentes, principalmente, passam pelo momento de negação, o que impossibilita a criação de laços sociais que serão cruciais para a vida adulta, e ainda culmina na criação de mecanismos de compensação, devido o sentimento de culpa e inferioridade. Nesses casos, muitos indivíduos se sentem obrigados a agradar aos outros, como garantia de serem aceitos e como combate ao medo da rejeição (TEIXEIRA *et al.*, 2012).

Da mesma forma como apresentam os autores, minha história evidencia a construção desses mecanismos compensatórios, que perduraram por toda a minha infância, adolescência e boa parte da juventude.

Há ainda, como estratégia de evitação do estigma, a busca pela aceitação social, mediante o engajamento em práticas heteroafetivas, ainda que essa estratégia não seja efetiva para a evitação de sentimentos e desejos homoeróticos (TEIXEIRA *et al.*, 2012).

As cenas que relatei evidenciam ainda que, durante o processo de busca de autoaceitação e autocompreensão, por vezes o indivíduo gay passa por um processo de isolamento e abandono de pessoas significativas do seu convívio, parte por não saberem também como lidar com a nova situação, ou por não aceitá-la.

Para que o *coming out* seja realizado de forma positiva, portanto, torna-se necessário que o indivíduo estabeleça uma relação inicial de aceitação de si mesmo, de seus interesses e desejos, e ainda, aceite a necessidade de assumir uma identidade social gay. Nesse processo de aceitação, o sujeito passa a buscar informações mais claras e positivas sobre a homossexualidade, de modo a contrapor o que lhe fora imposto desde seu nascimento, e busca estabelecer relações duradouras e mais íntimas com seus pares, culminando nas tentativas de saída da invisibilidade e do segredo para com seus familiares, primordialmente (TEIXEIRA *et al.*, 2012; DRESCHER, 2014).

Na tentativa de revelação, esta se sucederá, em grande parte, no anseio de expressar seu “segredo” a pessoas que lhe inspirem confiança, como um amigo heterossexual íntimo, algum membro da família, ou outra pessoa que seja vista como possível figura de apoio e compreensão (DRESCHER, 2014). Porém, nem sempre o outro será receptivo tal como idealizamos, o que implica em novamente “voltar ao armário”, até que haja novas situações e o estabelecimento de vínculos de confiança suficientemente fortes para uma nova revelação.

Contudo, cabe salientar que nem todo *coming out* será, necessariamente, um processo traumático, carregado de culpa, discursos vexatórios e repressão. É inegável que há possibilidades de retornos desta natureza, porém, haverá ainda, assim como ocorrido em minha história, aqueles que servirão como figuras de apoio durante esse processo, atuando como promotores de saúde mental e suporte emocional durante esse momento.

Apesar dos possíveis perigos de fazer isso, “sair do armário” é uma experiência com frequência sentida como um processo de integração que serve para afirmar o sentimento de valor do indivíduo. Oferece a possibilidade de integrar uma vasta série de sentimentos antes negligenciados, não apenas sexuais. Uma maior facilidade para expressar os próprios sentimentos e pensamentos, tanto para si mesmo quanto para os outros, produz um enorme enriquecimento na vida, no trabalho e nos relacionamentos do indivíduo (DRESCHER, 2014, p. 31).

Assim, compreendo que nem toda revelação terá por natureza um aspecto traumático, assim como nem sempre o *coming out* ocorrerá de modo voluntário. A exemplo disso, minha história aponta cenas em que o *coming out* ocorreu a partir do outro que, de certa forma, me pressionava a “sair do armário”, seja revelando ao outro sobre minha sexualidade (como no episódio em que minha mãe revelou ao meu pai), seja a partir de pressões diretas e de discursos proferidos diretamente a mim sobre meus interesses e comportamentos.

Minha narrativa evidencia a negatividade das regulações heteronormativas à constituição da subjetividade, sendo esta podada, a todo momento, com discursos normatizadores. Apresenta ainda a importância política do *coming out* como um modelo de identificação para outros, para que, a partir das reflexões suscitadas mediante a narrativa das minhas experiências, estas sirvam de suporte e auxílio para que outros possam encontrar também seus caminhos para “sair do armário”.

Retomando os objetivos propostos para a elaboração desta pesquisa, acredito que estes tenham sido alcançados, visto que este trabalho proporcionou a percepção e compreensão do meu processo de *coming out*, bem como a participação e influência das diversas instituições sociais neste processo (família, escola, igreja), e ainda a compreensão dos processos subjetivos implicados no *coming out*.

Mas o que fazer quando não há possibilidade de resignificação e de (re) estabelecimento de novos vínculos? Quais são as saídas possíveis aos jovens?

Essas perguntas ficam ainda sem respostas, indicando a necessidade de novas pesquisas que apresentem estas outras possibilidades. Saliento, ainda, a importância da apropriação mais efetiva do método narrativo nos estudos de gênero, com estudos baseados em histórias de vida e que possam apresentar outros aspectos relativos ao *coming out*, às experiências de ideação e tentativa de suicídio entre o meio LGBTQ, dentre outros.

Por fim, percebo a necessidade de estudos que apresentem histórias de vida que inter cruzem, mais profundamente, aspectos de escolarização e regulação de gênero. Creio que estes estudos se fazem necessários para dar maior visibilidade ao grupo LGBTQ, fortalecer as lutas políticas e estabelecer espaços de discussão sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. **Introdução à Análise Narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**. Pelotas, v. 7, n. 14, set., p. 79-95, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>>. Acesso em: 10 nov. 2017

ALMEIDA, J.; CARVALHEIRA, A. A. Flutuações e diferenças de gênero no desenvolvimento da orientação sexual: perspectivas teóricas. **Análise Psicológica**, Portugal, v. 03, n. 25, p. 343-350, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v25n3/v25n3a03.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioniera Thomson Learning, 1999. p. 107-146. Disponível em: <http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/0_metodo_nas_ciencias_naturais_e_sociais_-_pesquisa_quantitativa_e_qualitativa.pdf>. Acesso em: 05 out. 2017.

AMARAL, L. A. **Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo**. São Paulo, 1987. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1987.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estático de transtornos mentais DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRÊO, C. et al. Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 01, p. 46-67, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000100004>. Acesso em: 15 out. 2017.

ANJOS, G. Identidade Sexual e Identidade de Gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 2, n. 4, jul.-dez., p. 274-305, 2000.

BARBOSA, B. C. **Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travestis e transexual**. São Paulo, 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BENJAMIN, W. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas**. V. 01, 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Edição Pastoral**. São Paulo: Paulus, 1990.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto – Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J. La investigación biográfica y narrativa en Iberoamérica: Campos de desarrollo y estado actual. **Forum: qualitative social research**, v. 7, n. 4, 2006.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, jan.-jun., p: 249-274, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000100249&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 jul. 2017.

CARRARA, S.; SIMÕES, J. A. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade sexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, jan.-jun., p. 65-99, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 mai. 2017.

CORINO, L. C. P. Homoerotismo na Grécia Antiga: homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **Biblos**, Rio Grande, n. 1, v. 19, p. 19-24, 2006. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/06/pdf_7b61bc03a1_0010976.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2017.

COUTINHO, M. L. P. **Discriminação na relação de trabalho: uma afronta ao princípio da igualdade**. Rio de Janeiro: AIDE, 2003.

DIAS, A. F. “Ser” ou “não-ser” homossexual? eis a questão – o homoerotismo no Brasil. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana, v. 02, p. 6-15, 2007. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1730>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

DIAS, M. B. **União homossexual: o preconceito e a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

DICIONÁRIO de português. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 23 out. 2016.

DRESCHER, J. O que tem em seu armário? In: LEVOUNIS, P.; DRESCHER, J.; BARBER, M. E. (Org.). **O livro de casos clínicos LGBT**. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 21-33.

FARO, J. P. Uma nota sobre a homossexualidade na história. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 124-129, abr. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 mar. 2017.

FERNANDES, H. **História de vida de um casal homossexual masculino sorodiscordante para HIV/AIDS**. São Paulo, 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FRAZÃO, P.; ROSÁRIO, R. O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. **Análise Psicológica**, Portugal, v. 26, n. 01, p. 25-45, 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/475/pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GATO, J.; CARNEIRO, N. S.; FONTAINE, A. M. Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**. Uberlândia, v.1, n.1, jan.-jun., p. 339-367. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/criticassociedade/article/view/12542>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GARCIA, M. R. V. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 597-618, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000400007>. Acesso em: 15 jan. 2017.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/308878/mod_resource/content/1/Goffman%20%20Estigma.pdf>. Acesso em: 22 out. 2017.

GRASSI, U.; MARCOCCO, G. **Le trasgressione della carne**: Il desiderio omosessuale nel mondo islamico e Cristiano, secc. XII-XX. Roma: Viella, 2015.

GREEN, J. N. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 15-41, 2003. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2508/1918>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

GUIMARAES, A. F. P. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 mar. 2017.

HAUER, M.; GUIMARAES, R. S. Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 649-662, set. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300010>. Acesso em: 15 jan. 2017.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2 ed. Brasília: EDA/FBN, 2012.

JIMENEZ, L.; ADORNO, R. C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 33, p. 343-367, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MELETTI, A. T.; SCORSOLINI-COMIN, F. Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 37-49, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193839259004>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

MELLO, A. B. et al. A homossexualidade a partir da lógica da sexuação. In: PORTUGAL, A. M. (Org.). **Destinos da Sexualidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MISKOLCI, R. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria Queer. **Florestan**, São Carlos, p. 08-25, 2014. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/florestan/index.php/Florestan/article/download/62/pdf_23>. Acesso em: 16 set. 2017

MOIOLI, A. et al. Soccer and homosexuality: The conflicts that lie within the affective game of the coach-adolescent athlete relationship. **Motriz: rev. educ. fis.**, Rio Claro, v. 20, n. 4, p. 346-358, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742014000400346&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2017.

MOREIRA FILHO, F. C.; MADRID, D. M. A homossexualidade e sua história. **ETIC - Encontro Toledo de Iniciação Científica**. Presidente Prudente, v. 4, n. 4, 2008a. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1646/1569>>. Acesso em: 22 out. 2016.

MOREIRA FILHO, F. C.; MADRID, D. M. Conceituando Homossexualidade. **ETIC - Encontro Toledo de Iniciação Científica**. Presidente Prudente, v. 4, n. 4, 2008b. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/1645>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

NASCIMENTO, M. A. N. “Velha canção sertaneja”: narrando história de vida interiorana sobre o processo de envelhecimento nas homossexualidades. **Revista Temática Kairós Gerontologia**. São Paulo, v. 16, n. 1, p. 155-171, dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9904/7358>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

NASCIMENTO, M. A. N. **Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTTT**. Assis, 2007. 215 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

NATIVIDADE, M. T. **Carreiras homossexuais e pentecostalismo: análise de biografias**. Rio de Janeiro, 2003. 110 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, T. L. **Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de história de vida**. Rio de Janeiro, 2006, 397 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10. rev. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

PAIVA, V. A. M. O. **A pesquisa narrativa: uma introdução**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>>. Acesso em 07 nov. 2017.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. Reflexões teórico-metodológicas sobre as narrativas autobiográficas como dispositivo de formação e método de pesquisa. Apresentação. In: _____. (Org.). **Pesquisa (auto) biográfica: narrativas de si e formação**. Curitiba: CRV, 2013. p. 17-25. Disponível em: <[http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/44443/Reflex%F5es%20te%F3ricos-metodol%F3gicos...%20\[apresenta%E7%E3o\]%20\(2013\).pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/44443/Reflex%F5es%20te%F3ricos-metodol%F3gicos...%20[apresenta%E7%E3o]%20(2013).pdf?sequence=1)>. Acesso em: 11 jan. 2017.

REIS, F. B. A. **Histórias de adolescente: Sentidos construídos sobre a escola**. Porto Velho, 2001. 157 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2011.

RIOS, R. R.; PIOVESAN, F. A discriminação por gênero e por orientação sexual. **Cadernos do CEJ**, Brasília, v. 24, p. 154-175, 2003. Disponível em: <<http://www.cjf.gov.br/revista/seriecadernos/vol24/artigo05.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SAGGESE, G. S. R. Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no coming out de homens homossexuais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008. Santa Catarina. **Corpo, Violência e Poder**. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Gustavo_Santa_Roza_Saggese_46.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. São Paulo: Autêntica, 2012.

SANDERS, G. L. O amor que ousa declarar seu nome: Do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: IMBER-BLACK, E. et al. **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SANTOS, H. T.; GARMS, G. M. Z. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2., 2014, Águas de Lindoia. **Anais eletrônicos...** Águas de Lindoia: Universidade Estadual Paulista, 2014. Disponível em: <http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.

SÃO PAULO. **Diversidade sexual e cidadania LGBT**. São Paulo: SJDC/SP, 2014.

SCHIRMER, A. **“Saindo dos armários”** – A análise das Políticas de Identidade na formação da Parada LGBT de São Paulo: um contraponto com a Psicanálise. São Paulo, 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo,

2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18030/1/Anderson%20Schirmer.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan.-jun., p. 11-30, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000100002/7778>>. Acesso em: 08 set. 2017.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, jan.-jun., pp. 19-54, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SIMPSON, C. A.; MIRANDA, F. A. N.; MUNDO, M. M. S.; AZEVEDO, D. M. Trajetória de vida de um homossexual: entre o silêncio e a opressão. **Ciênc. cuid. Saúde**. Maringá, v. 6, n. 4, p. 424-432, out.-dez. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/3669/2679>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

SIQUEIRA, A. J. As representações do corpo na Idade Média. **Revista Vivência**. Rio Grande do Norte, v. 37, p. 49-58, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/03_Ant%C3%B4nio%20Jorge%20Siqueira.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

SOUZA, E. M.; PEREIRA, S. J. N. (Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 76-105, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712013000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jan. 2017.

SOUZA, I. F.; EUGENIO, J. D. Diversidade e liberdade de expressão de orientação sexual: direitos, sociedade e conceitos na atualidade. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 92, set, 2011. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?artigo_id=10249&n_link=revista_artigos_leitura>. Acesso em: 24 out. 2016.

TEIXEIRA, F. S. et al. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, n. 32, v. 1, pp.: 16-33, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932012000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 jul. 2017.

TODOROV, I. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VIEIRA, T. R.; OLIVEIRA, H. G. Homossexualidade, Família e Bioética. **Revista Jurídica Consulex**, Brasília, nº 321, 2010. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:redede.virtual.bibliotecas:artigo.revista:2010;1000886072>>. Acesso em: 07 jul. 2017.